

## **Agradecimentos**

O presente trabalho só foi possível ser concretizado com a incessante ajuda que me foi proporcionada por pessoas importantes que sempre me apoiaram e nunca me deixaram desistir, dando sempre uma palavra amiga e todo o apoio necessário neste longo processo de formação a nível profissional.

Neste sentido, quero desde já deixar o meu profundo agradecimento, pois, sem elas nada disto teria sido possível.

Em primeiro lugar, o meu profundo agradecimento aos meus pais, por todo o esforço e dedicação que devotaram em mim desde o primeiro dia deste percurso formativo que espero promissor. Agradeço-vos pelas longas horas de trabalho da vossa parte, pelo carinho, atenção e motivação (marcada pela constante presença) em todos os momentos importantes na minha vida.

Ao meu irmão e cunhada, pelo apoio, dedicação e palavra amiga sempre que pensei em desistir das minhas ambições e aspirações, perante todos os obstáculos que foram surgindo. Aos amigos mais chegados, em especial à Marta Gomes Nunes, à Ana Castro e Nuno Manuel dos Prazeres pelo apoio incondicional, pelo convívio sempre enriquecedor e pela presença implicada na minha vida.

Por fim, aos meus orientadores Professor Doutor Abel Figueiredo e ao Professor Doutor Paulo Eira, pelo apoio e interesse que dedicaram a este projeto, partilhando as suas experiências. Dirijo, também, os meus agradecimentos a todos os outros professores, orientadores e cooperantes que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o meu sucesso académico. A todos, o meu mais sincero agradecimento.

## Resumo

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo de Ensino Básico, o presente Relatório Final de Estágio reflete o percurso nele efetuado.

As intervenções realizadas em contexto de educação pré-escolar permitiram compreender a pertinência do jogo para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças e como este constitui uma ferramenta facilitadora para o educador enquanto promotor de aprendizagens.

Neste sentido, empreendemos uma investigação de índole qualitativa, em torno do jogo lúdico, neste ciclo de formação. Procuramos, por um lado, averiguar como aquele influência a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, por outro lado, validar a sua utilidade, como estratégia de ensino, utilizada pelo educador.

Os resultados encontrados apontam para o seguinte conjunto de principais conclusões:

- O jogo tem um papel crucial para a aprendizagem e desenvolvimento (físico, motor, psicológico e cognitivo) completo e mais saudável das crianças do Jardim de Infância;

- Permite que os papéis de educadores e crianças sejam realçados, na medida em que os primeiros podem aqui transmitir os seus conhecimentos bem como estratégias que adquiriram ao longo da experiência que têm comprovada. Já as crianças podem mostrar a sua essência e, através dela, enriquecer esse meio de aprendizagem;

- As experiências livres são tão ou mais importantes que as delineadas (quer por meio de atividades diárias, quer por planos de atividades anuais, ou até planificações mensais) visto que é nelas que os educadores têm possibilidade de ver repercutido o seu trabalho;

- A organização dos espaços é essencial, interior e exteriormente, tendo em conta que é neles que as crianças têm de se sentir seguras; estes espaços devem também ser potenciadores de convivências positivas, inter-relações criança-criança, educador-criança e auxiliar-criança de forma a incrementar a importância das relações (de amizade, respeito, colaboração, parceria, partilha, entre outras);

- Os projetos também ganham um peso considerável ao envolverem pessoas de fora, para que mais uma vez, diferentes conhecimentos sejam transmitidos e enriquecidas as mentes destas crianças para o que as espera no futuro.

## **Palavras-Chave**

Criança, jogo, lúdico, desenvolvimento, aprendizagem, escola.

## **Abstract**

Under the Master of Early Childhood and 1<sup>st</sup> Cycle of Basic Education, we made this final Training Report, with the purpose of reflecting the journey that we made under the context of early childhood and 1<sup>st</sup> cycle of Basic Education.

The interventions that we made in the context of early childhood allowed us to understand the importance of the game and the playfulness to the development and learning of children and how this are a facilitating tool for the teacher as a promoter of learning.

In this context, we undertook a qualitative research around the playful game, in this cycle of education, in order to ascertain how it influences the learning and development of children and their usefulness as a teaching strategy on the part of the teacher. The data collection was conducted through interviews of semidirectiva nature, focusing on six kindergarten teachers, in the municipality of Viseu.

The results point to the following set of key findings:

- The game has a crucial role in learning and development (physical, motor, psychological and cognitive) for the children from the early childhood;
- Highlights the roles of teachers and children, in that the formers can here apply their knowledge and strategies acquired through their experience; children can show their essence and, through it, enrich this learning environment;
- The free experiences are as or more important than those outlined (either through daily activities, either by annual plans of activities, lesson plans or even monthly) since it is in them that educators have the opportunity to see their work passed;
- The organization of spaces is essential, inside and outside, bearing in mind that it is in them that children have to feel secure; these spaces must also be positive of fertile relationships child-child, teacher-child in order to increase the importance of relationships (friendship, respect, collaboration, partnership, sharing, among others);
- The projects also gain considerable weight when involving outsiders, so that once again, different knowledge is transmitted and the minds of these children enriched for what awaits them in the future.

## **Key words**

Children, game, playfulness development, learning, school.

## Índice

Agradecimentos.....	i
Introdução geral.....	1
Parte I.....	3
Reflexão crítica sobre as práticas em contexto.....	3
Introdução.....	4
I) Caraterização dos contextos.....	5
1. Contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	7
2. Contexto da Educação Pré-Escolar.....	10
II) Análise das práticas concretizadas na PES II e PES III.....	14
Introdução.....	15
1. 1º Ciclo do Ensino Básico.....	16
2. Na Educação Pré-escolar.....	20
III) Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos.....	26
Introdução.....	27
1. No 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	29
2. Na Educação Pré-Escolar.....	34
Parte II.....	39
Trabalho de investigação.....	39
Introdução.....	40
1. Definição do problema.....	41
1.1. Delimitação do objeto de estudo/enunciado do problema.....	41
1.2. Justificação e relevância do estudo.....	41
2. Definição de objetivos e/ou hipóteses de investigação.....	42
3. Revisão Bibliográfica.....	43
3.1. O jogo.....	43
3.1. O jogo e a criança.....	50
3.2.1. O jogo no desenvolvimento da criança (contributos do jogo para a sua formação).....	52
3.3. O jardim de infância e o jogo.....	57
3.4. O espaço físico para as atividades lúdicas das crianças.....	58
4. Metodologia.....	61
4.1. Tipo de Investigação.....	61

4.2. Grupo Estudado .....	62
4.3. Instrumentos de recolha de dados .....	63
4.4. Validação e estruturação das entrevistas .....	65
5. Justificação da categorização .....	69
6. Resultados do estudo.....	70
6.1. Enquadramento.....	70
6.2. Práticas.....	70
6.2.1. Atividades promovidas pelo educador .....	71
6.2.2. As atividades realizadas pelas crianças .....	72
6.2.3. Estratégias utilizadas .....	72
6.2.4. Espaços de interação .....	73
6.2.5. Envolvimento dos pais.....	74
6.2.6. Outras parcerias .....	75
6.2.7. Os projetos potenciadores de atividades lúdicas .....	75
6.3. Motivos/Finalidades .....	76
6.3.1. A inclusão das atividades do foro lúdico.....	76
6.3.2. Os motivos para o desenvolvimento de projetos com cariz lúdico.....	77
6.3.3. A importância da observação do recreio .....	77
6.3.4. A pertinência das atividades lúdicas para o desenvolvimento de relações interpessoais .....	78
6.4. Espaço físico-temporal.....	79
6.4.1. Organização dos espaços escolares .....	79
6.4.2. A organização do tempo em concordância com as atividades programadas .....	81
6.4.3. A importância dos materiais .....	82
6.4.4. Os materiais potenciadores das atividades das crianças .....	83
7. Considerações finais.....	83
8. Conclusão .....	85
Bibliografia.....	87

## Introdução geral

O presente Relatório Final de Estágio foi elaborado no âmbito do Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Este documento descreve e reflete a informação necessária e pertinente, para explicar o trabalho desenvolvido nas unidades curriculares de Práticas Supervisionadas II e Práticas Supervisionadas III (PES II e PES III) que correspondem ao segundo e terceiro semestre do respetivo Mestrado, no que concerne ao plano de estudos do mesmo.

Tendo em atenção que este relatório tem como propósito apresentar uma perspetiva alargada das diferentes componentes do trabalho pedagógico e que se centrou no conceito de educação torna-se pertinente compreender que este, “deverá ajudar o aprendente a adquirir capacidades valiosas e, ao mesmo tempo, a predisposição para utilizá-las” (Katz, 2005, pp.11-12).

A estrutura deste relatório divide-se em duas partes. A primeira parte destina-se à reflexão crítico-reflexiva, tendo em consideração as práticas realizadas em contexto escolar, tanto na Educação Pré-Escolar, como no 1º Ciclo do Ensino Básico. Este documento contempla o enquadramento referente às unidades curriculares, aos locais de estágio e ao grupo/turma com os quais desenvolvemos as nossas práticas.

No que respeita à segunda parte do presente relatório final de estágio, está contemplado todo o trabalho investigativo que foi desenvolvido ao longo dos dois semestres. A nossa investigação é de natureza qualitativa, e decorreu no âmbito da PES III, em contexto de Educação Pré-escolar. Apresenta como principais objetivos compreender de que forma os Educadores de Infância utilizam o jogo lúdico nas suas práticas e qual o contributo para as aprendizagens das crianças. Do mesmo modo, pretendemos aferir se este se constitui como um elemento potenciador de aprendizagens significativas para as crianças.

O presente Relatório culmina com algumas considerações finais onde se destacam aspetos relevantes referidos ao longo do mesmo:

- O jogo tem um papel crucial para a aprendizagem e desenvolvimento (físico, motor, psicológico, cognitivo e motor) completo e mais saudável das crianças do Jardim de Infância;
- Permite que os papéis de educadores e crianças sejam realçados, na medida em que os primeiros podem aqui aplicar os seus conhecimentos, bem como

estratégias que adquiriram ao longo das experiências nesta profissão, já as crianças podem mostrar a sua essência;

- As experiências livres são tão ou mais importantes que as delineadas (quer por meio de atividades diárias, quer por planos de atividades anuais, ou até planificações mensais) visto que é nelas que os educadores têm possibilidade de ver repercutido o seu trabalho;

- A organização dos espaços é essencial, interior e exteriormente, tendo em conta que é neles que as crianças têm de se sentir seguras; estes espaços devem também ser potenciadores de convivências positivas, inter-relações criança-criança, educador-criança e auxiliar-criança de forma a incrementar a importância das relações (de amizade, respeito, colaboração, parceria, partilha, entre outras);

- Os projetos também ganham um peso considerável ao envolverem pessoas de fora, para que mais uma vez, diferentes conhecimentos sejam transmitidos e enriquecidas as mentes destas crianças para o que as espera no futuro.

## **Parte I**

### **Reflexão crítica sobre as práticas em contexto**

## Introdução

Após um longo percurso acadêmico, desde a licenciatura até ao mestrado, importa refletir sobre o mesmo, principalmente a última parte deste percurso, uma vez que permitiu compreender pelo envolvimento prolongado com os grupos de crianças o que é ser Professor e Educador, bem como a importância e influência que estes exercem no percurso educativo e formativo de cada criança, como ser único e individual, mas com a consciência que cada criança é uma figura importante na sociedade em que vivemos.

Como futura docente, tornou-se evidente que o ponto fulcral da preocupação de cada Professor ou Educador deve ser, sempre, a criança, uma vez que a mesma é o cerne de tudo que nos move, mas nunca descurando o objetivo principal - o desenvolvimento integral - dando-lhe todas as ferramentas importantes para a sua aprendizagem, adequadas à natureza de cada criança e serem apropriadas ao contexto social e cultural em que cada criança vive. (Kickbusch, 2012).

Neste sentido, importa referir que ambos possuem papéis diferentes na formação integral da criança, uma vez que é na Educação Pré-Escolar (EPE) que as crianças começam a adquirir novas competências, novos valores, novas regras e novas realidades sobre o mundo que as envolve. Já no 1.º Ciclo de Ensino Básico (1.º CEB), as crianças são preparadas para as necessidades do futuro, através de vivências significativas de aprendizagens e competências desenvolvidas.

Desta forma, no presente relatório final de estágio, caracterizamos os diferentes contextos de estágio, nomeadamente do segundo e terceiro semestre, bem como as principais características das respetivas instituições da turma e do grupo de crianças. Analisamos, de forma refletida e crítica, as práticas realizadas ao longo do estágio, integrando alguns exemplos.

Posteriormente, apresentamos uma análise crítico-reflexiva sobre as competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos ao longo das práticas realizadas durante o estágio tendo como referência os Decretos-lei n.º 240/2001 e 241/2001 de 30 de agosto, que mencionam os perfis geral e específicos de desempenho profissional do Educador de Infância bem como do Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

## **I) Caraterização dos contextos**

O presente documento tem por base o curso de mestrado em Educação Pré-Escolar e do 1.º CEB, tendo a duração de três semestres. Este é composto por unidades curriculares de frequência obrigatória e opcional, inclui, também, o estágio que está inserido no âmbito das unidades curriculares da Prática de Ensino Supervisionada (PES). Importa referir que todas as unidades curriculares incluídas neste curso foram de uma extrema importância para a minha formação, visto que fundamentaram e complementaram a unidade curricular PES, no que concerne à diversidade dos conteúdos abordados, bem como às estratégias de ensino.

No que diz respeito à unidade curricular PES, esta organiza-se em função de diferentes horários: as horas de estágio, as horas de orientação tutorial e as horas de seminário, bem como diferentes tipos de trabalho, nos diferentes locais que fomentaram a minha formação. Esta unidade curricular, tem um papel de destaque neste curso, uma vez que é nela que se integram e articulam os conteúdos específicos das diferentes áreas disciplinares com a prática letiva para se ser professor ou educador. Na verdade, PES permitiu desenvolver competências importantes, tanto no âmbito da conceção e da implementação através de projetos, de encontrar soluções para a resolução de problemas, como também no âmbito das práticas de ensino, que envolvem um trabalho com grupos/turmas da EPE e do 1.º CEB. Permitiu desenvolver competências tanto ao nível crítico (espírito crítico), como ao nível da capacidade de reflexão e autorreflexão na ação e sobre a ação, com o intuito de contribuir para uma melhoria significativa das práticas nos processos de ensino e aprendizagem.

Durante a PES II e PES III, foram vários os momentos de reflexão fulcrais importantes para a prática, tendo contribuído para o desenvolvimento de aprendizagens fundamentais neste processo de formação. Foi através das mesmas que fui capaz de detetar pequenos erros, e de refletir sobre os mesmos, uma vez que me permitiu compreender as grandes dificuldades existentes para conseguir evoluir ao longo de todo este processo.

Deste modo, a PES II permitiu-me a realização de um estágio, ao longo do segundo semestre do 1º ano de mestrado, numa escola Básica do 1ºCEB da cidade de Viseu durante catorze semanas, distribuídas por três dias de estágio (segunda, terça e quarta-feira), comportando um horário dividido em duas partes: a parte da manhã que começava às 9h00 e terminava às 12h00 e a parte da tarde, que começava às 14h00 e terminava às 16h00. No semestre anterior, a lecionação realizou-se durante dois dias, durante os quais os três elementos do grupo participaram em conjunto na realização das atividades. Na PES II, a implementação as

atividades letivas realizaram-se individualmente, por cada elemento do grupo, ou seja, cada estagiária era responsável por essa semana, à exceção da primeira e última semana. Nestas, a lecionação foi realizada em grupo.

No que concerne à PES III, referente ao último semestre deste mestrado, decorreu no contexto da Educação Pré-escolar (EPE), num jardim-de-infância pertencente situado na cidade de Viseu. Esta unidade curricular permitiu estabelecer um contacto mais profundo com a realidade do que é ser Educador. Ao longo de quinze semanas com o mesmo padrão do semestre anterior, ou seja, três dias por semana, com o seguinte horário: parte da manhã – das 9h00 às 12h00 e parte da tarde – das 13h30 às 15h30. As dinamizações por nós concebidas e operacionalizadas sempre tiveram em consideração o grupo alvo com quem trabalhamos, uma vez que este era constituído por crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos.

Como referido anteriormente, no que respeita ao semestre anterior, as dinamizações couberam a cada estagiária responsável pela semana, à exceção das duas primeiras semanas. Contudo, torna-se importante salientar que, embora as dinamizações fossem de carácter individual, todos os elementos do grupo contribuíram para a construção do plano de atividades. É de salientar que neste último semestre, tendo em atenção a elaboração deste Relatório Final de Estágio, fora o mais importante, uma vez que possibilitou uma observação mais cuidada do grupo alvo com quem íamos estagiar de forma a encontrar respostas e a proporcionar momentos onde essas respostas fossem visíveis com o intuito de responder à questão principal que se encontra na segunda parte deste Relatório, -: *“Será que o jogo e a ludicidade, na perspectiva dos educadores, são importantes para a aprendizagem das crianças da Educação Pré-escolar?”*.

## **1. Contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico**

No que concerne à unidade curricular PES II, esta foi desenvolvida numa escola do 1º Ciclo do Ensino Básico, localizada no centro da cidade de Viseu, com uma turma do 2º ano de escolaridade. Esta instituição, para além de integrar o 1ºCEB também integra a Educação Pré-escolar.

Tendo sido construída em 1985, a escola conta com 30 anos de existência e, depende dos órgãos de gestão do poder local. O estabelecimento comporta doze salas destinadas ao 1ºCEB, de entre as quais, quatro estão destinadas à Educação

Pré-escolar, uma biblioteca, uma mediateca, um bar, uma cozinha, um refeitório, um polivalente, um gabinete para a coordenação da escola, serviços administrativos, e um amplo espaço de recreio. Esta instituição possui, ainda, uma unidade de Autismo (Sala TECCH – *Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children*) e um centro de recursos Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para a Educação Especial de Viseu.

Para além do que já foi mencionado anteriormente, importa salientar que a mesma ainda possui um vasto espaço exterior, que envolve toda a área escolar, servindo para as atividades de recreio dos alunos e para atividades motrizes, quando o tempo assim permite. Se não for possível realizar estas atividades no espaço exterior, devido ao tempo meteorológico, as mesmas realizam-se no polivalente.

Relativamente à constituição da turma do 2º ano de escolaridade, onde foi realizado o estágio, esta comporta 20 alunos repartidos por 15 crianças do sexo masculino e 5 alunos do sexo feminino. Das 5 crianças do sexo feminino, uma apresenta Perturbações Específicas da Linguagem, estando abrangida pela Decreto-lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, sendo considerada aluna com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Das vinte crianças, dezassete, frequentaram a Educação Pré-escolar nesta instituição.

No que respeita à caracterização da turma, de acordo com a informação dada pela Orientadora Cooperante, todos os alunos são oriundos de famílias pouco numerosas, uma vez que 4 alunos não têm irmãos, 13 alunos têm um irmão, um tem dois irmãos e uma tem mais do que 2 irmãos. Na sua maioria, os alunos provem de um meio socioeconómico e cultural médio, visto que a maioria dos pais possuem habilitações académicas altas, desde o Ensino Secundário até ao superior, mesmo que poucos o tenham. Esta é uma turma onde se nota um grande envolvimento dos pais na vida escolar dos seus educandos.

De um modo geral, era uma turma com numerosas capacidades e facilidade na aprendizagem, mesmo com alunos cujo ritmo de aprendizagem difere do da maioria. Tratava-se de uma turma com alunos motivados, curiosos e disponíveis, com sentido de responsabilidade na concretização das tarefas. É um grupo que adora matemática e isso verificou-se nos resultados dos testes, fichas formativas, etc., uma vez que foi a área que obteve melhores resultados. Um dos momentos mais marcantes deste período de estágio, onde foi possível observar o entusiasmo, a dedicação e vontade de trabalhar, foi quando lhes proporcionamos uma tarefa (realizada em grupo), que

envolvia realizar cálculos com dinheiro, para comprar e receber troco, como é possível verificar na planificação em anexo.

No que diz respeito ao comportamento, foi necessário organizar as tarefas e atividades de forma individual, pelo que estes alunos se distraiam facilmente, quando em grupo.

Relativamente aos aspetos facilitadores de aprendizagem, destaco: a motivação intrínseca e empenho, o gosto em aprender. Quanto aos aspetos inibidores da turma, mencionam-se a dificuldade no cumprimento de regras; a falta de interiorização de valores universais como por exemplo o respeito pelo próximo, esperar pela vez, a forma de estar perante as mais diversificadas situações, entre outros, o baixo nível linguístico, poucos hábitos de leitura (alguns casos), o fraco domínio na compreensão oral e escrita.

Partindo do conhecimento desta turma, torna-se pertinente referir que as áreas disciplinares foram desenvolvidas de forma articulada, para que os alunos conseguissem encontrar um sentido nas suas aprendizagens, recorrendo ao conhecimento e às suas vivências, procurando assim articular a teoria com a prática, para a compreensão do mundo que os rodeia. Embora procurássemos seguir o horário estipulado, verificámos que nem sempre é possível segui-lo matematicamente, uma vez que em contexto de aula surgiram imprevistas às quais foi necessário responder. Foram momentos de reflexão na ação e que serviram para as reflexões sobre a consistência dos nossos conhecimentos.

Importa agora salientar o papel da Orientadora Cooperante bem como dos professores tutores tiveram um papel fundamental para a realização do estágio inserido na unidade curricular PES II, uma vez que sempre se mostraram disponíveis para nos ajudar, para nos orientar nas dificuldades, como por exemplo, a forma como deveríamos introduzir uma nova temática, ou seja, encontrar estratégias que contribuíssem, como motivação e interesse para o envolvimento dos alunos e ao mesmo tempo que contribuíssem de forma significativa para a compreensão dos conceitos que estavam a ser trabalhados. Um dos melhores momentos para enfatizar o referido centra-se na área de matemática quando tivemos de lecionar as medidas de peso, sendo que optamos por concretizar as mesmas de forma lúdica onde cada aluno pudesse participar, para tal elaboramos uma atividade de grupo onde cada criança teve a possibilidade de dar o seu contributo, -: confeção de um bolo, onde foi possível trabalhar as medidas de peso, operações e divisão silábica.

Este foi um dos melhores momentos que tive enquanto estagiária, compreendi que por vezes é preciso procurar estratégias “fora da zona de conforto” para que as crianças sintam que também fazem parte do seu processo de aprendizagem e que é mais divertido aprender através de uma “brincadeira”, do que trabalhar os mesmos conceitos de forma tradicional. Às vezes é necessário procurar outros métodos que introduzam os alunos e que sejam feitos com eles e não só para eles, pois dada a pouca mas relevante experiência que este estágio me proporcionou é de que os professores devem ser espontâneos, inventores, e sempre que possível elaborar aulas mais interativas, mesmo sendo num 1.ºCiclo (Educação Básica), visto que sempre o mesmo processo de ensino acaba por ser monótono e desinteressante para os alunos.

Neste sentido sempre que possível, procuramos introduzir momentos mais lúdicos, como por exemplo canções, para trabalhar a área do português, jogos matemáticos, como por exemplo “o 24”, com o intuito de tornar os momentos mais interativos e motivadores para os alunos. Contudo também deu para perceber que nem sempre é possível, pois temos prazos para cumprir e conceitos que não podem ser trabalhados de outra forma a não ser da forma tradicional.

Deste modo o papel da Orientadora cooperante como dos professores tutores, foram fundamentais pois com eles foi possível “discutir” quais os métodos a utilizar, quando é que devíamos utilizar e compreender o intuito das suas utilizações. A ajuda de ambos foi fundamental, uma vez que permitiu compreender que o papel do Professor não é só transmitir o saber, mas sim preocupar-se como é que este deve ser transmitido em prol dos alunos.

## **2. Contexto da Educação Pré-Escolar**

Relativamente à unidade curricular PES III, esta concretizou-se no âmbito da Educação Pré-escolar e decorreu no Jardim-de-Infância localizado na cidade de Viseu, sendo que o estágio foi desenvolvido num grupo de Educação Pré-escolar da mesma instituição escolar. Importa referir que a instituição para além de integrar a Educação Pré-escolar, também integrava o 1º CEB.

No que concerne à estrutura física da instituição, esta sofreu grandes alterações em 2011, uma vez que foram adicionadas novas instalações à escola já existente (único ensino 1º CEB), para integrar o jardim-de-infância.

O Jardim-de-Infância era constituído por duas salas de atividades, logo dois grupos da Educação Pré-escolar, sendo que nós estagiámos na sala 1 do mesmo

jardim. Era um estabelecimento de ensino geograficamente bem situado, ao nível geográfico, tendo em seu redor, vários cafés, pastelarias, uma amplo parque de estacionamento, mercearias, e outras lojas comerciais.

Tendo sido construído há pouco tempo, o jardim-de-infância, apresenta ótimas instalações, possui um espaço amplo e acolhedor. A dividir as duas salas existe um corredor onde se encontram os cabides, das respetivas salas. Existe, também, uma casa de banho de razoáveis dimensões para as crianças e uma casa de banho para pessoas portadoras de deficiência. Também têm uma sala de arrumos, um gabinete de atendimento aos Encarregados de Educação um refeitório/polivalente, uma cozinha grande, um *hall* de entrada e uma arrecadação para guardar material de exterior. O Jardim-de-Infância ainda possui um vasto espaço exterior, todo vedado, com pequenos canteiros juntos às salas para plantações como é o caso das árvores plantadas pelas crianças.

No que respeita à duração do estágio, foi de 15 semanas, divididas por 3 dias cada (2ª, 3ª e 4ª feira), uma vez que estes se destinavam à permanência no jardim-de-infância. As implementações das atividades que decorreram ao longo destas semanas encontravam-se organizadas da seguinte forma: duas semanas de observação/dinamização de grupo em colaboração com a Educadora, uma semana de intervenção em grupo e 12 semanas de intervenção individual, correspondendo a quatro semanas de implementação individual para cada elemento do grupo.

A realização deste estágio foi muito gratificante, uma vez que permitiu verificar que o papel do Educador é deveras importante para a formação das crianças desde a mais tenra idade, e só com esta experiência é que se torna possível estar nesse papel e sentir o que estes profissionais sentem. Contudo, se a Educadora e Orientadora Cooperante não fossem persistentes com o grupo de estágio, não seria possível observar e sentir o que se sentiu.

No que concerne ao grupo com quem foram desenvolvidas as mais diversificadas atividades, era constituído por 20 crianças, sendo 9 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, fazendo deste um grupo heterogéneo. Importa salientar que o mesmo incluía uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE), nomeadamente Perturbação do Espectro de Autismo. Esta criança era acompanhada por uma assistente social e a professora responsável pela sala *TEACCH*. Trata-se de uma criança alegre e bastante divertida e sociável, capaz de realizar as mesmas atividades que as restantes crianças,

naturalmente acompanhada por um adulto (de forma a orientá-la nas atividades que exigiam mais concentração.)

De um modo geral, é possível dizer que se tratou de um grupo bastante sociável e alegre, com uma grande apetência para aprender, um enorme grau de curiosidade e revelava sentimentos de cooperação e de entreatajuda. Após uma observação cuidada, ao longo das semanas de estágio, foi notório que as atividades que mais entusiasmavam este grupo de crianças eram as atividades de Expressões. Nelas, o grupo revelou-se participativo e ativo, principalmente quando eram realizadas em grupo, mostrando principal interesse por atividades do foro motor e mais concretamente ao nível do jogo lúdico, uma vez que recorremos ao mesmo como uma ferramenta importante para o envolvimento das crianças, acabando por elaborar atividades mais lúdicas e criativas para as crianças, como por exemplo a elaboração dos cartazes que representaram a estação do outono e do inverno, visto que este projeto deu a possibilidade para trabalhar não só as áreas de matemática, conhecimento do mundo e português, como deu a possibilidade de incorporar jogos para trabalhar as mesmas. Um bom exemplo que comprova que a utilização do jogo é um grande contributo na aprendizagem das crianças, foi quando utilizamos os diferentes modos para pintar e elaborar o painel de inverno, uma vez que as crianças tiveram a possibilidade de utilizar os pés e as mãos para pintarem, entre outros elementos para a elaboração do mesmo. Foi uma atividade bastante acarinhada pelas crianças, pois puderam fazer coisas que não estavam habituadas a fazer. Puderam brincar, sujar, rir, enquanto estavam a aprender. No que concerne às áreas de domínio – Conhecimento do Mundo, Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (LOAE) e Matemática – o grupo mostrou mais interesse pelo domínio do Conhecimento do Mundo. Pensamos que esta área permitia efetuar uma comparação mais exata com a realidade que rodeia estas crianças. Do mesmo modo, em relação ao domínio da Matemática, quando lhes eram colocados desafios e jogos matemáticos, as crianças transferiam o seu conhecimento da realidade para criar as suas soluções. O grupo, no geral, demonstrava também um gosto substancial pela audição de histórias e visionamento de pequenos filmes, (que lhes permitiam desenvolver competências na área de LOAE, como na descrição dos trabalhos que realizavam (criação de histórias.)

Quanto aos aspetos inibidores do grupo, importa referir que os que mais se destacam são: as situações que implicavam maior grau de concentração e investimento pessoal na realização de tarefas e as dificuldades no cumprimento de algumas regras.

Em termos finais, a rotina do grupo era adequada em função da flexibilidade que o ambiente educativo proporciona. Assim, os dias começavam pelo preenchimento dos instrumentos de regulação e o “momento das caixinhas”, passando para o acolhimento e posteriormente o lanche da manhã. À tarde, iniciava-se com as atividades orientadas, seguindo-se as atividades livres, posteriormente a avaliação do dia, finalizando o mesmo com o lanche da tarde.

## **II) Análise das práticas concretizadas na PES II e PES III**

## **Introdução**

De acordo com o realizado na unidade curricular PES I, as unidades curriculares PES II e PES III, possibilitaram a concretização de práticas em contexto, quer no 1º CEB, quer na Educação Pré-Escolar. Findo o processo de aprendizagem e implementação das práticas intrínsecas às respetivas unidades curriculares, torna-se necessário refletir sobre as próprias ações, as ações que foram sendo implementadas e dirigidas aos públicos-alvo. Deste modo, será apresentada uma breve reflexão sobre estas práticas e as experiências vividas em contexto da PES II e III, uma vez que, como futura docente, é importante ser capaz de realizar críticas, refletindo nas ações e sobre as ações e sobre as nossas escolhas, uma vez que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (Freire, 1997, cit., por Gadotti, 2003, p.19).

## 1. 1º Ciclo do Ensino Básico

Ao longo do segundo semestre do 1º. ano de mestrado, o trabalho realizado no âmbito da unidade curricular PES II, alusivo ao 1º. CEB, foi desenvolvido com uma turma do 2º. ano. Foi uma turma que desde o início nos acolheu bem e sempre se mostrou motivada e interessada em aprender. Também nós queríamos aprender, o que facilitou a nossa integração na turma. Esta não foi a primeira vez que entrámos em contacto com esta turma e com a professora e orientadora cooperante. Durante o estágio realizado no 1º. semestre do 1º. ano foi com esta turma que trabalhámos ao longo de cinco semanas, sendo que, essas semanas foram o suficiente para que decidíssemos ficar com a mesma turma. Sentimos que ainda tínhamos muito para dar, para receber e o sentimento de amizade foi recíproco, logo não foi difícil a reintegração. Segundo Paulo Freire, "(...) não existe ensinar sem aprender(...) o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende (2001, p. 259).

Foi através de este excerto que compreendi melhor o que é ser professor e o que é ser aluno, visto que me centrei nos dois papéis. Enquanto aluna, estive a adquirir conhecimentos, ou seja a teoria, e enquanto professora, (estagiária) estive a colocá-los em prática. Ou seja, foi fundamental ter acompanhado estes dois processos uma vez que, ia observando como deveria colocar em prática a minha ação enquanto professora, bem como, a reflexão que ia fazendo, para assim conseguir compreender e estudar a forma como deveria estar perante uma turma.

O trabalho realizado para e com a turma foi pensado, planeado e realizado em grupo, com o intuito de oferecer as melhores propostas de atividades, tarefas, experiências e momentos, de forma a motivá-los, para tudo o que os rodeava na sala e fora dela. Contudo, não posso descurar o papel importantíssimo que a Orientadora Cooperante teve ao longo deste processo de formação, uma vez que, para além de se ter evidenciado como uma pessoa sempre disponível para nos ajudar, esclarecer as nossas dúvidas e dar sugestões para que tivéssemos a possibilidade de fazer um bom trabalho, tornou-se num modelo a seguir, pois mostrou ser uma pessoa e professora atenciosa e compreensiva com a turma porque procurava sempre responder às necessidades da turma estava sempre interessada naquilo que as crianças iam fazendo e procurava sempre dar oportunidade às crianças para exporem as suas ideias perante os colegas da turma. Por outro lado, o seu empenho em mudar, em ajudar, em ser amiga, em ser crítica quando necessário fez-nos crescer enquanto pessoas e profissionais, porque quando fazíamos algo de errado ou que ela não

concordava ser a melhor forma de abordar um conteúdo, ela dizia-nos no momento para que numa próxima vez esses mesmos erros não acontecessem. Deste modo foi possível compreender qual é a função e o trabalho de um professor. Esta forma de ser e de estar só contribuiu para que fosse respeitada por cada elemento da turma, contribuindo, assim, para um círculo harmonioso que acabou por favorecer o processo de ensino/aprendizagem.

Relativamente ao processo ensino/aprendizagem, não se pode descurar o fator interdisciplinaridade visto que este é fulcral para o mesmo, pois permite a existência de uma maior articulação das áreas curriculares, ou seja, cada disciplina deixa de ser vista como uma “área isolada”, passando ser um todo.

Ao longo deste período de estágio, como já foi referido, tudo o que foi realizado foi pensado e elaborado com todo o cuidado. Para que tal fosse possível o papel das planificações foi de extrema importância, tendo em atenção que só assim foi possível enquadrar todas as atividades, tarefas e estratégias de acordo com os conteúdos abordados, estes sugeridos pela Orientadora Cooperante. Numa fase mais avançada, tivemos a liberdade de sermos nós a encontrar estratégias e métodos para abordar os conteúdos, os quais também podíamos selecionar de acordo com as planificações mensais do Agrupamento de Escolas. Contudo, procuramos sempre ter em conta a opinião da orientadora cooperante, visto que, ainda nos encontrávamos no processo de formação. O seu papel foi fundamental, na medida em que procurou colocar-nos o mais próximo possível da realidade com a turma de trabalho, através dos documentos orientadores, no que concerne às aprendizagens a realizar pelos alunos.

Embora os planos de aulas fossem de extrema importância, uma vez que são um guia orientador para o professor, também importa referir que estes nem sempre foram seguidos com precisão, visto que, no momento de intervenção surgiram situações que impossibilitaram o cumprimento da linha de tempo previamente delineada, por isso implicaram a utilização de estratégias e métodos de intervenção que não estavam planeados, acabando mesmo por alterar a planificação ao nível prático, como sucedeu, num dos dias da minha intervenção, onde não foi possível controlar o tempo que tinha determinado para a área da Matemática acabando por demorar mais tempo na explicação dos conceitos, devido a dúvidas pertinentes por parte dos alunos o que impossibilitou a concretização dos mesmos. Contudo penso que a minha decisão foi pertinente, uma vez que é mais importante que os alunos compreendam o que lhes está a ser transmitido, para que na fase de sistematização eles consigam explicar o que aprenderam.

Mesmo assim tudo acabava por correr bem, uma vez que o feedback depois de cada dia de estágio, era positivo e porque os alunos, também nos faziam chegar as suas impressões, depois de um dia de trabalho -: aluno x “hoje, gostei muito de fazer a experiência do ar”. Estas situações são importantes de acontecer. São os imprevistos que nos colocam à prova, sendo necessária uma preparação profunda por parte do professor. Todos os dias são diferentes, todos os dias existem situações inesperadas, seja porque nos esquecemos de levar algum material importante para explorar uma determinada área, quer seja porque o quadro interativo não funciona, etc. para as quais teremos de dar resposta sem comprometer as aprendizagens dos alunos. Um dos imprevistos foi, efetivamente, a gestão do tempo durante as aulas à nossa responsabilidade. Tal facto prendeu-se, muitas vezes, com o interesse e empenho dos alunos, durante a realização de tarefas, principalmente de tarefas em grupo. Esta constatação levou à perceção de que era necessário diversificar o modo de ensino, procurando atividades e tarefas mais interessante e com um grau de dificuldade maior para os alunos, com o intuito de que os mesmos não se perdessem naquilo que estavam a fazer.

Tendo em conta que durante este processo de estágio se favoreceram as intervenções individuais, nunca descurámos o papel fundamental que possuíamos enquanto elementos de um grupo, procurando sempre, e da melhor forma possível, trabalhar em conjunto, de modo a que todas as decisões fossem tomadas de forma consensual, em prol do nosso bem-estar e dos alunos. Foi uma colaboração que só trouxe vantagens, uma vez que, nos possibilitou conhecer pontos de vista diferentes e personalidades diferentes.

Esta forma de trabalhar é, realmente, muito importante, na medida em que ao longo da nossa vida profissional teremos de trabalhar em grupo com pessoas que não conhecemos, independentemente das divergências que possam surgir. O facto de termos tido a possibilidade de trabalhar em grupo, refletiu isto mesmo, na medida em que, quando as opiniões eram diferentes, procurávamos chegar a um consenso e este só se tornava possível se cada elemento opinasse, de forma a dialogarmos, chegarmos a uma conclusão.

Ao longo das dinamizações, procurámos dar ênfase ao trabalho de grupo, visto que, desde o início sempre se mostraram mais orientados para o trabalho individual. Contudo nem sempre foi possível realizar trabalhos de grupo ao fator já mencionando em linhas anteriores, são alunos que se distraem facilmente, principalmente, porque tem métodos de trabalhar diferentes. Com isto não quero dizer que não é uma boa

estratégia de trabalho, mas os alunos também precisam de saber e sentir o que é trabalho de grupo/equipa, pois durante todo o seu percurso de vida terão de trabalhar com diferentes pessoas porque só assim conseguem transmitir as suas ideias e discutir abertamente as suas opiniões. Esta forma de trabalhar é fundamental, na medida em que, possibilita nos alunos, desenvolver o seu espírito crítico e a capacidade de desenvolver o seu pensamento, de forma a que, as suas explicações (dos processos que fizeram para chegar a um resultado), sejam compreensíveis para quem as está a ouvir. Deste modo, preferimos dar mais relevância a esta forma de trabalho, mas sem descurar o trabalho individual, uma vez que é através dos trabalhos de cariz individualizado que os professores conseguem perceber o desenvolvimento das competências que os alunos têm vindo a adquirir ao longo do tempo.

A área onde o trabalho de grupo teve mais evidência foi, efetivamente, a área de Matemática, através de situações problemáticas que foram colocadas à turma, para posterior realização das mesmas e, no fim, proporcionar um momento de discussão sobre os resultados encontrados.

Porém, existiram aspetos menos bons que também merecem ser destacados devido à sua pertinência para o meu desenvolvimento profissional. Na minha perspetiva, foi o facto de estar perante a turma (como professora) e de transmitir, da melhor forma possível, os conteúdos pretendidos, do vocabulário não ser o mais adequado, principalmente no que se refere à área da Matemática, na qual apresento uma dificuldade acrescida, mas com o decorrer do tempo, e já com alguma prática, foi possível ultrapassar tais dificuldades. Um dos fatores que contribuíram para que as conseguisse ultrapassar foi o empenho, esforço e o estudo extra que tive de fazer, para assim conseguir implementar as atividades a que me propunha fazer com os alunos.

Outro ponto que no início também foi difícil de lidar, diz respeito à organização da turma, na medida em que foram necessárias algumas observações, durante a implementação, perceber qual seria a melhor disposição dos alunos na sala, para que fosse mais fácil realizar o trabalho com eles e de eles próprios não se distraírem tão facilmente.

Mas, de todas as dificuldades sentidas, para mim, a que tem mais relevância é o facto de compreender, se efetivamente, os alunos haviam percebido ou não o que estava a ser trabalhado, e ainda hoje esta dificuldade persiste, uma vez que no decorrer das aulas senti que os alunos nem sempre haviam percebido os conteúdos

que estávamos a trabalhar. Este é um aspeto de extrema pertinência para qualquer professor, na medida em que, por medo, ou por vergonha de errar e de se sentir minorizado pelos colegas, as crianças calam-se e deixam passar as suas dificuldades. Neste ponto os professores terão de estar mais atentos, ou seja, terão de apreender se as mesmas estão ou não a perceber e ajudá-los a expor as suas dificuldades, para que os mesmos não se sintam inferiorizados quer pelos alunos, quer pelo próprio professor.

Relativamente aos instrumentos de trabalho, fichas de consolidação, jogos didáticos, entre outros, foram instrumentos de extrema importância, uma vez que serviram para a avaliação, permitindo-nos, assim, verificar se os alunos tinham compreendido os conteúdos abordados. Para além de serem instrumentos de avaliação, também nos permitiram perceber onde e quais as maiores dificuldades que os alunos apresentavam, para assim receberem o apoio adequado.

Com isto, concluo que todo este processo de estágio que me foi proporcionado ao longo deste 2.º semestre do 1.º ano, contribuiu para o meu desenvolvimento enquanto formanda na área da educação e enquanto pessoa, uma vez que me permitiu vivenciar o que é ser professor e o quão importante o seu papel é para o desenvolvimento de uma sociedade. Foi um semestre de muita emoção, de muitas incertezas, de algumas desilusões, de muito carinho, de muita amizade, mas que me possibilitou ultrapassar todos os obstáculos existentes. Fez-me crer que, às vezes, é necessário cairmos, para depois nos levantarmos de cabeça erguida, com mais vontade de vencer e de lutar por aquilo em que acreditamos.

Desta forma, foi possível perceber a realidade, mesmo que a amostra tenha sido pequena, de como funciona escola do 1.º CEB e o quão é importante o trabalho em equipa, que nesta situação é um trabalho de equipa em grande escala, uma vez que, engloba, a autarquia, os pais, os docentes e discentes, que, em conjunto, trabalham em prol de um bem comum – as crianças.

## **2. Na Educação Pré-escolar**

No que concerne à PES III, o estágio desenrolou-se no âmbito da Educação Pré-escolar, numa instituição nova para nós, visto que não conhecíamos a Educadora, as crianças, bem como a própria instituição. Por um lado, foi porque permitiu-nos trabalhar com pessoas novas e conhecer outras realidades. Por outro, trouxe algumas dificuldades de adaptação quer na própria instituição, quer com as crianças quer com

a Educadora. Neste sentido, as primeiras semanas foram estritamente de adaptação, de observação e de recolha de informação no que diz respeito ao trabalho no jardim de infância com estas crianças, nomeadamente na identificação das suas principais dificuldades, das relações que mantinham com os colegas, com a Educadora e com a Técnica Operacional e dos seus interesses.

Foi um processo de formação com muitos altos e baixos, mas em contra partida, também proporcionou muitos momentos bons e um forte sentimento de pertença a um grupo de crianças com o qual consegui, em tão pouco tempo, estabelecer um forte elo de ligação.

Confesso que no início foi difícil, uma vez que cada criança é única e que cabe ao Educador compreender a mesma, adaptando-se ao seu nível de desenvolvimento, logo o que coloca em prática para o processo de formação/aprendizagem tem de ir ao encontro destes princípios, para que a criança se sinta integrada no grupo, como elemento fundamental do mesmo.

Ao longo da primeira semana, dedicada somente à observação do trabalho da Educadora cooperante, foi possível conhecer os métodos que utilizar a forma como dialoga e trabalha com as crianças, bem como a importância que cada uma tem para si, para que quando ficássemos perante o grupo, pudéssemos manter o ritmo e a rotina a que o grupo já estava habituado. Neste processo de formação a rotina é fundamental para a criança, é assim que aprende a conviver com outras pessoas, a ter noção do tempo e que pertence a uma sociedade que se baseia em rotinas.

Para tal, o processo de observação é de extrema importância para o Educador, pois é, através dela, que consegue retirar a informação necessária sobre cada criança, para uma formação mais individualizada.

“(...) observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem são práticas necessárias para compreender melhor as características e adequar o processo educativo às suas necessidades (...)” (Ministério da Educação, 1997, p.25)

Relativamente à organização do espaço, neste jardim de infância, o mesmo encontrava-se organizado por áreas de interesse, onde as crianças poderiam realizar, de forma livre, as suas atividades, principalmente em dois grandes momentos do dia de manhã quando chegavam à sala e à tarde antes de lanchar. Toda a organização foi pensada cuidadosamente pela Educadora cooperante, tendo em atenção as preferências e as necessidades do grupo.

Outro fator de extrema importância que influenciou o bom envolvimento com a educadora e com as crianças foi a comunicação existente entre o grupo de estágio e a cooperante. À semelhança do que aconteceu no estágio anterior, foi possível saber que áreas de conteúdo seriam abordadas, bem como que estratégias podiam ser utilizadas para o mesmo efeito, tendo sempre em linha de conta a antecipação da informação, para que todo o processo de planeamento fosse realizado com o devido cuidado. É de salientar que todas as planificações eram enviadas com antecedência, com o intuito de receber *feedback* sobre as mesmas.

Como aconteceu anteriormente, também neste estágio, procurámos sempre, trabalhar em grupo, pois só assim é que conseguiríamos alcançar os nossos objetivos. Tentámos sempre desenvolver atividades de cariz lúdico e motivador, a fim de conseguirmos proporcionar às crianças momentos diferentes para abordar os conteúdos que estávamos a desenvolver sem que se tornasse cansativo para as mesmas. Para tal, procurámos sempre elaborar materiais como mote para atividades mais dinâmicas e interessantes.

Contudo, é importante reconhecer que nem sempre conseguimos alcançar tais objetivos, ora porque os materiais não eram os mais adequados, ora porque nem sempre estávamos motivadas. Esta situação prendeu-se com os conflitos de interesses que se foram sentindo ao longo deste semestre. Frequentemente senti falta de apoio durante as minhas intervenções, bem como na elaboração dos materiais e planificações. O grupo foi-se afastando acabando por afetar o trabalho todo o trabalho realizado e a realizar pelo mesmo. Porém, sempre tentei colocar de parte tais conflitos quando estava junto das crianças, para que pudesse realizar o trabalho da melhor forma possível.

Relativamente aos materiais e à elaboração das atividades, procuramos sempre interligá-las com as temáticas que íamos abordando, tendo em linha de conta os objetivos e competências que queríamos que as crianças alcançassem. Este trabalho, na maioria das vezes, foi realizado na sala de atividades, juntamente com as crianças, para que após a sua exploração fosse exposto na sala para que as crianças vissem o seu trabalho feito.

Durante este percurso, procurámos sempre desenvolver um trabalho conciso e coerente com as crianças, indo ao encontro das suas dificuldades e necessidades, bem como saber o que já tinham apreendido. Procurámos desenvolver atividades adequadas para cada faixa etária, quando os conteúdos a abordar assim proporcionavam. Ou seja, quando tínhamos que abordar conteúdos que possuíam um

grau de dificuldade, tendo em conta que estávamos a trabalhar com um grupo heterogéneo no que respeita às idades, tentávamos sempre proporcionar atividades apropriadas para cada faixa etária. Neste sentido, apresentávamos trabalhos com um grau de dificuldade mais reduzido para as crianças dos 3 e 4 anos e para as crianças dos 5 e 6 anos apresentávamos trabalhos com um grau de dificuldade mais avançado, como mote de preparação para a nova etapa (1.º CEB). Estas situações verificaram-se mais na área do domínio da Matemática, visto que é uma área que apresenta alguns conceitos específicos que para crianças dos 3 e 4 anos ainda é um pouco difícil de compreender, como por exemplo os Padrões, um conceito que apresenta alguma dificuldade ao nível da compreensão, visto que apresenta uma sequência de elementos de uma determinada forma e disposição. Para tal procuramos, junto de todas as crianças abordar o tema de uma forma mais informal recorrendo a elementos do seu quotidiano e quando o colocamos em prática apresentamos fichas de trabalho diferentes para cada faixa etária.

No que concerne ao grupo de crianças, com quem trabalhámos, importa mencionar que era um grupo muito ativo e dinâmico. Foi um grupo que mostrou um enorme gosto por atividades de “faz-de-conta”, de expressão motora e musical. Neste sentido, procurámos, sempre que possível, desenvolver atividades que fossem ao encontro destes domínios, mas nunca descurando a integração necessária com os conteúdos a abordar, ou seja procuramos recorrer a atividades que proporcionassem um trabalho que potenciasse mais o envolvimento das crianças, para que não se torna-se tão monótono e entediante, visto que são crianças pequenas e ainda não são capazes de se manterem concentradas por longos períodos de tempo. Por exemplo, na altura do natal, para contar a história do menino Jesus eu mascarei-me de avozinha, levei um saco com alguns brinquedos para dar início à leitura e no fim quis que as crianças dramatizassem a história de acordo com ouviram. Depois também fizemos o jogo das cadeiras para trabalhar a matemática, quantos saem e quantas cadeiras ficam, etc. No meu ver, e tendo em atenção ao estudo presente neste relatório, o jogo é uma importante ferramenta de auxílio para o Educador, na medida em que torna todo o processo muito mais facilitador quer para o próprio quer para a aprendizagem das crianças.

Tendo em atenção que era um grupo muito dinâmico e divertido, exigiu, da nossa parte, procurar estratégias para conseguirmos acalmá-los, e, assim, podermos retomar à atividade iniciada. Deste modo, sempre que era necessário, optávamos, ou

por uma música, ou por um pequeno exercício de expressão motora, para voltar a atenção para a tarefa.

Mas como não existem só aspetos negativos, importa também mencionar o que para mim foi um aspeto positivo, que foi o facto de que sempre que uma criança questionava algo sobre o que estávamos a abordar, ou tinha alguma dúvida, tentei sempre corresponder às suas necessidades, uma vez que estas não se podem sentir ignoradas, nem sentirem que o que estão a dizer não é importante. Ao fazermos isto estamos a contribuir para que a criança consiga estar no seio de um grupo sem qualquer preocupação ou medo de ser criticada e que possa, livremente exprimir os seus interesses e dúvidas. Claro que nem sempre as intervenções das crianças estão ligadas com assuntos que estamos a abordar, mas temos que dar sempre uma resposta, mesmo que seja “agora não podemos falar sobre isso, mas lembra-te mais tarde, ou faz um asterisco no papel para te lembras e lembramos-nos que temos de falar sobre isso”. Desta forma a criança sente-se valorizada e sente que o que disse é importante e que não vai ser esquecido.

Este tipo de situações fez com que eu não conseguisse seguir, em pleno, as minhas planificações, previamente elaboradas, todavia, eu achava que era importante tomar estas decisões pois sentia que era mais pertinente esclarecer as dúvidas no momento do que voltar a elas mais tarde, uma vez que é no momento que as crianças necessitam da resposta, quando não era possível esclarece-las no momento, aproveitava a altura imediatamente após o almoço, ou então cinco minutos antes de acabar o dia para esclarecer o que me tinham perguntado.

Para além deste aspeto positivo, penso que também é importante mencionar que, sempre que possível, colaborávamos, em grupo (estágio), no trabalho que era efetuado com toda a comunidade da escola, principalmente em momentos importantes, nomeadamente, o Natal e o dia de S. Martinho, que tivemos de elaborar atividades para todas as crianças da escola. Este tipo de iniciativa, é deveras importante, uma vez que, deve existir uma ligação entre o 1.º CEB e a Educação Pré-Escolar. Na realização destas atividades procurámos sempre colocar todas as crianças em ação, não dando prioridade só às crianças da Educação Pré-Escolar, pois naquele momento estávamos a trabalhar para todas e não só para algumas.

Neste percurso, não se pode descurar o papel que os Professores Orientadores, neste caso a Educadora Cooperante e as Professoras Cooperantes tiveram para a construção do mesmo, uma vez que com a sua orientação nos fomos

sentindo mais seguras naquilo que estávamos a fazer, contribuindo para melhorar aspetos menos bons e acrescentar algo mais aos aspetos bons do nosso trabalho.

Em termos conclusivos, todas as práticas desenvolvidas desenrolaram-se através do lúdico, que contribuiu para que as crianças se sentissem mais predispostas a aprender novos conceitos e capacidades. Este estágio foi muito gratificante para mim, uma vez que me trouxe novas visões e novas perspetivas sobre o que é ser Educador o quão importante é o seu papel na vida das crianças.

### **III) Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos**

## Introdução

Findo mais um ciclo de aprendizagens significativas a todos os níveis, surge o momento de realizar a autoavaliação no que diz respeito às práticas desenvolvidas ao longo deste ciclo, quer no âmbito do 1.º CEB, quer na Educação Pré-Escolar.

Ao longo deste percurso, fomos tomando conhecimento e sentindo também, o quão importante é refletir na ação e sobre a ação. De facto, é de extrema importância que, depois do trabalho implementado, sejamos capazes de fazer retrospectivas sobre as ações empreendidas, sobre as ocorrências, sobre os produtos de trabalho elaborados, para *a posteriori*, seja possível analisá-los e avaliá-los. De acordo com o Ministério da Educação, o processo de avaliação é um processo facilitador no desenvolvimento e no desempenho profissional em cada área, nomeadamente da área de Educação, uma vez que “sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens” (2011, p.2). Só assim é que Professores ou Educadores poderão ser capazes de tomar decisões de forma mais segura, eficaz e sustentada, uma vez que se autoavaliam e repensam os seus atos para que cada dia se tornem profissionais mais eficazes, ao melhorarem as suas práticas para com os alunos.

Deste modo, ao longo de todo este processo de formação, no que me diz respeito, e refletindo sobre tudo o que foi feito, procurei proceder a investigações mais aprofundadas sobre qualquer conteúdo que tinha de abordar com as crianças, quer no 1.º CEB, quer na Educação Pré-Escolar, para assim proceder às planificações, de forma a garantir, sempre que possível, a preparação científica para ser capaz de dar resposta às questões que os alunos/crianças poderiam colocar. Outro aspeto que tentei trabalhar e desenvolver, sempre, foi a autonomia dos mesmos, bem como a inclusão destes, principalmente aquando da realização de atividades/tarefas de grupo. Para além deste aspeto, torna-se necessário ressaltar que o bem-estar das crianças/alunos foi sempre algo bem presente em tudo o que lhes proporcionava realizar, tendo em atenção as suas diferenças culturais e pessoais, dando valor a todos os saberes que cada uma revelava.

Assim, uma das grandes preocupações que sempre existiu, até ao fim deste caminho, foi criar e manter uma boa relação com os alunos, com os Professores e Educadores cooperantes, bem como com toda a comunidade educativa, proporcionando, sempre que era permitido, um bom ambiente e segurança para todos aqueles que contribuíram neste percurso.

Desta forma, e partindo do que se encontra estipulado pelo Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto – Perfil específico de desenvolvimento profissional do Educador de Infância e dos Professores do ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário - será elaborada uma análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos ao longo das práticas realizadas, quer na PES II, quer na PES III. Esta análise terá por base dois aspetos fundamentais mencionados no mesmo Decreto-lei supracitado: a conceção e desenvolvimento do currículo e a integração do mesmo.

## 1. No 1.º Ciclo do Ensino Básico

No que ao 1.º CEB, diz respeito, e partindo das práticas que foram realizadas, tendo em atenção a conceção e desenvolvimento do currículo, considero que existiu a preocupação de recorrer ao ensino integrante, de forma a mobilizar todos (ou quase todos) os conhecimentos científicos que possibilitavam a integração de competências, bem como a promoção de aprendizagens nos alunos. Ao mencionar estes aspetos, tenciono dar ênfase às estratégias de ensino, por mim implementadas, de acordo com os momentos de avaliação. Uma vez que a turma em causa, apresentava vários níveis de aprendizagem, foi necessário optar por métodos diversificados para que todos os alunos se sentissem capazes de realizar as várias tarefas e/ou atividades propostas por mim e pelas minhas colegas de grupo.

Tendo em linha de conta o Decreto-Lei n.º 241/2001, referente ao papel do Professor do 1.º CEB deve ser capaz de avaliar, recorrendo aos instrumentos adequados para cada situação, as aprendizagens dos alunos – anexo 2, II – Conceção e desenvolvimento do currículo, este deve ser capaz de avaliar de acordo com o que está abaixo transcrito:

2-C) “Organiza, desenvolve e avalia o processo de ensino com base na análise de cada situação concreta, tendo em conta, nomeadamente, a diversidade de conhecimentos, de capacidades e de experiências com que cada aluno inicia ou prossegue as aprendizagens” (Decreto – Lei n.º 241/2011).

Também nós procurámos recorrer aos mais diversificados instrumentos de avaliação, por exemplo: fichas de consolidação, fichas de trabalho, entre outros, para assim conseguirmos perceber as aprendizagens que, efetivamente, foram concretizadas pelos alunos, com o intuito de proceder aos respetivos reajustes no que ao processo de ensino/aprendizagem diz respeito.

Para fomentarmos/incutirmos a importância do respeito pelo próximo, propusemos a elaboração de pequenos trabalhos realizados em pares ou em pequenos grupos (máximo 5 elementos), bem como o incentivo de serem respeitadas as regras da sala, visto que, entre muitas, se encontrava “o respeito pelos colegas e professora”. Ao procurarmos mencionar a pertinência que o respeito tem na nossa vida, contribuímos para um ambiente de bem-estar dentro e fora da sala. Contudo, nem sempre foi possível, uma vez que nos encontrávamos perante uma turma com alguma apetência para a distração, curiosa e interessada. Estas características geram

muitas vezes algum clima de desconforto da nossa parte, principalmente no início, pois não nos sentíamos completamente à-vontade com a turma.

Mas, ao longo do tempo, estes obstáculos foram sendo superados, principalmente porque a minha relação com a turma foi melhorando, uma vez que procurei estabelecer uma relação de tranquilidade, de amizade com todos os elementos da mesma, para que se sentissem respeitados por mim e me respeitassem. Penso que este método acabou por potenciar um clima de comunhão, que possibilitou a criação de vários momentos para as aprendizagens dos alunos.

Relativamente à integração do currículo, procurámos, ao longo da prática desenvolvida, criar práticas de promoção de aprendizagens pertinentes que contribuíssem para a aquisição de competências em todas as áreas que fazem parte deste nível de ensino através da interligação das mesmas. Muitas vezes uma só atividade que se encontra direcionada para um determinado conceito permitia explorar outras áreas de conteúdo.

Neste sentido, e no que à área de Português diz respeito, tendo em atenção que, na mesma existia um grau de dificuldade considerável pela maior parte dos elementos de turma, principalmente na escrita, tentámos elaborar atividades que contribuíssem para a resolução dessas lacunas, como por exemplo promover respostas concretas e concisas sobre determinado assunto, a criação de pequenos textos, quando os conteúdos abordados nesta área assim o permitiam, entre outras atividades, para que a aquisição desta competência fosse realizada de forma gradual e adequada. Importa mencionar que sempre que realizavam textos escritos, tinham um acompanhamento individual por parte das estagiárias, no sentido de os orientar, fornecendo indicações relativamente à produção dos mesmos.

Como exemplo apresento uma das situações, onde foi necessário a intervenção individual da nossa parte. Aquando da produção de um texto elaborado, com introdução, desenvolvimento e conclusão. Foi no momento que lhes foram apresentados cinco cubos, onde cada face tinha uma imagem e eles, a partir da imagem que escolheram, tiveram de inventar uma história. Foi um processo difícil, mas como este trabalho foi realizado em pares acabaram por apresentar textos bastantes interessantes e com muita imaginação.

Tendo em atenção o Decreto-Lei acima mencionado, penso que conseguimos promover atividades importantes para o desenvolvimento destas competências. Por exemplo, indo ao encontro do que está estipulado no mesmo, no artigo 2, capítulo III, fomos capazes de promover e de incentivar e de integrar

2 –b) “(...) a aprendizagem de competências de escrita e de leitura, mobilizando conhecimentos científicos acerca dos processos de produção e de compreensão de textos escritos e das suas relações com a comunicação oral”

c) “(...) essa produção nas atividades de aprendizagem curricular, levando os alunos a mobilizar diversas estratégias para a aprendizagem da escrita, servindo-se de materiais e de suportes variados” (Decreto – Lei n.º 241/2001).

No que concerne à área de Matemática, também tentámos promover um trabalho que fosse ao encontro das necessidades dos alunos, desenvolvendo com os mesmos atividades relacionadas com o contexto real, ou seja, com o seu quotidiano, ou situações vividas pelos mesmos, como se destaca no Decreto – Lei n.º 241/2001, onde o professor,

“Promove nos alunos o gosto pela matemática, proporcionando a articulação entre a matemática e a vida real e incentiva-os a resolver problemas e a explicitar os processos de raciocínio”.

Por exemplo, colocámos uma situação problemática, em grupo, eles tiveram de a resolver: baseava-se em uma ida às compras e com o dinheiro que tinham, teriam de resolver vários desafios. Foram apresentadas várias situações para os colocar a pensar em quanto iam gastar, quanto iam receber, se tinham ou não direito a receber, para quantos itens o dinheiro dava, entre outras. Este é um bom exemplo, de que, se for bem planejado e bem conseguido, é possível ter sucesso nas mesmas.

Com este tipo de atividades, também conseguimos promover discussões, principalmente em grande grupo, com o intuito de que todos partilhassem os resultados obtidos, bem como todo explicitassem o processo que utilizaram para chegar ao resultado final.

No âmbito do Estudo do Meio, uma das áreas favoritas dessa turma, logo uma das áreas onde tivemos que nos aplicar mais para conseguirmos manter as crianças motivadas e interessadas, procurámos desenvolver atividades interessantes, que proporcionassem discussões, curiosidade em saber mais sobre o mundo que os rodeia. Por outro lado, também tivemos em atenção a concretização de atividades experimentais, com o intuito de explorar os mais variados materiais e as suas reações à mão humana, entre outros. Tentámos, sempre, de uma forma mais dinâmica e recorrendo a materiais do quotidiano, promover estas atividades, uma vez que só assim era possível a sua concretização. Por exemplo, uma das atividades que mais

interesse despertou nas crianças foi a experiência do ar nas suas variadas condições. Para tal, procurámos recorrer a materiais do dia-a-dia dos alunos, para que se tornasse mais fácil a identificação dos mesmos e o que acontecia com eles.

Por fim, mas não menos importante, as Expressões, fundamentais neste ciclo de ensino. De um modo geral, conseguimos, durante o período de estágio, desenvolver variadas atividades de expressão e educação dramática, plástica e musical, procurando articular as mesmas com as outras áreas do conhecimento. Esta foi, talvez, a parte mais difícil, encontrar atividades onde fosse possível trabalhar as Expressões juntamente com o Português e com a Matemática.

Relativamente à Expressão e Educação Plástica, procurámos desenvolver atividades que promovessem a utilização de variados materiais, como por recortes, colagens e pinturas. Por exemplo, para trabalharmos a simetria (na área da Matemática), recorreremos a uma folha de papel e a tintas de cores diferentes, sendo que ao meio da folha (no sentido horizontal) encontrava-se um risco que representava o eixo de simetria e os alunos tinham que, num dos lados, colocar várias tintas (guache) para, com a ajuda do eixo, dobrarem a folha e observassem o que aconteceu.

Na Expressão e Educação Dramática, procurámos recorrer a jogos de mímica e a representações de pequenos contos. Penso que esta podia ter sido trabalhada de forma diferente, ou seja, deixar os alunos participarem um pouco mais, serem eles próprios a dramatizarem pequenas histórias que estavam a ser trabalhadas em determinados conteúdos. Mas a falta de tempo contribuiu para que fossemos nós a potenciar e a realizar este tipo de atividades para os alunos e não com os alunos.

Por último, a Expressão e Educação Musical, que serviu muitas vezes de mote para a motivação dos alunos no início das aulas.

No que concerne à Expressão e Educação Físico-Motora, esta não foi trabalhada, principalmente porque não fomos capazes de proporcionar qualquer tipo de ligação com tudo o resto e por falta de tempo. Contudo e após uma reflexão cuidada sobre os nossos atos, apercebemo-nos que é necessário procurar momentos para que esta seja trabalhada, mesmo que seja dentro da sala de aula, uma vez que permite relaxar e libertar energias, que acabam por contribuir para uma melhor concentração da turma, logo é um aspeto a considerar para aspetos futuros.

Em suma, posso aferir que conseguimos desenvolver algumas capacidades e conhecimentos de índole mais específica, neste ciclo de ensino, mas não podemos deixar de mencionar que ainda existe muito trabalho pela frente e muito para aprender.

Não podemos esquecer que este passo foi o início da nossa formação, foi um pequeno exemplo do que é ser professor e quais são as atividades a realizar. No fim, o balanço foi positivo, uma vez que tivemos a percepção que tudo do que realizámos e concretizámos com os alunos foi sempre com o intuito de promover momentos de aprendizagem baseados na motivação fomentando a curiosidade e o gosto de aprender.

## **2. Na Educação Pré-Escolar**

Sendo este uma etapa muito importante para o desenvolvimento do ensino/aprendizagem de qualquer indivíduo, importa salientar que, de acordo com Decreto-lei que tem sido abordado ao longo deste trabalho e das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEP) (Ministério da Educação, 1997), o Educador deve ter em conta as diferentes etapas que, ao longo do tempo vão sendo aprofundadas, que contribuem para o processo educativo de qualquer indivíduo. Deste modo, para compreender melhor o grupo com quem e para quem trabalha, o Educador deve observar, deve questionar, todas as crianças que o constituem, como também deve perceber como funciona o meio familiar de cada criança, uma vez que nesta fase é muito importante ter todo este tipo de informação, para que, em conjunto com os pais, o Educador encontre o melhor método para trabalhar com a criança. Após a análise cuidada de todos os elementos do grupo, cabe a este profissional potenciar intervenções e estratégias de ação que vão ao encontro das necessidades e características de cada criança.

Partindo deste pressuposto, verifica-se a importância que a observação tem no processo/método de trabalho de um Educador, uma vez que, através do mesmo, consegue recolher a maior parte da informação com o intuito de proporcionar aprendizagens significativas às crianças. De acordo com as (OCEP), a observação é “a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo” (Ministério da Educação, 1997, p.25). Para além desta necessidade de observar o que se passa à sua volta, o Educador também deve proporcionar às crianças um espaço propício para o desenvolvimento gradual das mesmas. Neste sentido, o Educador deve preocupar-se com a organização do ambiente educativo, ou seja, deve preocupar-se com a organização do espaço, onde as crianças passam muito tempo (sala de atividades), de forma a proporcionar as interações e estímulos que vão favorecendo as crianças ao longo do seu crescimento enquanto indivíduo único pertencente à sociedade.

Embora o espaço interior seja deveras importante não podemos descurar o espaço exterior bem como o meio institucional, uma vez que estes também contribuem para o desenvolvimento da criança, uma vez que são espaços que permitem a socialização, as inter-relações, para além de que, por exemplo, o espaço exterior, permite relaxar, enquanto brincam ao ar livre, permite estar em contacto com a natureza e incentiva a criatividade e a imaginação.

Em consequência deve também preocupar-se com o tempo, com o grupo e acima de tudo com toda uma comunidade envolvente no quotidiano da criança, para que, e tendo em linha de conta o Decreto-lei utilizado como suporte de reflexão, o mesmo possa “proporcionar às crianças experiências educativas integradas” (Decreto-Lei, 241/2001). Para além destes fatores, de extrema importância na inclusão das crianças, também o bem-estar das mesmas deve estar presente no processo de planeamento educativo do educador, com o intuito de as mesmas se sentirem incluídas, de se sentirem acolhidas, escutadas e acima de tudo valorizadas. Ao proporcionar este bem-estar nas crianças, o Educador está a contribuir para que a criança possua uma autoestima e um desejo de aprender elevado, como também está a contribuir para uma permanente harmonia no seio escolar.

Partindo destes pressupostos, no que concerne à integração do currículo, ao longo de todo o processo de estágio possibilitado pela unidade curricular PES III, tentamos, desde cedo, mobilizar o conhecimento e as competências pertinentes para o desenvolvimento de um currículo baseado na integração de todos os domínios a trabalhar na Educação Pré-Escolar. Procurámos proporcionar um ambiente, com base na estimulação e na comunicação, os adultos. Deste modo, no desenrolar de toda a prática realizada, quer em grupo, quer individualmente, procurámos sempre prestar especial atenção no desenvolvimento das competências das crianças. Para tal, procurámos sempre recorrer à observação constante sobre as mesmas tanto em grupo como individual, com o intuito de verificar os aspetos facilitadores/inibidores de aprendizagem, de todos, enquanto grupo e de cada uma, enquanto elemento único da turma.

Além da observação, também nos preocupámos proporcionar o bem-estar das crianças, para que se sentissem seguras com novos elementos, que entraram no seu meio, para trabalhar e brincar com elas e para elas. Desta forma, procurámos ser sempre sinceras, simpáticas, acessíveis, acolhedoras, com o intuito de criar laços fortes e que as crianças nos vissem como adultos confiáveis e que só queríamos o bem delas e proporcionar-lhes aprendizagens com sentido, valorizando os seus saberes e as suas intervenções.

No que respeita à área de Expressão Motora, procurámos, sempre que possível, desenvolver atividades de índole motor de forma diversificada, para tornar os dias todos diferentes e de lhes proporcionar outras vivências, mas nunca descurando o papel formativo que esta comporta. Na maior parte das vezes, a Expressão Motora foi trabalhada em concordância com os conteúdos a trabalhar durante a semana. De

acordo com o Decreto-Lei, o Educador deve promover “de forma integrada, diferentes tipos de expressão (...) inserindo-os nas várias experiências de aprendizagem curricular” (Decreto-Lei n.º 241/2001).

Por exemplo, quando trabalhámos os cinco sentidos, realizámos um jogo de estafetas, dividido por duas equipas, e cada equipa tinha um certo número de elementos que tinha de fazer relacionar, como por exemplo flor-nariz de forma a completar o sentido certo. Para conseguirem chegar aos círculos que correspondiam a cada sentido, tiveram de passar por vários obstáculos, quer a correr, quer a saltar ou até mesmo andar. Foi uma boa estratégia, uma vez que, as crianças puderam estar ao ar livre ao mesmo tempo que estavam a jogar de forma educativa os cinco sentidos.

Para além deste tipo de atividades, também procurámos acrescentar atividades rítmicas, que foram mais usadas quando sentíamos que as crianças começavam a dispersar. Ou seja, tentámos sempre criar atividades motoras estimulantes e motivadoras, mas sempre em segurança. Sempre que recorremos a materiais (arco, cordas, túnel, entre outros), tivemos o cuidado de estudar a melhor forma de os posicionar, para que a atividade se tornasse mais interessante e que, de alguma forma, criasse algum grau de dificuldade, pois só assim é que as crianças aprendem a superar os seus limites.

Relativamente à Expressão Musical, tentámos realizar atividades onde fosse possível recorrer e manipular variados materiais, desde de madeira até à utilização do corpo, para a produção de som. Foi a expressão que mais prevalência teve durante o processo de estágio, uma vez que através dela pudemos realizar momentos de descontração, de dança, de relaxamento, entre outros. Recorremos, também, muitas vezes a esta expressão, quando as crianças se encontravam a realizar atividade individuais, como a pintura e o desenho, com o intuito de criar um ambiente calmo e harmonioso, envolvendo mais as crianças com o seu trabalho, relativamente à expressão que estavam a abordar.

Aquando das atividades de Expressão Plástica, também tentámos, promovê-las de forma diversificada, ou seja, demos a possibilidade de as crianças contactarem com os mais diversificados materiais, para criarem as mais “belas obras de arte”. Através dos materiais também, tentámos trabalhar, de forma implícita, as mais variadas texturas. Um bom exemplo, onde é possível destacar de forma mais acentuada este trabalho, foi a construção de dois painéis (outono e inverno), onde demos a possibilidade de contactarem com materiais reais (ouriços, caruma, folhas, etc.), com algodão, com tintas, esponjas. Penso que ao proporcionarmos este tipo de

atividades, fomos capazes de criar, nas crianças, o interesse, a curiosidade, a motivação em tudo o que realizavam, pois elas estavam sempre preocupadas em mostrar se estava bem, se gostávamos das cores que escolheram.

No que concerne à Expressão Dramática, a meu ver, esta ficou aquém das expectativas, foi um domínio pouco trabalhado e, quando trabalhado era-o por nós. Não fomos capazes de colocar atividades que estimulassem a representação, a dramatização de histórias, uma vez que, o tempo foi pouco, mas a nossa disponibilidade (enquanto pessoas) também não foi muita. Contudo, procurámos, sempre que possível, reconstruir histórias que trabalhamos, para que elas pudessem “conhecer” outros papéis e serem outras pessoas/animais.

Importa salientar que procuramos trabalhar todos os domínios de forma interligadas com intuito de tornar as atividades mais interessantes e concisas.

No que diz respeito ao Conhecimento do Mundo foi sendo explorado ao longo do nosso estágio, de acordo com os acontecimentos atuais através de um vasto leque de atividades.

No que respeita ao domínio da Matemática, foi o único domínio trabalhado mais aprofundadamente, visto que, tendo em atenção ao horário da Professora Orientadora da área da Matemática, estipulamos um dia da semana para trabalharmos a matemática, para que a Professora Orientadora nos pudesse avaliar. Contudo, fora deste momento, tentámos sempre trabalhar a matemática nas pequenas atividades que proporcionávamos, visto que na Educação Pré-Escolar trabalha-se de forma interligada, ou seja, não existe um só momento para cada área de conteúdo visto que é possível, através de um conteúdo abordar todas as áreas de domínio presentes neste ciclo de ensino. De acordo com o Decreto-Lei n.º 241/2001, o Educador deve promover “atividades que sirvam objetivos abrangentes e transversais, proporcionando aprendizagens nos vários domínios curriculares”

Assim, é possível afirmar que conseguimos desenvolver algumas capacidades, competências e conhecimentos específicos no que respeita à Educação Pré-Escolar. Contudo ainda há muito para aprender, muito para explorar, visto que este foi só o início de um longo caminho, com muito trabalho, muitas aprendizagens, muitos erros, mas o importante é que através deste percurso, é possível dizer que estamos aptas a prosseguir nesta profissão.

Neste sentido, também não posso deixar de ressaltar a importância do trabalho de investigação, parte integrante deste trabalho, uma vez que o mesmo contribuiu para complementar a minha formação, uma vez que hoje mais que nunca, o professor

deve ser um investigador na ação, para compreender, refletir e melhorar os seus atos e as suas decisões.

A realização do trabalho de investigação foi importante na medida em que me ajudou a compreender que em todo o nosso trabalho enquanto Professor e Educador não podemos descurar que o mesmo é importante para o envolvimento, desenvolvimento e aprendizagem das crianças. É estimulante para que as mesmas se sintam motivadas e interessadas no que estão a aprender.

Durante o percurso de formação, principalmente nos dois últimos semestres de Mestrado, tentei, sempre que pude, proporcionar momentos de atividades lúdicas, com o intuito de proporcionar um ambiente mais interativo, sem nunca descurar a aprendizagem das crianças, mas nem sempre é fácil, principalmente no 1.º CEB, tendo em atenção que é um pouco diferente do sistema da Educação Pré-Escolar, vez que temos um currículo e metas que temos de atingir, enquanto na Educação Pré-Escolar temos orientações curriculares que servem como linhas orientadoras para o desenvolvimento do trabalho por parte do Educador.

Deste modo, penso que e como se pode verificar mais à frente, o jogo é um elemento fundamental no desenvolvimento global da criança e acabe ao Professor e Educador encontrar formas de o introduzir como um recurso ou complemento na aprendizagem da mesma e não como uma simples “brincadeira de rua”, pois através do mesmo é possível aprender.

## **Parte II**

### **Trabalho de investigação**

## Introdução

A educação infantil é uma etapa fundamental para a construção da identidade nas crianças, é uma das principais etapas que fazem parte do seu processo de formação e desenvolvimento. Importa, também, referir que o mesmo não seria possível durante esta fase se não existisse a vertente lúdica e o “faz de conta”, em que a criança constrói o seu mundo imaginário situado em experiências vividas, adquirindo saberes relacionados com as experiências de outros (Silva, 2003 Kisihomoto, 1999). Ou seja, ao se relacionar com os outros, vai adquirindo conhecimentos e realiza aprendizagens significativas para o seu desenvolvimento global. Embora importe mencionar que o papel do Educador é de extrema importância, já que é detentor de conhecimento e de ferramentas importantes para a aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo, o mesmo deve ser capaz de proporcionar atividades que envolvam aprendizagens e ao mesmo tempo brincadeira de forma harmoniosa, uma vez que a criança aprende melhor a brincar.

Deste modo, na Educação Pré-Escolar, o jogo e a ludicidade servem como recurso para a promoção e articulação de conteúdos na prática pedagógica de todo e qualquer Educador, recorrendo a diferentes estratégias pedagógicas para o desenvolvimento e aprendizagens do mesmo. Neste sentido, torna-se pertinente mencionar que o jogo é uma ferramenta importante para o Educador, na medida em que o ajuda na manutenção dos interesses e necessidades das crianças, das suas ideias, bem como do comportamento social de cada indivíduo e a necessidade de explorar o seu desenvolvimento físico, social e cultural sem constrangimentos.

O presente estudo organiza-se em função de sete pontos orientadores, assim, no primeiro ponto, damos ênfase à delimitação do estudo bem como a respetiva justificação da temática em causa.

No segundo ponto apresentamos os objetivos que ajudaram a delinear a forma como este vai ser trabalhado.

No terceiro ponto expomos a revisão da literatura sobre o tema em estudo, onde definimos o Jogo e a Ludicidade, os espaços do jardim de infância, dando ênfase aos espaços lúdicos e de recreio. Analisamos as perspetivas dos diversos autores no respeito aos mesmos e em que é que estes contribuem para o desenvolvimento das crianças na Educação Pré-Escolar e apresentamos, também, algumas conclusões de estudos realizados neste âmbito.

No quarto ponto descrevemos a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, dando conta de vários passos do processo de investigação.

No quinto ponto, apresentamos as categorias que contribuíram para uma análise mais concisa a informação recolhida

No sexto apresentamos a análise dos conteúdos, ou seja, a análise de toda a informação com a ajuda da revisão da literatura.

No sétimo ponto apresentamos considerações finais.

No oitavo a apresentamos as conclusões de todo este trabalho.

## **1. Definição do problema**

### **1.1 Delimitação do objeto de estudo/enunciado do problema**

Toda a investigação tem início na formulação de um problema. Deste modo, a questão principal desta investigação é: *“Será que o jogo e a ludicidade, na perspectiva dos Educadores, são importantes para a aprendizagem das crianças na Educação Pré-Escolar?”*

### **1.2 Justificação e relevância do estudo**

O jogo, especificamente o jogo lúdico, é um elemento fundamental para o desenvolvimento integral (cognitivo, motor, social) da criança. Segundo Vigotsky “(...) o jogo é insubstituível na educação da infância: para o desenvolvimento da imaginação, das competências sociais e comutativas, da autorregulação e como motivação para aprendizagem” (cit. por Yudina, 2007, p.4).

Uma vez que a Educação Pré-Escolar é a primeira etapa da Educação Básica torna-se importante que o Educador adote uma pedagogia e estratégias que não se encontrem ligadas maioritariamente ligadas ao abordar conhecimentos, mas que procurem também incorporar o caráter lúdico, sendo este um potenciador de muitas aprendizagens que podem e devem ser enriquecedoras (Ministério da Educação, 2009, p.18).

Tendo em atenção o que foi referido, a vontade de investigar a importância que os Educadores de Infância dão ao jogo e à ludicidade como contributo nas aprendizagens das crianças, prende-se com o facto de tentar compreender até que ponto as Educadoras acham pertinente potenciar atividades de cariz educativo através

do jogo/ludicidade como também, de perceber se efetivamente este é ou não um elemento potenciador para a aquisição de aprendizagens significativas para as crianças e, de que forma é explorada pelas mesmas, como também dos Educadores.

Assim, procurámos ampliar o conhecimento do tema e habilitar-nos profissionalmente, tendo em atenção este importante aspeto. Esperamos contribuir para um melhor entendimento deste tema e da relevância que este tem para o desenvolvimento global da criança.

## **2. Definição de objetivos e/ou hipóteses de investigação**

Partindo do problema enunciado anteriormente torna-se relevante definirmos os objetivos e/ou hipóteses que podem sustentar o tema a investigar. Assim, os objetivos que achamos pertinentes explorar são os seguintes:

- Aferir de que forma é que os Educadores utilizam o jogo lúdico para promover a aprendizagem das crianças;
- Averiguar de que forma é visto o espaço - recreio, por parte dos Educadores, para o desenvolvimento da criança;
- Saber se as Educadoras têm influência na atividade de recriação das crianças em espaço de recreio;
- Perceber qual a importância que o Educador(a) dá ao uso da atividade lúdica como estratégia de ensino-aprendizagem;
- Aferir até que ponto o jardim/escola tem influência na prática do jogo das crianças e, conseqüentemente, nos valores atribuídos a essa mesma prática;
- Aferir se as crianças dão grande relevância às práticas de jogo no recreio;
- Perceber se a utilização do recreio é vista como um espaço de grande relevância para o desenvolvimento da criança.

Importa referir que o espaço de recreio é relevante para a nossa investigação, uma vez que este faz parte do meio envolvente do recinto escolar e por observarmos que os mesmos são pouco utilizados pelas crianças nos momentos a que estes se destinam.

### 3. Revisão Bibliográfica

#### 3.1. O jogo

No sentido lato, falar de jogo infantil é falar de atividades que encerram gratuidade, alegria, exercício e novidade, o mesmo pode ser considerado como sendo uma atividade livre, espontânea, que pode ou não estar ligada a um conjunto de regras que possibilita, ao indivíduo que a pratica, divertimento, liberdade e que facilita as ligações interpessoais. Nesta perspectiva, Machado (1994) defende que o jogo é brincadeira, é divertir, é passar o tempo, logo para o mesmo é uma atividade natural e espontânea.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2009, p. 1144) “jogo” é uma atividade lúdica executada por prazer ou recreio, divertimento, distração; é atividade lúdica ou competitiva em que há regras estabelecidas e em que os participantes se opõem, pretendendo cada um ganhar ou conseguir melhor resultado que o outro.

De acordo com Cabral (1990), etimologicamente a palavra jogo deriva do étimo latim “*jocus*”, que significa graça, brincadeira, divertimento. Contudo, importa salientar que, para além de uma definição simplificada sobre o mesmo, este tem vindo a adquirir, ao longo dos tempos, uma grande relevância por parte dos investigadores nas mais diversas áreas, da saúde à educação, sendo que esta última tem merecido especial atenção e interesse pelas implicações no desenvolvimento da criança.

Em estudos recentes (Neto, C. 2008; Sardinha, 2010;), podemos evidenciar que a atividade lúdica do brincar, do jogar e do exercício físico e desportivo é de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo da criança e para o sucesso e adaptação escolar. Segundo o estudo de Romão a atividade de brincar na educação de infância “tem diversas potencialidades educativas entre as quais se destacam o desenvolvimento global da criança (...), que permite que a criança se conheça a si própria, que desenvolva a interação com os outros (...)”(2013, p.3).

Para além destas oportunidades que a atividade de brincar proporciona à criança, importa salientar que cabe ao educador potenciar-lhe momentos de brincar, de jogo livre e lúdico e de compreender que o mesmo é um recurso importante para o aprofundamento das aprendizagens realizadas pelas crianças (Romão, 2013).

Segundo Neto “(...) o estudo do jogo na perspectiva do desenvolvimento da criança e do adolescente pode ser considerado no âmbito da investigação científica como área exclusiva da abordagem” (1997, p.1).

O mesmo autor salienta ainda que o jogo enquanto atividade é “uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância e altamente atrativa e intrigante para os investigadores interessados nos domínios do desenvolvimento humano, educação, saúde e intervenção social” (Neto, 2003, p.5).

Porém, é muito difícil encontrar uma definição concisa sobre o jogo, uma vez que ao procurar definir o mesmo, a sua definição acabaria por se limitar ao seu próprio conceito. Assim, importa compreender e identificar algumas ideias que tentem estabelecer o conceito de jogo.

Tentar definir o jogo não é tarefa fácil. Quando se diz a palavra jogo cada um pode entendê-la de modo diferente. Pode-se estar falando de jogos políticos, de adultos, de crianças, de animais ou de amarelinha, de xadrez, de adivinhas, de contar estórias, de brincar de "mamãe e filhinha", de dominó, de quebra-cabeça, de construir barquinho e uma infinidade de outros. Tais jogos, embora recebam a mesma denominação, têm suas especificidades. Por exemplo, no faz-de-conta, há forte presença da situação imaginária, no jogo de xadrez, as regras externas padronizadas permitem a movimentação das peças. Já a construção de um barquinho exige não só a representação mental do objeto a ser construído mas também a habilidade manual para operacionalizá-lo (Kishimoto, 1994, p. 105).

Huizinga (1999) descreve o jogo como sendo uma atividade livre, incerta, delimitada e regulamentada. Para Neto (1997), o jogo é um veículo distinto para a motricidade infantil.

Segundo Caillois, o jogo/atividade lúdica manifesta-se quando “o prazer que se sente com a resolução de uma dificuldade tão propositadamente criada e tão arbitrariamente definida, que o facto de a solucionar, tem apenas a vantagem de satisfação íntima de o ter conseguido”(Caillois, 1990, p.50) .

De acordo com Kishimoto, o jogo pode ser visto como o resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social; um sistema de regras; e um objeto (Kishimoto, 1994, p.107).

Os jogos são atividades que podem e devem desenvolver esquemas mentais, que estimulam o pensamento, a percepção do espaço-temporal, enquanto vão desenvolvendo, nas crianças, aspetos afetivos, sociais, motores, que são tão ou mais importantes para o desenvolvimento de toda e qualquer criança. Para Neto, toda e qualquer prática que envolva atividades lúdicas é importante para a criação de um

estilo de vida ativo nas crianças e famílias, uma vez que está estritamente ligado à saúde física, psicológica e emocional (Neto, 2003).

Segundo Leal, (2005) “o jogo é uma atividade lúdica, em que as crianças e/ou adultos participam, num determinado tempo e espaço, com características próprias e delimitadas, pelas regras de participação da própria situação”.

Deste modo, o jogo é uma atividade de grande relevo, uma vez que aplicado numa perspectiva de cooperação é também necessário aplicá-lo de forma correta, pondo de parte a competição e o individualismo, promovendo a convivência, a interação como também a comunicação (Oliveira, et al, s.d., p.5).

Segundo Huizinga (1959), o jogo é um elemento pertencente à cultura, relacionado com outros aspetos sociais, não considerado apenas na perspectiva psicológica, sociológica ou antropológica. Assim, para Huizinga (1959) o jogo pode definir-se como sendo;

Uma acção ou uma actividade voluntária, realizada segundo uma regra livremente consentida, mas imperativa, desprovida de um fim em si, acompanhada por um sentimento de alegria e tensão e por uma consciência de ser diferente do que é na vida real (p.57).

Já Solé (1992) define o jogo como sendo “um instrumento que levará a criança a uma integração da sua personalidade, que a ajudará a defender-se da ansiedade, a assimilar o real, projetando sobre ele os seus fantasmas e a comunicar com os outros” (p.19).

Para Huizinga (1999), existem algumas características dos jogos particulares e/ou sociais que permitem definir o que é o jogo, como por exemplo: “O jogo é uma atividade voluntária. Sujeito a ordens, deixa de ser jogo, podendo no máximo ser uma imitação forçada”. (p.10). Ou seja, de acordo com o autor, qualquer indivíduo, seja criança ou adulto, possui total liberdade para jogar sem ter de estar condicionado, proporcionando, assim, um melhor controlo do tempo, pois o mesmo tem a mesma liberdade para prosseguir ou parar o jogo e, o mesmo, ainda tem a liberdade de explorar o jogo consoante as suas necessidades e as suas capacidades, promovendo a imaginação e o interesse do indivíduo perante o jogo. Outra das características que o autor identifica para caracterizar o jogo é: “Todo o jogo tem regras” (Huizinga, 1999, p.14). De acordo com o autor, todo e qualquer jogo deve ser possuído de regras e estas devem ser devidamente respeitadas pelos jogadores, mesmo que estas não se apresentem de uma forma explícita, visto que, quando se observa as atividades/jogos que as crianças, por exemplo, estão a efetuar (jogos inventados) elas incutem regras que acabam por funcionar só nesse determinado jogo, pois elas possuem a

capacidade e percebem que a existência de regras é fundamental para o bom funcionamento do jogo.

Vigotsky (1991) defende que a concepção de regra se encontra subjacente a toda e qualquer brincadeira. De acordo com este aspeto, considerando o brinquedo como jogo, o mesmo reforça que

(...) não existe brinquedo sem regras. A situação de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais estabelecidas *a priori*. A criança imagina-se como mãe e a boneca como criança e, dessa forma, deve obedecer às regras do comportamento maternal (p.109).

Para Vigotsky, uma situação imaginária como a descrita anteriormente apresenta um conjunto de regras de comportamento, onde a figura da criança passa pela representação de mãe e a do boneco, passa pela representação de filho. Assim, para o mesmo autor, “o mais simples jogo com regras transforma-se imediatamente numa situação imaginária, no sentido de que, assim que o jogo é regulamentado por certas regras, várias possibilidades de acção são eliminadas” (p.109). Desta forma, é importante perceber que, independentemente, de o jogo ser possuidor de regras, estas encontram-se subentendidas, sendo que a criança passa por modificações conforme vai desenvolvendo a intuição e a operação. Ou seja, é através da imitação que a criança tenta estabelecer uma conexão com a realidade (Oliveira, et al, s.d., p.5). É necessária a existência da sua compreensão, uma vez que, para as crianças mais pequenas que não possuem ainda a consciência de regra implícita, relativamente ao mesmo, não se sintam obrigadas a segui-las.

Ao falarmos de jogo, não podemos descurar as suas várias variantes, uma vez que existem muitos jogos e todos eles procuram estimular diferentes partes do corpo, da mente e que, em conjunto, contribuem para o desenvolvimento integral de cada indivíduo. Deste modo, importa salientar algumas das classificações mais importantes, até ao momento, no que concerne à diversidade de jogos existentes.

Partindo deste pressuposto, Antunes (2000) menciona que, dentro dos mais variados sistemas de jogos, os que mais se salientaram foram os de K. Gross, que os dividiu em dois grandes grupos: o grupo de experimentação e o grupo de relação com os mais variados instintos. O mesmo autor salienta, ainda, que era possível incluir todos os jogos em três grandes classes: jogos de destreza (física, intelectual e social), que se destinam, através de uma competição positiva, a afirmar algumas das qualidades de natureza humana, como por exemplo, a força, a agilidade, capacidade de superação e inteligência emocional; jogos de azar, ligados à regra da relatividade,

na medida em que a mesma é previsível de ser calculada; por fim, jogo de imitação, onde é perceptível a vontade e o instinto de “mimar”, que não se limita apenas à reprodução de gestos mas sim de fazer algo de novo.

Segundo Wallon (1968), podemos classificar os jogos em quatro grupos:

- Jogos funcionais - que estão relacionados com as funções psicológicas (físicas, sensoriais e tonicidade muscular). Os mesmos possuem movimentos muito simples, como por exemplo; tocar em objetos, agitar as mãos, entre outros.

- Jogos de ficção/imitação – partem das simulações que a criança realiza e que se baseiam no real (tendo por base a vida adulta) como por exemplo: brincar aos pais e às mães, brincar aos médicos.

- Jogos de aquisição – este tipo de jogos centram-se mais na observação da criança, pois pretende-se que a criança observe, perceba, escute e compreenda o que lhe está a ser transmitido, através de, por exemplo; gravuras, televisão.

- Jogo de construção – onde a criança tem a liberdade de explorar peças (por exemplo puzzles, sólidos geométricos), que lhes permitam montar e transformar de forma a criarem novos “brinquedos”.

Ao analisarmos em pormenor estas classificações, apercebemo-nos que, de facto, ao utilizarmos um só brinquedo podemos englobar elementos de cada jogo, promovendo a exploração de todos em um só jogo, por exemplo, um carro pode ser construído (jogo de construção), e serve, ou pode servir, para a realização de corridas (jogo funcional), também pode incluir a imitação durante a construção, bem como a ficção, quando imitamos o trabalhar do motor.

Outro autor importante, no que concerne à classificação de jogos é Caillois (1990). Este autor procura classificar os jogos, ao longo de um percurso contínuo, sendo que as suas extremidades são definidas por *paidia* (existe liberdade) e por *ludus* (existem regras). Ou seja, o jogo que possibilita liberdade, que proporciona imprevisto e espontaneidade é caracterizador por *paidia*. Por sua vez, o jogo que implica competição e cumprimento de regras é caracterizado por *ludus*.

Caillois, para definir a classificação de jogo de forma mais concisa e explícita, apresenta-a em quatro categorias, tendo em atenção certas qualidades e/ou atitudes dos participantes. Neste sentido, temos os jogos de competição, que designou por *Agon*. Estes jogos pressupõem situações de igualdade de oportunidades para todos os jogadores. O jogo de “azar” designou-os por *Alea*, que são o oposto da competição,

uma vez que nestes a questão de igualdade para todos pode não existir, sendo que os jogadores podem partir para outro jogo numa situação desigual. Numa outra categoria, colocou os jogos de simulação, que designou por *Mimicry*, que por sua vez, estão ligados aos jogos dramáticos e/ou de ficção. Por fim, os jogos de vertigem *ILinx*, procuram, ou seja, tem como intenção, por breves momentos, colocar nos jogadores um sentimento de instabilidade, de forma a colocar o próprio jogo em questão. Este tipo de jogos ocorre quando a percepção de “correr risco” se torna mais evidente.

Desta forma, apercebemo-nos que os jogadores (dentro deste limite estabelecido por Caillois – *paídia e ludus*) assumem papéis diferentes, por exemplo, nos jogos de competição (*Agon*), os mesmos assumem a ideia de competição, de desafio, mas tendo em atenção a igualdade de oportunidade desde o início do jogo, quer para ele (quando joga sozinho) ou para os adversários. Já nos jogos de simulação, o papel do jogador (*res*) é apresentar um ser, que não ele próprio, ou seja, mostrar uma pessoa diferente, assume outros papéis, que não identifiquem quem é na realidade, é um género de jogo de imitação, uma vez que neste fazemo-nos passar por outras pessoas ou coisas. Ou seja, para cada tipo de jogo, existem papéis diferentes, mas que é passível a inclusão das quatro classificações elaboradas por Caillois, sendo que cada jogador assume o seu papel nesse jogo. (Caillois, 1990)

Na perspetiva de Piaget (1979), o jogo é considerado como sendo uma atividade estruturada e consiste no exercício das funções sensoriomotoras (intelectuais e sociais), bem como na reprodução fictícia de situações vividas. Neste sentido, Piaget classificou o jogo em três grandes grupos: - *jogo de exercício; jogo simbólico e jogo de regras*, tendo em atenção três grandes estádios de acordo com o desenvolvimento da criança: *o estádio sensório motor; o estádio pré-operatório e o estádio operatório*, uma vez que este desenvolvimento é efetuado de forma gradual que implica uma complexidade maior de acordo com o crescimento da criança.

Estudos importantes, como por exemplo o estudo de Francisco Leitão (cit. por Neto, 2003, pp.57-70) explica-nos que, de acordo com Piaget, “o esquema simbólico não é mais do que a reprodução (imitação) descontextualizada de um esquema sensório-motor da criança.” O mesmo refere que a criança, durante este processo, limita-se a “fazer de conta” recorrendo a esquemas que utiliza habitualmente. Efetivamente, este mostra o que Piaget já defendia há muito tempo, uma vez que é através deste jogo que a criança vai construindo ligações mentais com a realidade.

No que respeita à primeira classificação de jogo por Piaget, o jogo de exercício, está relacionado com o primeiro estádio por ele definido, o estádio sensório-motor

(entre os 2 e os 4 anos). Este jogo encontra-se centrado nas ações das crianças e caracteriza-se pelo puro prazer de satisfação da própria criança. Para uma melhor compreensão do mesmo, o mesmo autor subdividiu-o em cinco fases, de forma a mostrar a evolução progressiva da criança, começando pelo mais simples até ao mais complexo.

Deste modo, a primeira fase destina-se a “exercícios reflexos” que são impulsionados pelo puro prazer de satisfação da criança. Na segunda fase, a criança utiliza o corpo para a realização dos jogos, estes caracterizam-se por “reações circulares primárias”. A terceira fase consiste na realização das “reações circulares secundárias”. Nesta fase, o prazer “funcional”, como designou Buhler (1928, cit. por Van Der Kooij in Carlos Neto, 2003), acrescenta-se a compreensão da criança. Já a quarta fase diz respeito a “coordenação de esquemas secundários” e a quinta fase às “reações circulares terciárias”. Esta fase está ligada à transposição do jogo de exercício para o jogo simbólico.

O jogo simbólico é um dos primeiros jogos que a criança “joga”, uma vez que este surge aos 3 anos (aproximadamente) e flui até aos 6 anos, com predominância no período pré-operatório. Ao efetuar este jogo a criança está a desenvolver a função simbólica (representar um objeto ausente).

Segundo Piaget (1972, 1968 e 1947), quando a criança realiza esta função (em idade pré-escolar), está a desenvolver, ao mesmo tempo e de forma adequada, a assimilação (atividade que contribui para a apropriação dos elementos da realidade de acordo com a perceção que a criança tem dos mesmos), bem como a acomodação (diz respeito à influência do meio, ou seja vai aceitando aquilo que lhe é proporcionado).

O jogo simbólico representa uma situação onde não é necessária a existência de uma relação direta, visto que basta recorrer a um objeto que irá servir de pretexto para realizar algo que, aparentemente, se encontra ausente. É através do jogo que a criança, ao utilizar a sua imaginação, entra no mundo da fantasia, do “faz-de-conta” que é outra pessoa, por exemplo, e que por consequência a leva a recriar um sítio específico para a situação que imagina na sua cabeça, atribuindo uma nova forma a um determinado objeto que utilizou para recriar a situação que imaginou.

Entre os 3 e os 6 anos, a criança consolida esta estrutura “faz-de-conta” tornando-a cada vez mais complexa e durável, visto que esta permite-lhe invocar a sua imaginação mais profunda que acaba por lhe proporcionar outros sentimentos, outras sensações. Ao realizar este jogo de faz-de-conta, a criança está a simular tudo

aquilo que se passa em seu redor, ou seja, a vida real, mas, ao mesmo tempo, vai modificando a simulação de acordo com as suas necessidades. Neste sentido, o jogo simbólico aparece quando a criança adquire a noção de representação com a intenção de ser uma cópia da realidade.

No jardim de infância o jogo simbólico adquire grandes repercussões, visto que é uma atividade espontânea e que proporciona a interação de uns com os outros através dos recursos existentes.

Ao falarmos de jogo simbólico não podemos descurar o jogo dramático, uma vez que o primeiro deriva do segundo. Desta forma, importa referir que o jogo dramático (forma de expressar o real e o imaginário) contribui significativamente para a formação da criança, ao nível socio-afetivo. Acaba por proporcionar à criança alguma liberdade no que concerne à fantasia, pois só assim é que a mesma pode ser quem quiser e o que quiser, sem que se sinta julgada por alguém.

Relativamente ao jogo de regras, de acordo com Piaget (1962), que surge por volta dos 4, 5 anos de idade, embora só aos 6, 7 anos a criança consegue adquirir, significativamente, a regra, é um jogo deveras importante, tendo em atenção que é através do mesmo que a criança se adapta, de forma progressiva, à vida em sociedade, uma vez que o “*fair play*”, bem como a submissão democrática a uma regra comum e não a uma regra individual, é uma forma evoluída de viver em sociedade.

Quando a criança se sente confrontada com uma regra e sabe que tem de obedecer à mesma, sem colocar qualquer tipo de questão sobre o seu surgimento, encontra-se à procura de afirmar o seu “Eu”, uma vez que, a mesma é um elemento de uma sociedade.

Assim, o jogo deve ser considerado como um recurso (por parte dos Educadores), sendo que este deve manter sempre a sua função lúdica e educativa em conjunto.

### **3.1 . O jogo e a criança**

Para Neto (2003), o jogo é muito importante para o desenvolvimento de todo e qualquer indivíduo, dando saliência ao facto de este estar presente na sua vida desde cedo. Desta forma, torna-se pertinente compreender, através do ponto de vista dos autores, a importância do jogo para o desenvolvimento da criança.

De acordo com Guedes (1991), o jogo é intrínseco às crianças, pois sem esta vertente lúdica, de brincadeira, não é possível o desenvolvimento harmonioso da

mesma, do que é ser infantil, visto que sem o mesmo as suas ligações com os adultos que frequentam o seu meio acabam por sere meras leis, limitando os horizontes (imaginação, fantasia) que lhe possibilitam a aprendizagem.

Para Maurício (s.d.), “o jogo é a mais importante das atividades da infância, pois a criança necessita brincar, jogar, criar e inventar para manter o seu equilíbrio com o mundo.” Ou seja, o jogo no seu todo, é uma ferramenta facilitadora e importante para aprendizagem da criança, logo é pertinente que esta comece a lidar com o mesmo desde os primeiros tempos pois é através do jogo que ela recria a realidade que se encontra no seu quotidiano, começando por imitar os que estão mais perto de si para depois ir evoluindo consoante o seu crescimento.

Deste modo, Oliveira et al, afirmam que “o lúdico, em todas as suas dimensões, deve proporcionar à criança, situações que desenvolvam a inferência, ou seja, a sua capacidade de deduzir, de levantar hipóteses, através da tentativa - erro”. Já Dinello (2004) afirma que é por meio das atividades lúdicas que as crianças, evidenciam uma aprendizagem mais significativa das suas habilidades, conseguem transformar a agressividade em relações duradouras e criativas, evoluem na imaginação e socializam, contribuindo para o aumento do vocabulário e ajuda na independência das crianças.

Desta forma, o Educador deve considerar o jogo lúdico como recurso importante e facilitador das aprendizagens das crianças, implementando sempre que possível no processo de planificação das atividades como também da rotina.

A criança é capaz de assimilar e aprender com mais facilidade tudo o que a rodeia, uma vez que se encontra num meio mais estimulante, capaz de potenciar aprendizagens enriquecedoras a todos os níveis, mesmo que a criança não tenha a consciência de que está aprender. Neste sentido, Antunes (2000) também defende que o jogo lúdico aparece como forma de adquirir conhecimento para a construção permanente do pensamento individual que se encontra em constante mudança, bem como o pensamento coletivo, uma vez que o mesmo também se pratica em grupo. Assim, o educar ludicamente encontra-se presente quando a criança brinca, uma vez que enquanto esta brinca, não brinca só, coloca em ação várias funções que foi adquirindo.

Vigotsky (1982) defende que o lúdico desempenha um papel fundamental no que concerne ao desenvolvimento cognitivo e social da criança, visto que é através das brincadeiras, dos jogos que vão realizando, que as crianças se desenvolvem ao nível cognitivo, motor e social.

Segundo Alves (2000), o jogo livremente aceito pela criança, é a sua própria linguagem. Ou seja, o jogo livremente inventado, independentemente de se utilizar ou não um brinquedo ou todo o material que a mesma possui no seu ambiente, acabará por conduzir a criança à sua inserção na sociedade, através de uma sólida construção da sua personalidade.

### **3.2.1. O jogo no desenvolvimento da criança (contributos do jogo para a sua formação)**

*“Grande parte do desenvolvimento da criança faz-se no jogo e pelo jogo”  
(Neto, 1985).*

Efetivamente, o jogo é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da criança, bem como para a formação da mesma.

O processo de desenvolvimento da criança é um processo construtivo e que passa por várias fases, sendo que uma das mais importantes está relacionada com a aquisição de espírito crítico e a interiorização de valores éticos, morais e sociais, que irão contribuir, durante o percurso de evolução das crianças, para a inserção desta na sociedade. É neste aspeto que o jardim de infância deve e tem de possuir um papel ativo, uma vez que é nos primeiros anos da Educação Pré-Escolar que as crianças começam a aprender a viver em sociedade. É nesta altura que ela começa a interiorizar e a complementar aquilo que já adquiriu até então, ou seja, o respeito pelos outros e por si, começa a compreender que existem regras de comportamento que são muito importantes para a existência de diálogos, e não só, como por exemplo esperar pela sua vez de falar, pedir licença, desculpa, entre outras normas de conduta que fazem com que seja possível a harmonia entre eles e os outros. De acordo com Silva (2002), o processo de socialização é intrínseco ao processo de desenvolvimento da identidade e da autonomia, como também nas interações sociais que a criança estabelece, tanto entre pares, como com adultos.

Neste contexto, o desenvolvimento da autonomia da criança é um processo que vai evoluindo consoante o tempo, ou seja, só com a convivência, com interação é que a criança se vai libertando aos poucos e vai conseguindo, de forma continuada, alcançar pequenas conquistas e vai começando a realizar tarefas de forma crescente, sem precisar de ajuda. Contudo, o mesmo depende de vários fatores, mas principalmente depende dos Educadores, da escola e dos pais, como corrobora

Roldão (2008) ao mencionar que “o desenvolvimento é um processo complexo, continuado, interativo e nunca terminado” e que é “onde se jogam, muitas vezes de forma irreversível, fatores que o favorecem ou o individualizam, e a que corresponde, por isso mesmo, uma responsabilidade acrescida das várias agências sociais, com destaque para as educativas” (p.177).

Como temos vindo a referir ao longo deste documento, também neste ponto, o jogo possui um papel fundamental, deve estar sempre presente na vida quotidiana da criança, visto que este é alicerce para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, uma vez que é através do jogo que as crianças conseguem interiorizar melhor aquilo que estão a aprender. Portanto, se pegarmos nas suas características e funções, é possível encontrar meios de contribuam para o desenvolvimento cognitivo, socio-afetivo, moral e motor da criança.

Vários autores, como Kamii (2003), Neto (2003), Kishimoto (1994), Ortiz (2005), têm mostrado que o jogo é um dos principais potenciadores do desenvolvimento das capacidades das crianças, não só as motoras, como também as capacidades psicológicas, ou seja, todas as áreas de desenvolvimento. Portanto, se o jogo é um elemento fundamental para o desenvolvimento da mesma, importa que o Educador seja capaz de definir, no que concerne à sua prática pedagógica e partindo das necessidades das crianças, as atividades que incluam o jogo, para possibilitar um bom desenvolvimento da criança. Bandet e Abbie (s.d., citados por Valenzuela, 2005) mencionam que o jogo educativo quando proposto pelo educador (com intenção dirigida a) é cuidadosamente selecionado, não só para um conjunto de vários fatores que se encontram no terreno, socio-afetivo, cognitivo, social ou motor mas também para a vida (pessoal e social). Mas, o educador não pode descurar o papel ativo que a criança possui no seu próprio desenvolvimento no que respeita à sua interação com o meio envolvente. Como tal, o educador tem de ser capaz de oferecer à criança condições que a incluam no seu processo de desenvolvimento.

Neste contexto, o Educador ao observar que a criança é capaz de dar o seu contributo de uma forma ativa, para o seu crescimento/desenvolvimento, relativamente a todas as áreas de desenvolvimento, está a perceber que esta possui um papel ativo e pró-ativo no seu desenvolvimento e aprendizagem, assim a criança deve ser considerada como sujeito e não como objeto que faz parte do processo educativo.

Desta forma, o educador deve destacar aquilo que a criança sabe, relativamente à sua cultura, aos seus saberes, quando está a planificar as suas atividades, visto que na Educação Pré-Escolar a criança é o centro de toda a

planificação do educador e esta tem direito de mostrar os seus interesses e de querer saber mais sobre eles. Portanto, o educador quando se encontra a planificar tem de pensar na criança e tem de deixar espaço para que esta possa intervir na própria planificação, pois só assim é que consegue contribuir para o bom desenvolvimento da criança, uma vez que, ao proporcionar este tipo de envolvimento, através de experiências educativas diversificadas, num contexto facilitador de interações sociais alargados, está a contribuir para o desenvolvimento global da criança.

Assim, importa refletir sobre a influência que o jogo tem sobre as diversas áreas de desenvolvimento (socio-afetivo, cognitivo, moral e motor).

No que concerne à área de desenvolvimento socio-afetivo, tendo em conta que o jogo se tornou num fator primordial como elemento facilitador do desenvolvimento, também a interação se tornou num fator fundamental do jogo, uma vez que, este proporciona, mesmo sem intenção, as inter-relações entre os indivíduos (crianças, jovens e adultos). Neste sentido, é possível admitir que é a partir dos primeiros anos de educação pré-escolar, que as crianças se encontram mais sensíveis no que respeita ao desenvolvimento desta competência (Formosinho, Katz, Maclellan & Lino, 1996). Estes autores salientam ainda que “a falta de oportunidades para as crianças interagirem socialmente na brincadeira, durante os primeiros anos, pode ter um efeito mais prejudicial do que a falta de oportunidade para brincarem, numa fase posterior” (p.46).

Ao desenvolver esta competência, o Educador está a contribuir para que a criança coloque de lado o seu egocentrismo e comece a adquirir meios que contribuam para a sua integração e convivência em sociedade, sendo ela um elemento da mesma. Para potenciar esta transformação, torna-se pertinente que o Educador elabore atividades, em grupo/pares, que permitam à criança ter a consciência de que é importante pertencer a um grupo social, mas também pelas vantagens que delas advêm. Assim, para que estas interações sociais se desenvolvam torna-se importante ter um espaço que contribua de forma positiva para o mesmo, como mencionam Katz, Ruivo, Silva & Vasconcelos (1998), o espaço favorece “as trocas entres os diferentes elementos do grupo, a interação social, exploração e a aprendizagem” (p.147).

Deste modo, a criança só consegue desenvolver a sua capacidade sócio-afetiva, quando esta se encontra num espaço que permite à criança inventar, recriar, explorar com as outras crianças que partilham o mesmo espaço que ela, bem como, com os adultos. Outro fator que contribui para as inter-relações, é a elaboração de

atividades, por parte do educador, que se preocupem com os interesses genuínos das crianças.

Formosinho menciona que a compreensão social, bem como as competências sociais são alcançadas através do dar e receber, através das brincadeiras e do trabalho realizado com os colegas (1998).

Relativamente à área de desenvolvimento cognitivo, a utilização do jogo é fundamental, pois é através deste que as crianças estão a trabalhar a matemática, o português, entre outras áreas de conteúdo. Bruner atribui ao ato lúdico o poder de criar situações de índole exploratório propício para a solução de problemas. (s.d. citado por Kishimoto, 1994).

Piaget, na sua Teoria de Desenvolvimento, realça duas implicações pedagógicas, sendo que a primeira dá especial realce à iniciativa e à inteligência da criança, através de uma manipulação ativa com o mundo exterior, pois é através de uma troca direta com a realidade que se desenvolve a base da inteligência. Relativamente à segunda pedagogia, baseia-se no jogo espontâneo da criança, tendo em atenção que o mesmo é o primeiro contexto onde os educadores devem dar especial importância, visto que é através do mesmo que encorajam a iniciativa e a inteligência da criança (citado por Kamii, 2003).

Segundo Ferreira e Santos (2000), o desenvolvimento intelectual faz-se através das reconstruções contínuas, incluindo as aquisições num processo de equilíbrio progressivo.

O desenvolvimento moral só se pode proporcionar se a criança estiver exposta a uma variedade de experiências que contribuam para a apropriação de tradições, de crenças, princípios e valores. Para tal importa que a criança se encontre inserida num grupo, visto que só assim é que estes fatores só podem ser partilhados no seio de um grupo social. De acordo com Mata (2001) a “caraterística principal da moralidade prática das crianças em idade pré-escolar é a heteronomia, quer dizer, moral de respeito unilateral, de constrangimento ou de obediência” (p.295).

Neste sentido, verificamos que a educação Pré-Escolar ocupa um lugar de eleição, no que concerne à aquisição de noções de respeito, de solidariedade, de companheirismo, pois é neste período que a criança está mais sensível a estas noções e é neste ponto que a mesma começa a ter a noção do certo e errado, do bem e do mal. Para tal, no espaço que a criança utiliza e que se encontra destinado ao jogo, nos jardins de infância, torna-se pertinente que o educador estabeleça regras, que possibilitem a aquisição das noções supramencionadas, tais como respeitar a sua

vez para jogar, deixar que os outros também participem ativamente no jogo e respeitar as próprias regras que o jogo possui. Desta forma, quando as crianças se encontram a utilizar o mesmo espaço de jogo, devem ter a noção de respeito (do espaço), de convivência (de forma a facilitar as interações entre as mesmas). Portanto, para que seja possível conviver num espaço harmonioso para todos os elementos que nele convivem, torna-se pertinente que o educador, em conjunto com as crianças, seja capaz de encontrar regras plausíveis, que satisfaçam, quer as crianças, quer os adultos que nele coabitam e que sejam justos para as mesmas.

Ten e Marín (2008) corroboram com este aspeto na medida em que defendem que no espaço onde as crianças jogam e brincam é crucial para a busca incessante, de soluções conjuntas que permitam a “partilha”, bem como as “normas elaboradas com o grupo sobre quando devem recolher-se os objectos (...)” como também “preparar e estabelecer estratégias que permitam procurar soluções para satisfazer o desejo das duas partes em conflito, relativamente a um objeto, o que implica ter capacidade social de negociação” e ainda de “estabelecer com o grupo regras sobre a existência de objectos pessoais no espaço comum e o critério para a sua utilização” (pp.58-59).

Neste âmbito, importa que todos os elementos, que partilham o mesmo espaço, se encontrem cientes de que para uma boa convivência é necessário proceder e respeitar um conjunto de normas e regras iguais para todos, pois só assim é possível coabitar no mesmo espaço de forma harmoniosa. Contudo, não podemos descurar a existência de conflitos, pois como em tudo na vida, estes existem, mas se estiverem estabelecidas, as regras e as normas, torna-se mais fácil de conseguir ultrapassá-los.

Ao viver neste ambiente, a criança, também ganha autonomia para resolver os seus próprios conflitos. Neste sentido, o papel do jogo é deveras importante, pois é através dele, que a criança socializa e ao socializar está a transmitir os seus saberes, as suas opiniões e, como cada criança tem a sua forma de pensar é natural que as opiniões e os saberes não sejam os mesmos. O jogo é importante pois é um meio que possibilita a resolução de problemas, mas numa forma mais natural sem gerar grandes conflitos e, como estão sozinhas, ou seja, não existe a presença de um adulto nas suas brincadeiras, elas têm de “ser obrigadas” a encontrar soluções para os seus problemas. Deste modo o papel do educador é muito importante, uma vez que este tem de ser capaz de dar liberdade para que este tipo de situações aconteça, visto que

só assim é que consegue formar “adultos” capazes de ultrapassarem os seus obstáculos sozinhos.

### **3.3. O jardim de infância e o jogo**

Tendo o jogo extrema importância para a formação da criança, não podemos descurar o papel fundamental que o educador tem no que concerne a todo o processo de aprendizagem da mesma. Assim, na educação pré-escolar, o jogo pode e deve ser um recurso que serve promover a articulação de conteúdos na prática pedagógica dos educadores, em diferentes estratégias, para o desenvolvimento de aprendizagens das crianças. Para além disso, o jogo é uma ferramenta importante para o educador, na medida em que o ajuda na obtenção de informação sobre o comportamento social (coletivo e individual), como também na obtenção dos interesses e necessidades da criança e ainda na obtenção das suas ideias. (Serrão & Carvalho, s.d., p.1092)

Deste modo, jogo é um meio que se encontra ao alcance dos educadores, uma vez que, para além das suas potencialidades, este também deve ser inserido nas suas práticas pedagógicas tendo como foco principal o desenvolvimento integral da criança.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE), o educador deve ter em atenção as planificações que cria, visto que o ponto fulcral para o planeamento das suas atividades quer diárias quer anuais, é, efetivamente, a criança.

(...) sobre as suas intenções, educativas e as formas de as adequar ao grupo prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos necessários à sua realização. O planeamento do ambiente educativo permite às crianças explorar e utilizar espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição, proporcionando-lhes interações diversificadas com todo o grupo, em pequenos grupos e entre pares, e também a possibilidade de interagir com outros adultos (Ministério da Educação, 1997, p.26)

Deste modo, importa que o educador procure utilizar estratégias que, através do jogo, proporcionem um desenvolvimento harmonioso de todas as potencialidades das crianças, como também para a sua estabilidade e segurança afetiva. Assim, de acordo com Bennet (cit. Por Morgado, 2004), todas as atividades planificadas devem ser definidas com o intuito de proporcionarem desafios estimulantes, promovendo nas crianças a criatividade e a capacidade de resolução de problemas (Morgado, 2004).

Neste sentido, torna-se perceptível que as atividades que envolvem o jogo devem constituir-se por uma intencionalidade educativa e não como forma de divertimento, ou de ocupação de tempo. Logo, o Educador não deve descurar a pertinência das atividades que se desenvolvem através do jogo, colocando este num lugar privilegiado na sua planificação. Cabral menciona que o “jogo infantil se apresenta caracteristicamente como jogo a que chamarei total ou integrado e do seu estudo depende em muito o conhecimento do desenvolvimento da criança, já que esta só se desenvolve, jogando” (Cabral, 2001, p.41).

Efetivamente, na Educação Pré-Escolar, o jogo pode e deve constituir-se como um recurso que promove a articulação de conteúdos no que concerne à prática pedagógica dos Educadores e nas diferentes estratégias que este usa em contexto de sala como também o desenvolvimento das aprendizagens das crianças.

Neste sentido, o Educador deve procurar estratégias que facilitem o desenvolvimento e aprendizagem das crianças pois só assim consegue planear algo consistente para manter a criança envolvida. Assim, o educador deve:

“Adotar uma pedagogia organizada e estruturada não significa introduzir na educação pré-escolar certas práticas “tradicionais” sem sentido para as crianças, nem menosprezar o caráter lúdico de que se revestem muitas aprendizagens, pois o prazer de aprender e de dominar determinadas competências exige também esforço, concentração e investimento pessoal” (Ministério da Educação, 1997, p.18)

### **3.4. O espaço físico para as atividades lúdicas das crianças**

O jogo ocorre sempre numa determinada situação e num determinado contexto, a criança quando joga relaciona-se com o outro e com o meio. (Kooij, 2003).

Segundo Brito (2012), é notório que todas as salas do jardim-de-infância deveriam proporcionar à criança espaços onde estas tivessem oportunidade para brincar entre si sem que o educador interfira de forma ativa, pois só assim é que a criança é capaz de demonstrar a relação que tem com o mundo, com os outros, contribuindo para que a mesma adquira o conhecimento de si mesma como indivíduo que é capaz de tomar decisões.

De acordo com as OCEPE, embora os espaços existentes no jardim de infância sejam diversificados, é pertinente ressaltar que o tipo de equipamento, materiais e a

forma como estes se encontram dispostos devem facilitar, em grande parte, o que as crianças podem fazer (Ministério da Educação, 1997).

Partindo deste pressuposto, é importante mencionar a importância dos espaços existentes, principalmente os mais relevantes para o desenvolvimento da criança, no jardim de infância, sendo estes o espaço interior (sala de atividades) e o espaço exterior (recreio ao ar livre).

O recreio, em contexto escolar, é reconhecido como sendo um tempo e um espaço de grande relevância para a promoção da atividade física das crianças.

Dadas as suas características o recreio apresenta-se como uma excelente oportunidade de acumular atividade física ao longo do dia, além de outros benefícios, nomeadamente aspetos sociais (partilha, cooperação, resolução de conflitos, auto disciplina, etc.) emocionais (libertação do stress, auto estima, desenvolvimento do carácter, etc.) e cognitivos (criatividade, resolução de problemas e vocabulário, etc) (Lopes. et al, 2012, p.65).

De facto, o recreio é um espaço privilegiado que possibilita às crianças explorar, recriar o espaço e os materiais que se encontram disponíveis no mesmo, mas também permite um maior envolvimento em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas. Este é um espaço que permite realizar uma infinidade de atividades ricas, dinâmicas, sociáveis já que elas são livres para correr, saltar, encher e esvaziar (caixa de areia/água) se existir no jardim, imaginar, entre tantas outras atividades lúdicas que contribuem para o desenvolvimento integral da criança.

Neste sentido, importa salientar que o espaço de recreio deve estar provido de inúmeros materiais e recursos naturais, para que as crianças possam explorar, possam brincar, imaginar, e serem criativas. Os espaços de recreio, conduzem, assim, para o desenvolvimento, aprendizagem motora e a melhorias nos níveis da atividade física das crianças (Meester. *et al.*, 2008; Marques, Neto & Pereira, 2001).

O espaço de recreio não é só importante para as crianças. O espaço de recreio também é muito importante para os adultos que os acompanham, uma vez que este permite-lhes focalizar a sua atenção nas crianças para compreender e apoiar as suas iniciativas, para participarem nas brincadeiras naturais, para ser um mediador entre as crianças, intervindo quando acha que é pertinente, proporcionando a oportunidade de falar com as crianças de forma natural, como também lhes permite observar a natureza da criança e as interações que a mesma realiza com as restantes crianças.

Desta forma, e de acordo com as OCEPE (Ministério de Educação, 1997), o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é também um espaço educativo (Ministério da Educação, 1997). Efetivamente, o recreio é um elemento potenciador para o desenvolvimento da criança, visto que este possibilita oportunidades educativas, logo deve merecer a mesma atenção por parte do educador (Albuquerque, 2007, p.21).

Tendo em atenção as OCEPE (Ministério de Educação, 1997) “o espaço exterior é um local que pode proporcionar momentos educativos intencionais planeados pelo educador e pelas crianças” (Ministério da Educação, 1997, p.22).

Assim, e tendo em atenção a opinião de Albuquerque (2007), compreendemos que o recreio assume um papel importante quando considerado como um espaço educativo, logo importa que este se encontre organizado e equipado de forma a proporcionar aprendizagens significativas para o desenvolvimento integral das crianças.

Contudo, o espaço de recreio não pode estar cingido só aos materiais que dele fazem parte, uma vez que o espaço de recreio é mais do que um espaço para brincar, é um espaço que privilegia a socialização, a aventura, o jogo e que acaba por contribuir para a atividade motora da criança. Para além destes motivos, este espaço também possibilita à criança “libertar” a sua imaginação ao mesmo tempo que observam os seus comportamentos e dos colegas num espaço cheio de liberdade.

Desta forma, o espaço de recreio deve contribuir para a descontração e relaxamento da criança, visto que se torna num espaço adjacente ao espaço interior, as crianças adquirem aprendizagens, também elas importantes, mas de uma forma livre e que acaba por permitir a diversidade de oportunidades educativas.

Neste sentido, importa que o educador proporcione tempo para que as crianças possam desfrutar do tempo de recreio, visto que este lhe possibilita o acesso a um conjunto de atividades e brincadeiras que no espaço interior não é possível realizar.

## **4 Metodologia**

### **4.1. Tipo de Investigação**

A investigação é um processo que contribui para a construção de conhecimentos de uma forma sistemática e ordenada e que permite encontrar respostas a questões que carecem de uma averiguação (Fortin, 1996).

De acordo com Coutinho (2013), “a investigação é uma atividade de índole cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objecto de indagação com o intuito de explicar e compreender os fenómenos sociais” (p.7).

Ao falarmos de investigação, torna-se pertinente referir o seu paradigma, uma vez que é necessário compreender para que serve e como se concretiza.

Deste modo e, tendo em atenção o mesmo autor, o paradigma de investigação pode definir-se “como um conjunto articulado de postulados, de valores conhecidos, de teorias comuns e de regras que são aceites por todos os elementos de uma comunidade científica num dado momento histórico” (Coutinho, 2005).

Para Pacheco (1993), o paradigma da investigação centra-se num processo implícito de uma comunidade de investigadores com um quadro teórico e metodológico conciso, e, conseqüentemente numa partilha de experiências e uma concordância relativamente à natureza da investigação e à conceção do conhecimento. Ainda no mesmo seguimento, Coutinho (2005) menciona que na investigação científica o paradigma cumpre duas funções principais que são a unificação dos conceitos e a legitimação entre os investigadores, tendo em conta que um dado paradigma aponta para critérios de validação e de interpretação.

Partindo deste pressuposto, importa referir que o presente estudo é fundamentalmente qualitativo, recorrendo à entrevista, de onde se obtém diretamente dados através de um ambiente de pesquisa natural (Bogdan & Biklen, 1994) uma vez que se pretendeu compreender como é visto o jogo lúdico por parte dos Educadores de Infância, bem como o modo (como e quando), destes promoverem o mesmo.

Através deste paradigma pretende-se compreender, dar significado e potenciar a ação, uma vez que só assim se torna possível compreender o significado dos sujeitos que constroem o conhecimento colocando de lado a presunção de ideias pré-existentes. Este tipo de investigação permite ao investigador complementar as ideias pré-existentes com as informações que recebe, permitindo que “abra” outras perspectivas que com as dele se fundem, completam e expandem (Coutinho, 2013).

Deste modo, é de ressaltar que em educação, quando se trata de uma investigação de caráter qualitativo, significa que o investigador frequenta os locais onde constam os fenómenos nos quais está interessado, recolhendo os dados através dos comportamentos naturais das pessoas, através do conversar, observar, visitar (Guba, 1978, cit. por Bogdan & Biklen, 1994, p.17). Este tipo de investigação, segundo Coutinho, procura dar significado, compreender e pressupor ação, uma vez que se procura compreender o mundo pessoal dos sujeitos (Coutinho, 2013).

Segundo Coutinho (2013), pode dizer-se que ao nível conceptual o que possui mais relevância, relativamente ao objeto de estudo na investigação, não são os comportamentos, mas sim as intenções e situações, uma vez que se trata de estudar ideias e de descobrir significados para as ações e interações individuais e sociais, tendo como foco a perspectiva dos autores intervenientes no processo. No que concerne ao nível metodológico, a investigação de índole qualitativo fundamenta-se através do método indutivo, uma vez que “ (...) o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da ação estudando-a na sua própria posição significativa, isto é, o significado tem um valor enquanto inserido nesse contexto” (Pacheco, 1993, p.28). A recolha dos dados centra-se na descrição, na descoberta, na classificação e na comparação (Tuckman, 2000).

Deste modo, o papel do investigador, na investigação de índole qualitativa, centra-se na compreensão da situação que está a estudar/investigar, sem impor expectativas prévias ao fenómeno em estudo/investigado (Martens, 1998, p.160).

Neste sentido foi efetuada uma investigação de caráter descritivo, que teve por base a entrevista.

## **4.2. Grupo Estudado**

O presente estudo teve como principal objetivo compreender a importância que os educadores dão ao jogo lúdico, como elemento fulcral para a aprendizagem e desenvolvimento global das crianças em idade pré-escolar, na cidade de Viseu. Para tal, foram realizadas entrevistas a um grupo de estudo composto por educadoras representativas dos agrupamentos de escolas existentes em Viseu. De forma a tornar os dados recolhidos o mais concretos possíveis, as seis educadoras entrevistadas pertencem a 3 dos 4 agrupamentos supramencionados. A escolha da cidade de Viseu prende-se com o facto do Instituto Superior Técnico, Escola Superior de Educação, onde foi elaborado este trabalho, se situar na mesma. Outro aspeto que levou a

escolher esta cidade para a realização do estudo, prendeu-se com o facto de conhecermos tanto algumas instituições, bem como algumas das Educadoras que foram entrevistadas. A decisão pela educação pré-escolar tem como base a motivação pessoal, visto que foi com o intuito de trabalhar com crianças desta faixa etária que me formei em Educação Básica.

### 4.3. Instrumentos de recolha de dados

Como forma de dar resposta à questão que potenciou esta investigação e de recolher todos os dados fundamentais ao alcance dos objetivos específicos da mesma, optámos por recorrer à entrevista. Segundo Ketele & Roejiers, a entrevista é:

(...) um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas seleccionadas cuidadosamente, afim de obter informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência é analisado na perspectiva dos objetivos da recolha de informação (1999, p.22).

Para Ruquoy (2005),

A entrevista apresenta um tipo de comunicação bastante particular. É suscitada e pretendida, por um lado e mais ou menos aceite ou sofrida por outro. Possui uma finalidade precisa e põe em presença indivíduos que, em geral, não se conhecem. Baseia-se na ideia segundo a qual para saber o que pensam as pessoas basta perguntar-lhes (Ruquoy, 2005, p.95).

Contudo importa refletir sobre a escolha da mesma, bem como no processo da sua organização, visto que existem vários tipos de entrevista. Assim sendo, o investigador deve ter cuidado no que concerne às escolhas das questões que pretende realizar, bem como o público alvo a quem as irá direccionar, para que consiga obter toda a informação necessária para *a posteriori* a analisar. Neste sentido, optamos por recorrer à entrevista do tipo semidiretiva, uma vez que com a mesma é possível encontrar um meio-termo, com o intuito de responder às suas questões, mesmo que estas se oponham entre si, ou seja:

(...) permitimos que o próprio entrevistado estruture o seu pensamento em torno do objectivo perspectivado, (...) porém, a definição do objecto de estudo elimina do campo de interesse diversas considerações para as quais o entrevistado se deixa naturalmente arrastar, ao sabor do seu próprio pensamento, e

exige o aprofundamento de pontos que ele próprio não teria explicitado, e daí, desta vez, o aspecto parcialmente «directivo» das intervenções do entrevistador (Albarello, et al, 1997, p. 87).

De acordo com o mesmo autor, a entrevista semidiretiva pode-se distinguir outras três modalidades de entrevista (diretiva, relato de vida e não diretiva), sendo que a modalidade optada para este estudo nos permite um maior controlo sobre a informação recolhida, sem com isto, influenciar o discurso do conhecimento do entrevistado. A mesma foi realizada com base num guião de entrevista (anexo 1), tendo uma temática associada, no entanto permitiu que, de forma controlada, o entrevistado explorasse o tema.

Importa também referir a importância que o papel do investigador possui no processo de investigação, sendo que o mesmo deve ser delineado nos seguintes termos:

Segue a linha de pensamento do seu interlocutor, ao mesmo tempo que zela pela pertinência das afirmações relativamente ao objectivo da pesquisa, pela instauração de um clima de confiança e pelo controlo de um impacte das condições sociais da interacção sobre a entrevista. Este tipo de atitude revela mais da arte do que das técnicas, como sublinha M. Grwitz (M. Grwitz, 1990, pp. 761-762) (Albarello, et al, 1997, p. 95)

Deste modo, e para que se promova uma entrevista de qualidade, torna-se pertinente que o entrevistador tenha em linha de conta três aspetos fundamentais, como mostra Albarello:

O tema da entrevista ou objecto de estudo, o contexto interpessoal e as condições sociais da interacção (Albarello, et al., 1997, p. 95).

Assim, procurou-se realizar as entrevistas num ambiente neutro que facilitasse a mesma e que deixasse “à vontade” ambas as partes. Contudo, é de salientar que a questão de disponibilidade das educadoras esteve sempre em primeiro plano, tendo em atenção que as educadoras possuíam uma vida bem atarefada. É de ressaltar que estas entrevistas foram de carácter; confidencial, visto que as mesmas só se realizaram em prol deste estudo.

#### 4.4. Validação e estruturação das entrevistas

Para a realização do presente estudo, numa primeira fase, foi necessário a elaboração de um guião de entrevista, de forma a organizar o trabalho. Posteriormente, foi elaborada a entrevista *standard*, igual para todas as entrevistadas, a partir do guião de entrevista, seguindo os objetivos propostos neste estudo.

Após a elaboração da entrevista e depois de analisada e corrigida, realizámos as entrevistas às seis Educadoras de Infância contactadas, pertencentes a três agrupamentos de escolas de Viseu.

Para tal, tinha sido pedido às Educadoras para colaborarem com este estudo, tendo sido a informação necessária sobre o mesmo. Posteriormente, após a aceitação por parte das mesmas, foram marcados os dias em que estas se iriam realizar.

#### 5. Codificação e Categorização

Após a recolha dos dados necessário para compreender a realização deste estudo, ou seja, após a realização das entrevistas e das respetivas transcrições, foi elaborado um trabalho de “sistematização, análise e interpretação dos dados, em função do questionamento decorrente do problema de pesquisa (...)” (Afonso, 2005, p.58). Desta forma, procedemos à apresentação dos conteúdos através de categorias, com o intuito de perceber quais foram as respostas dadas pelas Educadoras de infância, como também para facilitar o processo de análise das mesmas. Importa referir que após a análise cuidada de todas as entrevistas, existiu uma que efetivamente não respondeu às questões que foram realizadas, visto que não foi possível retirar uma resposta plausível às questões efetuadas. Para tal, e clarificando, apresentamos as categorias, subcategorias e unidades de registo na seguinte tabela:

**Tabela1: Categorização da informação recolhida nas entrevistas**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de registo</b>
Práticas	Atividades promovidas pelo educador	Rotinas diárias; Incluídas na planificação; Através de tudo o que é feito em sala de atividades; Atividades de recreio;

		Atividades dinamizadas pelos parceiros;
	Atividades realizadas pelas crianças	<p>Liberdade de escolha;</p> <p>Jogos de pequena organização;</p> <p>Brincadeiras com materiais de exterior</p> <p>Jogos de exercícios</p> <p>Jogos com materiais diversificados</p> <p>Conversar com os amigos</p> <p>Não fazer nada (observar)</p>
	Estratégias utilizadas (pelas educadoras)	<p>Ações motoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Posturais</li> <li>Locomotoras</li> <li>Manipulativos</li> <li>Interativos</li> </ul>
	Espaços de interação	<p>Atividade física</p> <p>Jogo simbólico</p> <p>Atividades de cooperação (social)</p> <p>Atividades de livre exploração;</p> <p>Teatro de fantoches;</p>
	Envolvimento dos pais	<p>Estreitamento de laços familiares;</p> <p>Projetos anuais de inclusão dos pais;</p>
	Outras parcerias	<p>Professores bibliotecários</p> <p>AE (Associação de Pais);</p> <p>Escola Superior de Educação de Viseu;</p> <p>Escolas secundárias (Emídio Navarro, Torredeita, Viriato);</p> <p>Câmara Municipal de Viseu;</p>

	Os projetos potenciadores de atividades lúdicas	GNR, Médicos (...), esporadicamente;  Projeto curricular de turma; Plano anual de atividades; Projetos de pequena organização; Semana da Criança; Horta pedagógica Jardim pedagógico;
Motivos /finalidades	<p>A inclusão das atividades do foro lúdico</p> <p>Os motivos para o desenvolvimento de projetos com cariz lúdico</p> <p>A importância da observação no período de recreio;</p>	<p>Importante no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças;</p> <p>Modo de cativar;</p> <p>Promover relações de amizade;</p> <p>Potenciar o desenvolvimento cognitivo, moral, socio-afetivo e motor;</p> <p>Valorizar a intervenção da criança;</p> <p>Desenvolvimento de competências sociais das crianças;</p> <p>Analisar as características das crianças;</p> <p>Dar liberdade para que as crianças contribuam para a sua ludicidade;</p> <p>Organizar os espaços de forma a tornar o jogo um espaço de interação;</p> <p>Felicidade</p> <p>Áreas de orientações curriculares;</p> <p>Interesses das crianças;</p> <p>O papel do educador;</p> <p>Parte-se do jogo lúdico para os projetos;</p> <p>Os interesses das crianças;</p> <p>Essencial nos processos educativos na</p>

	<p>A pertinência das atividades lúdicas para o desenvolvimento de relações interpessoais</p>	<p>infância;  Recolha de informações factuais;  Monitorização e avaliação do processo individual;  Experiência – chave de iniciativa;  Representação criativa;  Tirar partido das descobertas das crianças;  Captar significados diferentes;  Relação existente entre as crianças;  As dificuldades de interação;  Auxiliares como gestoras de conflito;  Segurança física;</p> <p>Permite ver as relações de amizade;  Personalidade;  Liderança;  Parceiros;  Cooperação;  Valores;</p>
Espaço físico/temporal	<p>Organização dos espaços escolares</p> <p>A organização do tempo em concordância com as atividades programadas</p>	<p>Sala;  Recreio;  Prolongamento;</p> <p>Atividades de início do dia;  Brincar  Jogar  Estar com os amigos  Atividades livres  Atividades em grande grupo  Rotinas  Atividades planificadas  Atividades de recreio</p>

	<p>Organização dos espaços (exterior e interior)</p> <p>- A importância dos materiais para as atividades das crianças no espaço de recreio;</p> <p>- Os materiais potenciadores das atividades das crianças;</p>	<p>Atividades nas áreas de interesse</p> <p>Espaço Exterior; (caixas de arrumação) Não têm espaço exterior, é dentro da sala</p> <p>Espaço interior; Áreas de interesse</p> <p>Desgastar energias; Impossibilita a imaginação; Não é necessário ter muito; Manipulação (objetos de diferentes formas, texturas, tamanhos e cores);</p> <p>Moveis - Bolas, raquetes, sacos, baldes, pás, terra (entre outros); Fixos – parque infantil; Áreas de interesse (cozinha, oficina, casa das bonecas, garagem, biblioteca, jogos de construção e de mesa, entre outros).</p>
--	--	---

## 5. Justificação da categorização

Após o levantamento dos dados e de uma leitura cuidada sobre os mesmos foi elaborada a tabela acima apresentada, de acordo com as respostas dadas nas entrevistas. A partir do mesmo estabelecemos as categorias, para organizar o conteúdo das entrevistas de forma a analisá-las e perceber o lugar do jogo lúdico nas práticas destes profissionais. O processo de categorização implicou, assim, uma operação de classificação de elementos pertencentes a um conjunto de mensagens recolhidas (Bardin, 2009). Assim, estabelecemos três categorias): as práticas, os motivos ou finalidades, na tentativa de compreender a forma como e com que intuito

introduziam o jogo lúdico nas suas atividades e, por último, o espaço físico-temporal. Através desta categoria, pretende-se compreender como era organizado o espaço, quais as suas características em função de ser exterior ou interior e que materiais utilizam no recreio. Também pretendemos estudar até que ponto as crianças tinham momentos de atividades livres e momentos de atividades orientadas. Já as subcategorias sintetizam a análise de conteúdo, especificando a classificação das categorias. As unidades de registo constituem os elementos que registámos a partir do conteúdo das entrevistas para responder à questão de partida (Bardin, 2009).

Assim, foi feita a leitura de todas as entrevistas e posteriormente foram identificadas as unidades de registo comuns.

## **6. Resultados do estudo**

### **6.1. Enquadramento**

Neste capítulo, dedicado à análise de toda a informação recolhida para este estudo, pretende-se compreender, explicar e apresentar algumas conclusões que relativamente ao mesmo.

A análise dos resultados permite ao investigador recolher respostas relativamente às questões que foram colocadas. Desta forma, a análise de resultados faz cruzar a informação dos entrevistados com a revisão da bibliografia.

### **6.2. Práticas**

Embora as respostas não sejam sempre unânimes, as opiniões não diferem de forma significativa, ou seja, o consenso predomina na maior parte das respostas, como é possível verificar na seguinte análise. Esta encontra-se dividida em categorias e cada categoria apresenta subcategorias, concretizadas pelas unidades de registo.

A primeira categoria refere-se às práticas, isto é, fórmulas, estratégias e/ou metodologias que evidenciam (ou não) a utilização do jogo lúdico no desenvolvimento da criança (desenvolvimento global.)

### 6.2.1. Atividades promovidas pelo educador

Todas as educadoras corroboraram com a nossa ideia de que o jogo lúdico é importante e essencial para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças e que este deve ser inserido quer nas rotinas diárias, quer nas planificações. Desta forma podemos evidenciar que as Educadoras valorizam os espaços onde a criança recria e aprende brincando, como é possível verificar na seguinte afirmação:

Brincamos muito, portanto, é um brincar, fazer contas, mas está implícita muita aprendizagem e, portanto, onde... e que levará, contribuirá muito para a aquisição de novas competências e isso tudo; mas sempre desta forma... a partir de eles estarem felizes, estarem a brincar, a fazer contas e eles vão aprendendo muita coisa, não pode ser de outra maneira neste espaço jardim de infância, só assim é que entendo e assim as crianças aderem muito bem. (entrevista A)

Também nós, durante o processo de implementação, procurávamos realizar as atividades de aprendizagem de forma lúdica, pois só assim é que entendíamos que as crianças seriam capazes de interiorizar melhor o que estava a ser abordado.

Deste modo, verifica-se que todo este “processo” é realizado dentro e fora da sala de atividades, de modo a tornar os jardins de Infância em espaços mais atrativos para as mesmas através de uma forma mais “divertida” e dinâmica.

Tudo isto vai ao encontro de vários autores, como por exemplo Guedes (1991), quando refere que o jogo lúdico é, verdadeiramente, uma ferramenta, um processo, uma estratégia facilitadora e promotora de conhecimento, principalmente no jardim de infância, uma vez que este está intrínseco às crianças, pois sem esta vertente lúdica, de brincadeira, não é possível o desenvolvimento harmonioso da mesma, do que é ser infantil, visto que sem o mesmo as suas ligações com os adultos que frequentam o seu meio acabam por serem meras leis, limitando os horizontes (imaginação, fantasia) que lhe possibilitam a aprendizagem.

Um simples conto, história é motivo para introduzir a vertente lúdica, uma vez que possibilita a imaginação, a criatividade e o interesse das crianças, principalmente se estes forem apresentados de forma criativa pelo Educador, como refere uma das educadoras, quando diz que “quando conto histórias acaba por ser uma história interativa, quase sempre, às vezes eles fazem de árvores, fazem de flores e explicam as coisas pelo meio de jogo lúdico (entrevista E).

### **6.2.2. As atividades realizadas pelas crianças**

Para conseguirmos perceber a essência do jogo para o desenvolvimento das crianças, é essencial termos em conta as atividades recriadas pelas próprias crianças.

Deste forma, há que saber valorizar as brincadeiras que, mesmo com a interação dos Educadores, partem das crianças, visto que é aqui que a liberdade de escolha assume um papel importante. Para as educadoras, para além do que já foi dito, o espaço de recriação das crianças é um espaço onde podem recriar jogos e brincadeiras, que aprendem em casa (jogo da macaca, macaquinho do chinês, entre outros), podem usufruir das estruturas de psicomotricidade (lacuna verificada pela educadora, (entrevista A), quando menciona que “(...), temos o recreio um “bocadinho despido”, podíamos ter, já pedimos, uma estrutura de psicomotricidade que daria mais para trepar, saltar, subir e descarregar um bocado de energias (...))”, fazer diversas brincadeiras e jogos de pequena organização que podem envolver materiais diversos e/ou exercício físico.

Tudo isto ajuda a desenvolver laços, visto que embora exista um ou mais líderes, todos acabam por conversar as atividades a desenvolver.

### **6.2.3. Estratégias utilizadas**

No que diz respeito às estratégias/metodologias utilizadas para colocar em prática o jogo lúdico muitas defendem que o jogo lúdico, em si, é uma estratégia de ensino.

Dar a liberdade às crianças para que estas contribuam para a ludicidade das atividades ou organizar o espaço de forma a tornar o jogo lúdico em algo comum, são algumas das estratégias utilizadas. Depois deste processo de formação, acreditamos que, o jogo lúdico é uma ferramenta importantíssima para a aprendizagem das crianças, pois é através do jogo que conseguimos observar como é que as crianças estão a interiorizar o que estão a abordar e quais os métodos que utilizam para a sua aprendizagem, como também o processo de socialização e de interação.

Neste sentido, consideramos, também, que as crianças devem ter liberdade de escolha relativamente ao que querem fazer e como querem fazer, pois elas são capazes de encontrar métodos que as ajudem a aprender, acabando muitas vezes por nos surpreender. Durante o período de estágio, observámos, muitas vezes, crianças a utilizarem os mais diversificados instrumentos (puzzles, canetas, ...) para, por

exemplo, realizarem cálculos matemáticos com eles. Logo apercebemo-nos que o jogo é relevante para a abordagem dos conteúdos científicos sem recorrer ao jogo, à brincadeira, uma vez que eles estão centrados em si mesmos, para tal cabe ao Educador criar um ambiente propício para que tal aconteça.

Como refere Nogueira (2013), no seu estudo: *"A jogar também se aprende...: o contributo do jogo no desenvolvimento de competências matemáticas na educação Pré-Escolar e no 1.º ciclo do Ensino Básico"*, se se recorrer a jogos/atividades lúdicas o Educador estará a contribuir para uma criação de ambiente ricos para o ensino e aprendizagem das crianças. No seu estudo, chegou à conclusão de que as aprendizagens são mais significativas se utilizarmos o jogo como recurso para as mesmas, visto que as estratégias estão centradas nas crianças e não nos Educadores ou Professores. De forma a corroborar com a afirmação acima transcrita, tendo em atenção às respostas das educadoras, é possível verificar que as mesmas valorizam o jogo como recurso das aprendizagens, quando mencionam que os jogos são boas ferramentas, uma vez que:

(...) para levar a temas mais importantes, por exemplo, para explicar se o urso, como é que a pele do urso é através sempre de um jogo, a explicar com partes do nosso corpo, o sinal mais, sinal menos, sempre com a criança e eu, exemplifico ou deitando, ou fazendo. Está sempre presente em todas as atividades que vou desenvolvendo (Entrevista F).

Deste modo, para corroborar a informação obtida por parte das entrevistadas, de que o jogo é uma estratégia de ensino, recorreremos à mesma autora acima mencionada, pois no seu estudo, verificou-se que o jogo não só permite a superação de dificuldades, como também a interiorização dos conceitos adquiridos. A mesma ainda menciona, no seu estudo, que ao recorrermos ao jogo lúdico, estamos a contribuir para que as crianças desenvolvam o espírito de competição, crítico, de cooperação socialização, concentração e autonomia (Nogueira, 2013).

#### **6.2.4. Espaços de interação**

O espaço de interação pode ser entendido como todo o jardim-de-infância, visto que foi definido pelas educadoras como um espaço de atividade física, espaço de jogo simbólico, espaço de atividade de cooperação, espaço de atividade de livre exploração, e um espaço de interação pessoal, como menciona uma das educadoras,

quando refere: - “porque a interação pessoal é muito importante, nós não somos seres isolados (...)” (Entrevista D).

De acordo com as Educadoras os espaços de interação também servem muitas vezes para a criação de laços entre as crianças e crianças, crianças e adultos.

Assim, podemos concluir que o espaço de interesse é todo e qualquer espaço que se torne propício a qualquer tipo de contacto (conversa, jogo, brincadeira, conhecimento, aprendizagem).

#### **6.2.5. Envolvimento dos pais**

O papel dos pais é visto como essencial, visto que, para além da sua presença, transmitem segurança às crianças, no jardim de infância, contribuem também para o “estretar os laços de cooperação entre parceiros educativos (pais e Educadores)” (Entrevista C). Tendo em conta também a importância da presença dos pais na vida escolar das crianças, duas das Educadoras criaram projetos anuais, com o intuito de os incluir no processo de ensino/aprendizagem dos seus filhos. Estes projetos, têm como objetivo, por exemplo, os pais levarem à escola alguns dos jogos que eles realizavam enquanto crianças, ou apresentarem as suas profissões, ou contar histórias, entre outros, sendo que em um deles também os avós estão incluídos.

No nosso parecer, o papel dos pais na vida escolar das crianças é de uma extrema importância, visto que contribui para que os mesmos estejam mais despertos ao desenvolvimento dos seus filhos, das suas dificuldades, dos seus interesses e acima de tudo contribui para um estreitamento de laços entre a escola e os pais, visto que os mesmos têm um contacto mais direto com o que se vai fazendo ao longo dos dias.

De acordo com a Educadora, verificamos que a envolvimento dos pais com o Jardim-de-Infância é deveras importante, visto que têm uma importância crucial para as aprendizagens das crianças.

Sim, muito importante. Aliás constantemente tenho sempre um projeto de sala em que este ano chama-se até “Brincar com os pais. O caminho a seguir” e o jogo lúdico está sempre presente, os pais estão sempre constantemente a ser solicitados ou para contar histórias, por exemplo, agora vem cá o pai fazer uma aula de ginástica, no outro dia veio cá uma fazer uma aula de dança, está sempre presente, os pais estão constantemente a vir (entrevista E).

Ainda outra Educadora, refere a mesma importância relativamente à envolvimento dos pais, quando menciona que “aproxima os pais à escola depois porque independentemente do nível socioeconómico dos pais tem possibilidade de dizer e de falar de si”. (Entrevista D).

#### **6.2.6. Outras parcerias**

Para possibilitar o desenvolvimento deste tipo de atividades, os parceiros são essenciais, pois facilitam, dinamizam e possibilitam o acesso a meios, que de outra forma se tornariam mais longínquos. Exemplos de parceiros citados são: Professores bibliotecários, Associação de Pais, Instituições (de ensino superior), Escolas secundárias Emídio Navarro, Torredeita e Viriato, Câmara Municipal de Viseu e esporadicamente GNR, médicos, entre outros. Em um dos jardins ainda existem dois professores responsáveis pela área de Expressão Motora no âmbito das Atividades de enriquecimento curricular. Após a experiência que nos possibilitou observar o interior de um jardim de infância, verifica-se, sem qualquer dúvida, a pertinência das parcerias que a escola/jardim de infância tem. Primeiro, como mencionaram as Educadoras, quando referem que é importante as parcerias, uma vez que a escola sozinha não conseguiria, por exemplo, visitas de estudo, uma vez que o fator financeiro desfavorece qualquer atividade que as Educadoras queiram proporcionar às crianças, daí esta interligação com outras parcerias pois torna mais fácil a elaboração de determinadas atividades, de determinados projetos que são uma mais-valia para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, como refere uma das Educadoras quando diz que: - “É difícil não envolvendo dinheiros e não é nada difícil pedir também flores plantas assim temos as portas bastante abertas e temos uma interação muito grande com o meio envolvente” (Entrevista A).

#### **6.2.7. Os projetos potenciadores de atividades lúdicas**

Para além de tudo o que é planeado, Projeto Anual de Atividades (PAA) e o Projeto Curricular de Turma (PCT), são desenvolvidos pequenos projetos no dia-a-dia ou de forma semanal (como hortas pedagógicas, jardins pedagógicos, ...) ou parcerias com outros graus de ensino, como é o caso de dois dos jardins de infância que têm parcerias com o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

### **6.3. Motivos/Finalidades**

A segunda categoria tem como intuito a justificção da utilizaçõ das atividades lúdicas no seio do jardim de infância.

De um modo geral e, tal como aconteceu na categoria anterior, a opinião das educadoras foi ao encontro da nossa questão de partida; como foi possível verificar na análise realizada às respostas que deram às quatro questões que compõem esta categoria. Ou seja, ambas mencionaram é de extrema importância interligar o jogo com as atividades que propõem para abordar os mais variados conceitos, uma vez que só assim é que entendem que é uma mais valia para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

#### **6.3.1. A inclusão das atividades do foro lúdico**

A inclusão das atividades de foro lúdico no dia-a-dia do jardim de infância torna-se pertinente por vários motivos, sendo que os mais referidos são: a importância que elas têm no desenvolvimento cognitivo, moral, socio-afetivo e motor, como corrobora a Educadora, quando menciona que,

As atividades realizadas como jogo são cruciais para o desenvolvimento da criança e ao analisar as suas características e as suas funções pode-se encontrar vias que estimulem o desenvolvimento cognitivo, socio-afetivo, moral e motor das crianças (Entrevista C).

As atividades de foro lúdico promovem, também, as relações de amizade e acima de tudo são uma forma de motivar as crianças. A inclusão das atividades de índole lúdica, abrem “portas” para outras áreas de desenvolvimento das crianças, como o desenvolvimento das suas competências sociais, visto que permitem analisar as crianças de forma a valorizar a sua intervenção e dar-lhes liberdade para contribuírem para essa mesma ludicidade.

De acordo com Dinello, é por meio das atividades lúdicas que as crianças, mostram as aprendizagens adquiridas “manifestam, com evidência, uma aprendizagem de habilidades, transformam a sua agressividade em outras relações criativas, crescem em imaginação e se socializam, melhorando o vocabulário e se tornando independentes” (2004).

### **6.3.2. Os motivos para o desenvolvimento de projetos com cariz lúdico**

No que respeita ao desenvolvimento de projetos de cariz lúdico, é possível referir que estes têm por base a premissa de “partir do jogo lúdico para os projetos”, isto é, analisam-se as áreas de orientações curriculares, os interesses das crianças e o papel do Educador, ponderam-se os jogos ou a ludicidade possível e criam-se os projetos. É importante referir que, tal como todo o trabalho desenvolvido em jardim de infância, todos os projetos com cariz lúdico têm como objetivo máximo a felicidade das crianças como refere uma das Educadoras

É fundamental, a criança desenvolve e aprende. Desenvolve a criatividade e a imaginação, aprende afalar, aprende a expressar-se, aprende a comunicar são fundamentais (Entrevista E)

### **6.3.3. A importância da observação do recreio**

O recreio, embora seja um espaço físico e temporal de atividade livre, permite a observação, recolha de informação essencial aos processos educativos na infância, tendo por base uma monitorização e avaliação no processo individual. É neste período de recreio, que tanto as educadoras, como auxiliares (técnicas operacionais), vistas como gestoras de conflitos, segundo uma das Educadoras têm a oportunidade de estudar as crianças, tirando partido das descobertas das mesmas, conseguem apurar os seus interesses, as relações entre elas, possíveis dificuldades de interação, bem como captar os significados.

Eu, particularmente, não costumo estar a vigiar o recreio, são as auxiliares, mas elas..., o trabalho delas é gerir os conflitos possíveis, não é? E a minha preocupação (que eu tento transmitir para a minha auxiliar) é sempre no sentido de levá-los a negociar. Certo? Eles também têm de saber gerir as desavenças entre si e elas são meros... estão ali só para supervisionar o recreio: se eles tiverem conflitos, eles aprendem também a negociar e eles resolvem sozinhos, só se houver algum problema é que elas se metem no assunto (Entrevista B).

Sendo o período de recreio um espaço de experiências onde ganha lugar a representação criativa e exploração de novos conceitos (jogos, brincadeiras, relacionamentos), é importante nunca descuidar a segurança, quer física, quer

emocional. Neste sentido, nós somos de opinião que, o Educador não deve passar a observação durante o período de recreio, deixando esse fator importante para a auxiliar, visto que é neste período onde as crianças se encontram, visivelmente, mais libertas como refere a Educadora “(...) eu observo para ter um melhor conhecimento das crianças (...) porque eles estão mais soltas, mais livres, talvez mais elas próprias (...)” (Entrevista A). É o momento onde as crianças têm a liberdade para serem espontâneas, criativas e é também o momento onde se pode observar com mais pormenor as relações existentes entre as mesmas. Por estes motivos, concordamos que a observação é importante para os Educadores uma vez que lhes transmite vários indicadores que irão contribuir para as suas planificações e atividades a realizar com as crianças.

#### **6.3.4. A pertinência das atividades lúdicas para o desenvolvimento de relações interpessoais**

As atividades de foro lúdico, de acordo com as educadoras, são extremamente importantes para o desenvolvimento global da criança, mas ainda são mais importantes para o desenvolvimento das relações interpessoais entre as mesmas e entre as mesmas e os adultos, como afirmam duas educadoras quando mencionam que “(...) contribui em muito para promover as relações interpessoais, porque brincam, correm, jogam, divertem-se, partilham, aprendem, são parceiros, são companheiros (Entrevista A), e “necessitam de outros para realizar jogos, (...), aprendem e é onde todos querem estar” (Entrevista C).

Neste sentido, verifica-se que mais uma vez as educadoras corroboram com o nosso pensamento, no sentido em que as atividades potenciam um momento de libertação das crianças, tendo em atenção que as mesmas procuram criar ou diversificar os mais variados jogos e serem eles próprios (enquanto indivíduos).

O jogo e a brincadeira (que necessitam de ter pelo menos mais que um elemento) também contribuem para a criação de laços ou relações de amizade, para a cooperação e parcerias que possam existir entre as crianças (pois cada criança é diferente logo, identificam-se com crianças que tenham mais ou menos os seus objetivos) e, acima de tudo, as crianças vão adquirindo valores importantíssimos, que irão estar presentes durante os seus percursos de vida, como por exemplo a solidariedade, compaixão, o respeito pelos outros, entre outros.

De acordo com Silva (2002), o processo de socialização está intrínseco ao processo de desenvolvimento da identidade e da autonomia, como também nas interações sociais que a criança estabelece, tanto com crianças, como com adultos, ou seja, é através destas atividades que as crianças têm mais probabilidade de comunicarem e de estarem em interação com outras crianças como também com os adultos que a rodeiam. Durante o período de estágio, este tipo de relações foi, efetivamente, notório quando as crianças se encontravam em atividades com caráter lúdico, ou seja, estavam a realizar atividades lúdicas propostas e ao observarmos o que elas iam fazendo reparávamos que elas estavam mais descontraídas e tinham mais liberdade para comunicar e brincar, por exemplo, quando fizemos a atividade do painel de inverno. Elas iam comunicando entre si sobre o que estavam a fazer ao mesmo tempo que imitavam os sons dos animais que colocaram no painel.

#### **6.4. Espaço físico-temporal**

Sendo esta a última categoria e, à margem das anteriores, também procura dar respostas referentes ao espaço físico e temporal, ou seja, a forma como está organizado o espaço e como são organizadas as atividades lúdicas tendo em atenção as atividades programadas pelos educadores, bem como estão organizados os espaços interior e exterior e que tipos de materiais se encontram no mesmo para uso das crianças durante o tempo de recreação dos mesmos.

##### **6.4.1. Organização dos espaços escolares**

Sendo a organização dos espaços de extrema importância e após o levantamento das respostas para a realização deste estudo, verificou-se que a organização dos espaços interiores e exteriores é praticamente igual para todos os, ou seja, o espaço interior encontra-se organizado por áreas de interesse. Contudo existiam jardins onde o espaço exterior não tinha nada para que as crianças pudessem brincar, ou não tinham condições para brincarem sem a interferência das mudanças climáticas.

Relativamente ao espaço exterior, verificou-se que nem todos os jardins possuem bons espaços para que as crianças possam desfrutar da natureza enquanto brincam ou jogam.

Efetivamente, tanto nós como as educadoras, concordamos que o espaço exterior é um espaço onde a criança pode ser livre, criativa, ao mesmo tempo que desenvolve o processo cognitivo e motor enquanto se diverte e brinca. Como menciona Albuquerque, o espaço de recreio serve para o desenvolvimento da criança, visto que este possibilita uma diversidade de grandes oportunidades educativas, logo deve merecer a mesma atenção por parte do educador.

Nem todos os jardins de infância são possuidores de um espaço próprio para atividades recreativas, muitas vezes por falta de verbas, sendo que as crianças acabam por usufruir do tempo de recreio no espaço interior ou então nos corredores das salas, como refere a Educadora, seria:

(...) era interessante ter, eu já estive noutras escolas onde tínhamos muitos baldes, muitas pás e eles adoravam. Aqui não temos, realmente só a piscina das bolas e aquele escorrega. Eu acho que isso faz-nos falta. Um espaço maior, aberto, com materiais, mais materiais e também fechado para o tempo de inverno, também com materiais, realmente faz muito falta o jogo lúdico (Entrevista E).

De acordo com as OCEPE, é de extrema importância a organização dos espaços visto que,

“O processo de aprendizagem implica também que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado e que participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. O conhecimento do espaço, dos materiais e das atividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo (Ministério de Educação 1997, p.38).

Relativamente ao espaço exterior, como já foi referido, nem todos os jardins possuem espaço exterior, devido às dificuldades financeiras que existem na escola. Mas os que possuem, também encontram problemas financeiros, visto que não possuem os materiais que gostariam de ter, com por exemplo um parque de psicomotricidade, um parque que possui, de forma interligada ou não, um escorrega, baloiços, rede de escalada, entre outros elementos que permitem à criança a exploração do mesmo e de si. Contudo têm materiais de exteriores, que se encontram guardados dentro de uma caixa acessível para que as crianças possam tirar, usar e voltar a arrumar sem ser necessário a ajuda de uma pessoa adulta. De acordo com as seguintes Educadoras, é possível perceber que mesmo com espaços grandes, devido às limitações financeiras, não é possível ter mais materiais, próprios para o

desenvolvimento das crianças: “ (...) o espaço exterior é limitado e este ano que não temos espaço exterior coberto esteve sempre a chover quase não dá” (Entrevista E)

Contudo, verificamos que nem sempre é possível possuir este tipo de elementos devido à falta de verbas existentes para as escolas, sendo este um fator negativo para o desenvolvimento global das crianças.

No que respeita ao espaço interior, todos os jardins estão apetrechados com os mais diversificados materiais e organizados por áreas de interesse, principalmente a área da casinha, onde as crianças produzem, na maior parte das vezes, situações que vivenciam no seu quotidiano.

#### **6.4.2. A organização do tempo em concordância com as atividades programadas**

A organização do tempo é um elemento fundamental quer para as educadoras, quer para as próprias crianças, visto que é extremamente necessária a existência de rotinas na vida da criança, como corrobora o documento emanado do Ministério da Educação, OCEPE, quando menciona que:

O tempo educativo contempla de forma equilibrada diversos ritmos e tipos de atividade, em diferentes situações – individual, com outra criança, com um pequeno grupo, com todo o grupo – e permite oportunidades de aprendizagem diversificadas, tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo (Ministério de Educação 1997, p.40).

O mesmo documento ainda salienta que a organização do tempo trata “de prever e organizar um tempo simultaneamente estruturado e flexível em que os diferentes momentos tenham sentido para as crianças” (1997, p.47).

Desta forma, e tendo em atenção que o tempo letivo é o mesmo para todos os jardins, as educadoras mencionam que o dia das crianças começa por lhes proporcionar uma pequena parte do período da manhã, com atividades livres, visto que, é o período de chegada à escola, onde as crianças podem jogar, brincar, estar com os amigos e realizarem atividades livres. Após a chegada de todas as crianças, começa o período das atividades em grupo, o período das rotinas diárias (marcações de presenças, verificação do tempo),

Posteriormente, as crianças, depois do lanche e de um pequeno tempo de recreio, as crianças realizam atividades programadas, tempo de trabalho. Ao fim do dia, as crianças têm mais dez ou quinze minutos de recreio, que tando pode ser

realizado no espaço destinado ou nas áreas de interesse como é possível verificar nas entrevistas em anexo.

### **6.4.3. A importância dos materiais**

Relativamente a este ponto podemos aferir que as opiniões divergem, na medida em que quantidade e qualidade nem sempre são entendidas da mesma forma, ou seja, a Educadora C defende que demasiados materiais influenciam de forma negativa a imaginação das crianças na medida em que o facto de terem muitos materiais com que brincar no espaço de recreio faz com que não sejam criativos para elaborarem novas brincadeiras. “Penso que deveria haver bastante material de exterior/recreio, isso seria o ideal! No entanto são impeditivos das crianças se divertirem e brincarem, pois usam a imaginação e transformam os objetos neutros!” (Entrevista C).

Já a educadora A sustenta a nossa ideia inicial de que os objetos de diferentes formas, texturas, cores e tamanhos podem ser a base para novas descobertas e para o desenvolvimento motor e cognitivo das crianças.

Hum...para o recreio eu acho muito importante aquelas estruturas que têm de ser o mais simples, de psicomotricidade em que eles sobem, descem, escorregam, com os materiais e com o piso adequado e seguro, mesmo que caiam e não se aleijam. Hum...hum acho que isso é muito importante, para esconder subiram, treparam, portanto é também exercitar muito, faz-lhes muito bem ao nível psicomotor e físico, é muito importante, pois assegura isso tudo (Entrevista A).

Efetivamente, os materiais são importantes, pois dão espaço para a manipulação, para a compreensão, para a criatividade, entre outros. Contudo, também defendemos que material em excesso pode ser inibidor de criatividade e imaginação, uma vez que não existe espaço para tal, já é tudo fabricado de forma a ser aquilo que é e não poder adquirir outra função. Neste sentido, cabe ao educador procurar um meio-termo onde as crianças possam ter a liberdade de serem criativas com e sem materiais, uma vez que existe uma ideia defendida quer pelas educadores quer por nós, os materiais no espaço de recreio são uma forma saudável e lúdica das crianças libertarem energias.

#### **6.4.4. Os materiais potenciadores das atividades das crianças**

Tendo em atenção a imaginação das crianças, todos concordamos que qualquer tipo de material é potenciador de todo o tipo de atividades (um simples pau pode transformar-se numa espada). Os materiais existentes nos espaços, quer interiores, quer exteriores, não fogem à regra, estando contudo, organizados de formas ligeiramente diferentes em cada uma das salas e espaços de recreio, das educadoras entrevistadas.

De acordo com a seguinte Educadora, os materiais que potenciam as atividades das crianças são: “Carros, triciclos, pás, caixas de água, recipientes de diversos tamanhos e formas para experimentarem, equipamento para jogos motores, etc.” (Entrevista C). Outra Educadora menciona que os materiais, potenciadores das atividades das crianças são:

Todos, lá está, baldes, essas pás, essas bacias, esses arcos, um simples giz para escrever no chão, tudo era importante. E assim é muito limitativo, mas é fundamental por exemplo, acho que só com terra batida e um pau podemos fazer muitas coisas  
(Entrevista E)

Desta forma, compreendemos que ambas procuram ter basicamente, os mesmos materiais, uma vez que compreendem a importância que estes possuem nas aprendizagens das crianças.

### **7. Considerações finais**

Depois de analisadas todas as entrevistas, há conclusões a tirar. As primeiras passam pela real importância do jogo como meio essencial para uma aprendizagem e desenvolvimento (físico, motor, psicológico, cognitivo, motor, emocional e social) completo e mais saudável das crianças do jardim de infância. Este meio de aprendizagem e desenvolvimento permite que os papéis de educadores e crianças sejam realçados, na medida em que os primeiros podem aqui aplicar os seus conhecimentos, bem como estratégias que adquiriram ao longo da experiência que têm comprovada, já as crianças podem mostrar a sua essência e, através dela, enriquecer esse meio de aprendizagem.

As experiências livres também são importantes quanto as delineadas (quer por meio de atividades diárias, quer por planos de atividades anuais, ou até planificações

mensais) visto que é nelas que os educadores têm possibilidade de ver repercutido o seu trabalho, uma vez que permitem às crianças criar laços entre eles, de socializarem, de interagirem com os outros e com o meu envolvente, de serem elas próprias a (re)criar brincadeiras, sendo este um fator muito importante uma vez que estão a desenvolver a criatividade e imaginação.

A organização dos espaços é essencial, interior e exteriormente, tendo em conta que é neles que as crianças têm de se sentir seguras; estes espaços devem também ser potenciadores de convivências positivas, inter-relações criança-criança, educador-criança e auxiliar-criança de forma a incrementar a importância das relações (de amizade, respeito, colaboração, parceria, partilha, entre outras).

Neste sentido os dois espaços são importantes, e nos dois verificamos aprendizagens efetivas, cada um deles ganha importância noutras áreas, isto é, na sala de atividades existe uma preparação para o crescimento *per si* da criança e no espaço exterior dá-se toda uma preparação para a vida em comunidade, ou seja, é na sala de atividades que são transmitidos os valores, os sentimentos, os conhecimentos formais (através de contos, jogos de todo o tipo, atividades mais específicas) para que depois nas atividades livres e no espaço exterior possam pôr em prática essas mesmas aprendizagens.

Os projetos também ganham um peso considerável ao envolverem pessoas de fora, para que mais uma vez, diferentes conhecimentos sejam transmitidos e enriquecidas as mentes destas crianças para o que as espera no futuro.

De uma forma geral, todos os espaços são importantes, bem como os projetos e parcerias supracitados. Com todas as colaborações e olhando o jardim-de-infância como um todo, a conclusão que se tira é que o jogo pode ser visto como uma base da Educação Pré-Escolar, visto ser um meio mais potencialidades para o desenvolvimento global das crianças.

## 8. Conclusão

Agora, no fim desta longa jornada, finalmente é possível ver com clareza o que este árduo caminho trouxe, mais que um diploma ou aceitação para desempenhar uma atividade profissional.

Esta formação educou-me, deixando-me não só preparada para os desafios que encontrarei em termos profissionais, mas também em termos pessoais.

Não sendo fácil uma avaliação imparcial do meu desempenho, só me resta refletir sobre o que mudou sobre a minha forma de agir, pensar e reagir mediante as diversas circunstâncias.

Com a elaboração deste trabalho, e orientação de quem de direito, ou seja dos orientadores, tive a possibilidade de enriquecer o meu conhecimento e colmatar algumas lacunas de conceitos que tinha como certos. O contacto direto com as educadoras, bem como as entrevistas feitas permitem que, tal como as crianças, também eu pudesse ser sua educanda aumentando o meu grau de conhecimento no que concerne a todo um trabalho elaborado pelos Educadores e Professores.

Toda esta aquisição de conhecimento prende-se não só com as experiências acima citadas, mas essencialmente com o estágio que realizei ao longo do mestrado, durante o qual pude, quer através de observação, quer através de práticas implementadas, perceber exatamente em que consiste a profissão para a qual me preparo, bem como a pertinência que o papel da investigação possui sobre a mesma, visto que, hoje mais do que nunca, importa que o educador/professor para além de cumprir o seu papel, investigue e reflita sobre as suas práticas, pois, só assim se tonará um bom profissional de educação.

Ao longo deste mestrado, pude contactar com vários profissionais e compreender que cada, independentemente, de seguirem um currículo uniforme, tem os seus próprios métodos de ensino, bem como as melhores estratégias para trabalhar com o grupo ou turma que têm à sua frente.

Neste sentido, a elaboração deste trabalho permitiu-me comprovar duas situações. Primeiro permitiu-me comprovar que a figura do educador é a figura essencial no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, visto que o mesmo se torna no “modelo” a seguir, é a primeira figura, para além das figuras mãe e pai, com quem as crianças contactam e descobrem o mundo que as rodeia. O educador é a pessoa educa a criança para a sua introdução na sociedade, transmitindo, valores, conhecimentos, competências, entre outras. Segundo, permitiu-

me perceber que para se ser um bom profissional nesta área importa incutir no seu método de trabalho o processo de investigação e reflexão, uma vez que ambas contribuem para compreender que sem trabalho e dedicação não se pode ser bom no que se faz.

Deste modo, o educador deve ser também um investigador, na medida em que, nos tempos que correm, a sociedade está em constante mudança, logo o educador deve estar a par desta mesma mudança, para que as suas intervenções sejam pertinentes para o desenvolvimento da criança. No que respeita ao processo de reflexão, o educador deve refletir sobre as suas práticas de forma crítica para perceber se as mesmas surtem efeito no desenvolvimento aprendizagem das crianças.

Assim sendo, e refletindo de um modo geral, ao longo destes cinco anos de formação, verifiquei que esta será uma profissão bastante exigente por um lado, mas por outro será gratificante na medida em que posso trabalhar com o público-alvo que mais gosto, as crianças. Contudo, estes mesmos cinco anos foram só uma amostra do que posso colocar em práticas sei que ainda preciso de aprender muitos mais, mas a vida de educador/professor é isso mesmo, ser um educador e ao mesmo tempo um educando.

## Bibliografia

Albarelo, L. et al. (1997). *Práticas e métodos em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações

Albuquerque, M., I. (2007). *Os recreios dos jardins-de-infância do Concelho de Tarouca*. Dissertação de mestrado em Educação. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Recuperado em 25 de junho de 2013. Disponível em [https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/82/1/msc\\_micalbuquerque.pdf](https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/82/1/msc_micalbuquerque.pdf).

Angrosino, M. V.(2012).Observation-based research. In J. Arthur, et al. (Eds.), *Research methods e methodologies in Education* (pp. 165-169). Thousand Oaks, CA: Sage.

Afonso, N. (2005).*Investigação naturalista em educação: Um guia prático e crítico*. Porto: ASA.

Alves, E. S. (2000).*A atividade lúdica em diferentes contextos*. Dissertação Licenciatura em Educação de Infância. Vila Real: UTAD.

Antunes, M. (2000).*Jogo: Enciclopédia Verbo Luso Brasileira de Cultura*. Edição Século XXI. Lisboa/S. Paulo: Editorial Verbo.

Bardin, L. (2009).*Análise de conteúdo*.Lisboa: Edições 70

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994).*Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Brito, A., I.(2012).*A Ludicidade no jardim-de-infância*. Dissertação de mestrado na Especialidade Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Beja: Instituto Politécnico de Beja. Escola superior de Educação. Recuperado em 25 de junho de 2013. Disponível em <http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/3933/1/Alterado.pdf>.

Cabral, A., (1990).*Teoria do jogo*. Lisboa. Editorial Notícias.

Cabral, A., (2001). *Jogo no ensino*. Lisboa. Editorial Notícias.

Charles, C. M. (1998). *Introduction to educational research*. (3ª edição). Nova Yourk: Longman.

Caillois, P., (1990). *Os Jogos e os Homens: as Mascara e a Vertigem*. Lisboa, Edição Cotovia.

Carvalho. C., & Serrão. M. (s.d.) *O uso do jogo na educação pré-escolar: um estudo sobre a prática dos Educadores de infância*. Relatório final de estágio. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Recuperado em 12 de maio de 2013. Disponível em [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5319/1/XI\\_Congreso\\_Internacional\\_pp1091-1103.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5319/1/XI_Congreso_Internacional_pp1091-1103.pdf).

Coutinho, C. P. (2005). *Percursos da investigação em tecnologia educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: CIED, Universidade do Minho.

Coutinho, C., P.(2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. Teoria e Prática*. (2ª edição) Coimbra: Edições Almedina, S.A.

Dinello, R. (2004). *Os jogos e as ludotecas*. Santa Maria: Polloti.

Ferreira, M., & Santos, M. R.(2000). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender* (3ª Edição). Porto: Edições Afrontamento.

Formosinho, J., Katz, L., McClellan, D., & Lino, D.(1996). *Educação Pré-escolar: A construção social e moralidade* (3ª Edição). Lisboa: Texto Editora, Lda.

Formosinho, J. (1998). Prefácio In J. Oliveira. Formosinho (ed.), *Modelos curriculares para a educação de infância*. (p.12). Lisboa: Ministério da Educação.

Fortin, M., (1996). *O processo de investigação: Da concepção à realização*. Lisboa: Lusociência- Edições Técnicas e científicas.

- Freixo, M. (2009). *Metodologia científica: Fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O inquérito. Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Guedes, M. G., (1991). *As crianças e os jogos tradicionais portugueses*. It. Horizonte. It. Vol. VII.
- Huizinga, j., (1951). *Homo Ludens*. O jogo como elemento de cultura. S. Paulo. Editora Perspectiva
- Ketele, J. H. & Roegiers, X. (1991). *Méthodologie du recueil d'informations*. Bruxelas: De Boeck Université.
- Katz, L., Ruivo, J., Silva, M., e Vasconcelos, T. (1998). *Qualidade e projeto na educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação
- Kamii, C. (2003). *A teoria de Piaget e a educação pré-escolar*. (3ª Edição). Lisboa: Instituto Piaget.
- Kickbusch, I. (2012). *Aprender para o bem-estar: Uma prioridade política para as crianças e jovens na Europa. Um processo para a mudança*. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kishimoto. T. M. (1994). *O jogo e a educação infantil*. São Paulo.
- Kishimoto. T. M. (1993). *Jogos Infantis: O jogo a criança e a educação*. (7.ª Edição). Petrólis, RJ: Vozes
- Kooij, R. (2003). O jogo da criança. In C. Neto. (ed). *Jogo & Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Edição Faculdade de Motricidade Humana Serviço de Edições, (pp.10-22).

Leal, T. (2005). *Jogos : alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?)*. In: Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica.

Lopes. L., Santos, R., Lopes. V., & Pereira. B., (2012). *A importância do recreio escolar na atividade física das crianças*. Atividade física, saúde e lazer. Educar e Formar. pp (65-79). Braga. Centro de Investigação da Universidade do Minho.

Machado. M. (1994) *O brinquedo sucata e a criança*. 4.<sup>a</sup> Edição. São Paulo: Edições Loyola

Marques, M. Neto. C., & Pereira, B. (2001). Changes in school playground and aggressive behaviour reduction. In M. Martinez (Coord.): *Prevention and Control of Aggression and the Impact on its victims*. Kluwer Academic/Plenum Publishers.

Mata, L. (2001). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Mauricio. J., T., (s.d.). *Aprender brincando: O lúdico na aprendizagem*. Disponível em <http://www.profola.com/arteducasp.140.htm>. Data. 03/03/2014

Meester, F. Lenthe, F; Spittaels, H. Lien, N. & Bourdeaudhuij, I. (2009). Interventions for promoting physical activity among European teenagers: a systematic review. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 6:82.

Morgado, J. (2004). *Qualidade na educação: Um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Ministério da Educação (1997a). *Orientações Curriculares para Educação it. Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Mertens, D., M.,(1998). *Research methods in Education and Phycology: Integrating diversity with quantitative e qualitative approaches*. London: Sages Publications.

Neto, C. (1997). *Jogo e desenvolvimento da criança*. Neto, C. *Tempo & espaço do jogo para a criança: rotinas e mudanças sociais*. Lisboa: Edições FMH.

Neto, C. (2008). Actividade Física da Criança e do Jovem e Independência de Mobilidade no Meio Urbano. In Beatriz, P. & Graça, C. (coord.) *Actividade Física Saúde e Lazer. Modelos de Análise e Intervenção*. Lisboa e Porto: LIDEL Edições Técnicas, Lda., 15-34.

Neto, C. (2003). Tempo & Espaço de Jogo para a Criança: Rotinas e Mudanças Sociais. Lisboa: Edição Faculdade de Motricidade Humana Serviço de Edições.

Nogueira, R., P. (2013). *A jogar também se aprende: O contributo no desenvolvimento de competências matemáticas na educação Pré-escolar e no 1º Ciclo de Educação Básica*. Açores, Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores. Dissertação de Mestrado.

Oliveira, C., Rodrigues, D., et al. (s.d.). *A influência da brincadeira e do jogo na idade pré-escolar*. Recuperado em 12 de maio de 2013. Disponível em <http://www.scelisul.com.br/cursos/graduacao/pd/artigo1.pdf>

Ortiz, J. P. (2005). Aproximação teórica à realidade do jogo. In J., A., M. Murcia (ed.). *A aprendizagem através do jogo*. (pp.9-28). Porto Alegre: Artmed.

Pacheco, J.A. (1993). *O pensamento e ação do professor em formação*. Tese de doutoramento. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga.

Piaget, J. (1962). *Play, dreams and imitation in childhood*. Norton: Nova Yourque.

Piaget, J. (1972). *Psicologia e Pedagogia*. 2.<sup>a</sup> Edição. Editora: Gaverse.

Piaget, J. (1978). *A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho*. Rio de Janeiro. Lanar.

Roldão, M. C. (2008). *Que educação queremos para a infância?* In Miguéns (ed.). *A educação das crianças dos 0 aos 12 anos*. (pp.176-196). Lisboa: Conselho Nacional de Educação

Romão, H. (2013). *A atividade de brincar na educação de infância*. Relatório Final de Estágio. Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação, Setúbal

Ruquoy, D. (2005). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In Albarello, Digneffe, Hiernaux, Moroy, Ruqioy, Saint-Georges, (ed.) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. (2ª edição) (pp. 84-116). Lisboa: Gradiva – Publicações, Lda.

Sardinha, L. (2010). *Formação Pessoa. Programa Pessoa: Conceito, implementação e resultados dos dois primeiros anos de intervenção*. Lisboa: Laboratório de Exercício e Saúde. FMH. Universidade Técnica de Lisboa. São Paulo

Solé, M. B. (1992). *O jogo infantil*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança.

Serrão, M., Carvalho. C., (s.d.). *O que dizem os educadores de infância sobre o jogo*. Disponível em [www.ricoci.org./deloslectores/3824.serrão.pdf](http://www.ricoci.org./deloslectores/3824.serrão.pdf).

Tuckman, B., (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calauist Gulbenkian.

Tem, A., & Marín, C. (2008). *Jogar para educar: Proposta para brincar sem violência*. Porto: Porto Editora.

Urta, J. (2007). *O pequeno ditador: da criança mimada ao adolescente agressivo* (8ª Edição). Lisboa: A esfera dos livros.

Valenzuela, A. (2005). O jogo no ensino fundamental. In J., A., Murcia (ed). *A aprendizagem através do jogo*. (pp.89-108). Porto Alegre: Arned.

Vygotski, L. (1982). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Wallon. H. (1968). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70

Yudina, E. (2007). *A abordagem histórico-cultural de Lev Vigotsky. Redescobrir Vygotsky, 77*.

## **Anexos**

Dimensões	Objetivos	Entrevista	Observações
Práticas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aferir de que forma é que os educadores promovem o jogo lúdico para a aprendizagem das crianças;</li>   <li>- Perceber qual a importância que o educador dá ao uso das atividades lúdicas como estratégia de ensino aprendizagem;</li> <li>- Verificar a pertinência da participação dos pais na vida escolar das crianças,</li>   <li>-Averiguar a importância da participação de parceiros no desenvolvimento das atividades;</li>   <li>-Verificar quais os projetos que promovem as atividades lúdicas;</li> </ul>	<p>De que forma proporciona este tipo de atividades (atividades lúdicas)?</p> <p>Que estratégias/metodologias coloca em prática para a existência destas atividades?</p> <p>Acha pertinente o envolvimento dos pais com as crianças para o desenvolvimento das atividades lúdicas das mesmas?</p> <p>Quais os parceiros que trabalham com a escola para o desenvolvimento das atividades lúdicas?</p> <p>Para além dos projetos estabelecidos, que outros projetos de dimensão</p>	

		lúdica tem para oferecer às crianças?	
Motivos/Finalidades	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender até que ponto os educadores dão importância às atividades lúdicas;</li> <li>- Aferir se as crianças dão relevância às práticas de jogo de recreio;</li> <li>- Averiguar a pertinência dada aos projetos a desenvolver;</li> <li>- Perceber se o período de recreio é visto como um espaço de grande relevância para o desenvolvimento da criança;</li> <li>- Aferir de que forma é visto o espaço (recreio) por parte dos educadores para o desenvolvimento da crianças;</li> </ul>	<p>Qual a pertinência da inclusão de atividades do foro lúdico?</p> <p>Que atividades gostaria de ver realizadas por parte das crianças durante o tempo de recreio?</p> <p>Quais motivos que encontra para o desenvolvimento de determinados projetos tendo em atenção à pertinência do jogo lúdico?</p> <p>Quais os motivos/razões que potenciam a observação do recreio durante a recriação das crianças?</p> <p>Acha que ao promover este tipo de atividades está a contribuir para as relações interpessoais no espaço de recreio?</p>	

		(Porquê?)	
Espaço Físico/Temporal	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber de que forma é organizada o tempo (tempo de recreio e tempo de atividades);</li> <li>- Compreender como é realizada a organização/gestão do tempo;</li> <li>- Perceber como é feita a gestão das atividades (escolhas, por parte da educadora/por parte das crianças);</li> <li>- Compreender de que forma é organizada o espaço físico (interior e exterior)</li> <li>- Aferir a importância dos materiais para desenvolver as atividades lúdicas;</li> <li>- Perceber como é feita a</li> </ul>	<p>Quanto tempo as crianças passa na escola (recreio e sala de atividades)?</p> <p>Como organiza o tempo, tendo em atenção à organização das atividades do dia?</p> <p>Que tipos de atividades as crianças recriam no espaço de recreio?(São propostas/as crianças tem liberdade de escolha)</p> <p>Como organiza os espaços (interior e exterior) de forma a potenciar atividades do foro lúdico?</p> <p>Os materiais de recreio são fulcrais para as atividades das crianças?</p>	

	escola dos materiais para o uso das crianças durante o recreio.	Que tipo de materiais, no seu parecer, podem ser potenciadores para a recreação das crianças no tempo de recreio?	
--	---	---	--

## **Entrevista (A)**

Graça - De que forma é que proporciona este tipo de atividades? As atividades lúdicas?

Educadora – eu tento proporcionar diariamente, é uma parte fundamental. Aqui no espaço jardim-de-infância está presente o jogo lúdico desde que chegamos até que terminamos, mesmo no acolhimento há muita brincadeira, muito jogo lúdico, em todas as atividades porque só assim é que nós captamos as crianças, cativamos as crianças. E depois esse jogo lúdico tem uma parte um bocado da educadora, já naturalmente porque gosta, porque está nesta profissão porque gosta e porque sabe que é mesmo assim e para acarinhar as crianças, e para as cativar tem que fazer dessa forma. Depois é pensado também, é estruturada essa forma lúdica conforme as temáticas que estamos a trabalhar nos momentos do dia-a-dia. Portanto, sempre com a vertente lúdica, tudo. Brincamos muito, portanto, é um brincar, fazer contas, mas está implícita muita aprendizagem e, portanto, onde... e que levará, contribuirá muito para a aquisição de novas competências e isso tudo; mas sempre desta forma... a partir de eles estarem felizes, estarem a brincar, a fazer contas e eles vão aprendendo muita coisa, não pode ser de outra maneira neste espaço jardim de infância, só assim é que entendo e assim as crianças aderem muito bem

Graça - Que estratégias/metodologias coloca em prática para a existência destas atividades?

Educadora - As estratégias que eu utilizo, portanto...são estratégias de por a criança em situação de jogo lúdico através de várias formas, pode ser através de uma história, hoje por exemplo tivemos aqui uma história hoje é dia do pai. Entrou muito o jogo lúdico, também, em todos os momentos da conversa entra muito o jogo lúdico, começo por dizer pro exemplo, estou muito gorda, preciso de espaço e eles percebem “não és nada” tens espaço e preciso ah alargarem e começo por fazer uma brincadeira, quero um espaço maior e eles não és nada, eles percebem, humm, portanto as estratégias são dar-lhes estes indícios e eles entrarem logo portanto, hum, mesmo em atividades livres, ainda um dia destes foram buscar uns fantoches, atividades livres, preparar um teatro entretanto para os outros, os outros estavam a terminar de fazer atividades e no instante outros já estavam a terminar já estava ali a decorrer a apresentação do teatro de fantoches, portanto pegar em todos é utilizar também um bocado o material com que está apetrechado o jardim-de-infância quer jogos, quer livros, quer fantoches, quer tudo aquilo que existe cá pois também as áreas que temos também são muito importantes onde a gente também muitas vezes

surpreende em que eles estão a brincar e também dar-lhes muitos momentos para eles brincarem a estratégia é ter uma sala com..., ter um hospital ter um cabeleireiro em que eles também por ai brincam imitam muito o adulto e estão a aprender muitas coisas, estão a aprender a realizar, estão a aprender a imitar as tarefas dos adultos a ter responsabilidades humm, na área da biblioteca também tudo através de uma brincadeira eles também trazem os livros, vão escolher os livros que querem, com uma responsabilidade, com tudo, mas numa brincadeira, eu até disse aos meus secretários quando de manhã trazem os livros para entregar e para preencher o livro de requisições eles vão logo e estão a aprender, estão a aprender o que é ler a visualizar os nomes deles no livro a por um visto que é verde como o entregaram e depois já vão coloca-lo na respetiva coleção portanto estão a organizar, ter organização a ter método, vamos escolher outro livro, uma escolha livre para depois porem o nome alguns já sabem por a data, o dia em que levam e o dia em que hão-de trazer três dias mais ou menos e tudo isso num ato de brincadeira, são secretárias, são geralmente as crianças mais velhas que já dominam um bocadinho isso e que fazem. Os outros vão por, portanto por imitação veem tanta vez e também querem e já muitos fazem isso muito bem e vão sabendo preencher uma folha numa brincadeira, sabem preencher uma folha, sabem onde por o nome deles, onde vão por a data, onde é que é para por o titulo, eu vejo muitos deles a porem o titulo, eu chego assim “à já fizeste muito bem”, com maiúsculas eles copiam pela capa do livro. E portanto as estratégias que eu uso são essas todas de também, de também de os entusiasmar, como é que eu hei-de dizer de entusiasmar e de lhes dar assim um bocadinho de importância, de dizer que eles são capazes e de que nunca tem, que nunca podem desistir nem nada e de lhes dar assim um papel também fundamental, que é que fica a organizar a sala, portanto quem são os meus ajudantes, vários momentos. As estratégias são muitas, são muitas. Por exemplo no recreio as estratégias, agora está o tempo bom, já começam a ir ao recreio. Eles vão regar as árvores que plantaram, já há dois anos acho eu, um dia destes vamos começar com o jardim e com a horta, agora que está a chegar a primavera, hoje eu não disse nada, eles foram, pegam, foi numa brincadeira, o chefe, porque há uma organização que eles gostam, a seguir lá vão eles com o balde, com regador regar com muito cuidado, pronto. Ou seja eles próprios tem a liberdade para recriarem digamos o jogo lúdico, eles próprios decidirem aquilo que querem fazer. Sim eles percebem que podemos fazer isto ou aquilo, por exemplo fazer os fantoches, ir para a mercearia ir para a garagem ou para outra coisa qualquer. Eles gostam muito também de fazer teatros, teatros de histórias que eu

conto, depois às vezes até me dizem, já temos dois teatros em atraso que às vezes não há tempo, chegamos a uma hora e às vezes já não dá e fica para o dia seguinte, eles dizem, eles é que também me propõem, vamos fazer este teatro, parte muito deles e depois é, eles estão muito motivados, é um grupo que está muito motivado e não é nada difícil, não é nada difícil, é portanto é também tendo em conta aquilo que eles me pedem e pronto tem de ser tudo muito através do jogo lúdico é sempre assim.

Graça - Acha pertinente o envolvimento dos pais com as crianças para o desenvolvimento das atividades lúdicas das mesmas?

Educadora - Sim o envolvimento dos pais é muito importante, pronto, os pais também se apercebem muito disso e aqueles pais até que poderiam ter vindo com um limite com expectativas de que num jardim-de-infância, não seria uma visão muito real que era o jardim de infância, que iriam já aprender coisas muito escolarizadas e isso tudo começaram também...começam a ver depois com o desenrolar das atividades que as crianças a brincar aprendem muita coisa quer de forma lúdica. Eles também são uns bons colaboradores a esse nível, porque também participam ou vem expor alguma coisa, o na hora do conto, eles dizem o que querem fazer, também temos esse projeto. Os pais vêm à escola e de uma maneira também de brincadeira eles vêm-nos "ensinar" alguma coisa, divertir-nos fazer isso. Tivemos ainda há pouco tempo a festa dos avós, que foram os avós que vieram cá, as crianças preparam também uma dança uma canção coreografada aliás, fizeram também uns mimos para eles, presentes, depois fizemos uns bolinhos, beberam chá, depois disseram que gostavam muitos dos avós, fizeram uma homenagem aos avós, fizeram trabalhos relacionados com isso. Portanto não é só os pais, mas também estamos a alargar também, este ano estivemos a alargar mais também aos avós porque muitas crianças ficam com os avós e isso. Os pais realmente ajudam bastante e percebem. Mesmo quando se pede alguma coisa são logo, quando nós solicitamos algum material, ou alguma questão aos pais sobre o natal, ou do dia do pai qualquer coisa que seja também eles são muitos empenhados e colaboram muito e percebem que é tudo muito através do jogo lúdico, que..., eles também entendem isso e são veículos também de colaboração e tem sido rico esse entrosamento. Agora também vem a primavera, avós e pais vão trazer árvores, plantas, uma árvore, já pedimos também, outros vêm cá tocar outros avós cantar contar histórias, tudo, tudo numa brincadeira, mas numa brincadeira que também transmite alguns conhecimentos. Mas é uma brincadeira, pegamos por ai, e começamos sempre nessa brincadeira, nessa parte, com muito respeito com ordem para eles estarem felizes e tudo eles verbalizam as coisas que sentem, também é

muito importante, e damos muita atenção aos afetos, aos carinhos às relações familiares e é por aí que nós também trabalhamos com os pais. Nas festas também, geralmente mais na festa de final do ano também, são momentos lúdicos também muito importantes marcantes e fazemos mais com os pais e por uma questão de espaço, fazemos uma sardinhada, fazemos ao ar livre e depois há muito convívios, as crianças também apresentam números, alguns dos pais também participam nalgumas coisas quando querem e isso, portanto sempre numa dinâmica de sermos felizes de estarmos bem todos juntos sem haver distanciamentos.

Graça - Quais os parceiros que trabalham com a escola para o desenvolvimento das atividades lúdicas?

Educadora - Quais são os...Ah parceiros. São muitos os Parceiros que trabalham connosco portanto o agrupamento de escolas, os órgãos que existem, temos as professoras bibliotecárias dentro desse âmbito, vai decorrer a semana da leitura, está a decorrer, e por exemplo vem cá a estação das letras que é composta por dois atores muito bons que vem dramatizar uma história uma história recente que saiu à pouco. Portanto através das bibliotecárias estes atores e outros colaboradores que nós também conhecemos e que, e que, muitas vezes pagando ou não pagando às vezes vem gratuitamente depois temos outras entidades, temos a junta de freguesia também que agora no carnaval nos ofereceu palhaços, no carnaval tivemos direito a transporte, fomos a um auditório as crianças ficaram muito surpresas e vivemos o carnaval de outra forma. A associação de pais também nos ajuda, participa nos desfiles de carnaval noutras saídas e tudo também vê o material que precisamos e também se empenha. Para além disso, temos outras instituições temos a instituição ESSE, as estagiárias também colaboram connosco muito a parte lúdica a escola Viriato este ano também vamos ter a colaboração de um outro parceiro que é a escola ...Estagiárias da escola Emídio navarro, assistência a infância e os da escola Viriato é o curso de animação socio profissional. Para além disso temos também a camara municipal que é outro parceiro importante, que agora por exemplo estamos a preparar o nosso passeio que ira ser a lamego a um parque da biodiversidade e os nossos parceiros, portanto é uma coisa também lúdica ver os animais que todos adoram mas também vamos ver várias espécies tudo isso contribui também para as aprendizagens mas sempre numa forma, é um passeio / visita de estudo em que se vão divertir. O autocarro a camara oferecem-nos o transporte, portanto aluga os autocarros a associação de pais também colabora para comprar gelado e tudo. Deixe-me ca ver mais parcerias que nós temos. Estas são as principais talvez. Às vezes pedimos a

colaboração de outras instituições pontualmente conforme os temas. Visitas, visitas aqui mesmo no espaço do ji ir à pastelaria ir ao supermercado, portanto também a área envolvente através de um jogo lúdico. Também às vezes médicos bombeiros... Também temos aqui varias crianças que são filhas ou de bombeiros ou de enfermeiras, à bastantes e também vem de uma forma lúdica também ensinar mostrar brincar com eles, como se tratam os bebes, o que acontece se nos aleijarmos os cuidados a ter em casa, os perigos, na rua, vem também muitas vezes, GNR também existem alguns, portanto agentes de segurança também vem e depois trazem filmes trazem cartazes trazem desdobráveis também o tino ni com bonecos interessantes, de uma forma são lúdica, Power pointes engraçados, pequenos filmes higiene oral também tivemos ainda à pouco tempo e tudo de uma forma de brincadeira, porque eles ficam ali às vezes com um filme, também estou-me a recordar do dia da alimentação com a escola superior de saúde, também uma prof. Da escola prof da escola superior de saúde sobre a alimentação saudável e através de cantigas de filmes introduziu. Pronto de uma forma a brincar. Depois a maneira como propõem aqui as atividades mas isso já é como funciona aqui, com as estagiárias, convosco sempre também pode embora seja um bocadinho. Também apresentar as coisas de uma forma lúdica brincalhona, contar uma historia, vestir de velhinha outra coisa qualquer portanto vestir de palhaço, carnaval contar uma historia, uma poesia dessa forma parceiros a muitos e temos a agradecer realmente que há muitas parcerias e estamos cientes porque é difícil fecharem-nos as portas. É difícil não envolvendo dinheiros nem nada é difícil agente pedir tb flores plantas assim temos as portas bastante abertas e temos uma interação muito grande com o meio envolvente.

Graça – Para além dos projetos estabelecidos, que outros projetos de dimensão lúdica tem para oferecer às crianças?

Educadora – pronto, para além desses que estão realmente determinados -- o plano anual de atividades também, não é? – depois a partir daí também é feito o projeto curricular de turma, existem outros projetos, por exemplo, um projeto que eles gostam muito, que eu também dou algum valor e eles adoram, é virem falar sobre alguma coisa, prepararem, eles por iniciativa própria as crianças virem falar sobre o corpo humano, ou um livro, então eu dou-lhes assim algum enfase e digo que é o doutor tal ou a doutora tal que nos vai dar uma aula sobre qualquer coisa e trago um livro ou um boneco e falam sobre aquilo. Muitas vezes preparou ou não com os pais, às vezes alguns pais gostam de lhes dizer algumas coisas e assim e depois é tudo através de uma brincadeira; as outras crianças aderem muito bem, porque, pronto, é

ali, fazemos de conta, é um jogo lúdico, tudo com muita ludicidade, fazer de contas que está ali alguém que estudou, fazer perguntas “aí o que estudou? Onde estudou?” “ahh, estudei em casa” ou na universidade ou em Lisboa, numa escola... onde quiser e eles apresentam a aula sobre – uma aula entre aspas – dinamizam alguma coisa, sobre cuidados a ter com bebés, eles também estão muito virados para, motivados para o meio ambiente, portanto, proteger o meio ambiente, o que é que acontece ao planeta, a reciclagem, tudo isso. E então eles trazem ou livros ou às vezes apenas um brinquedo, uma caixinha de médico, de primeiros socorros. Depois é interessante porque eles, as crianças que estão a ouvir, fazem perguntas no final, gostam depois de fazer perguntas...

Graça – ou seja, é uma interação criança-criança...

Educadora - é, é muito lúdica aí. A minha presença é muito diminuta aí, ou se há uma pergunta muito difícil que eles fazem à criança que está a expor eu depois dou ali uma ajuda, mas poderá ser assim ou assado, pronto para não embarçar. Às vezes há uns que fazem assim umas perguntas que não têm uma resposta muito plausível, então eu sou uma mediadora, mas as coisas decorrem entre eles, é uma coisa muito espontânea, muito lúdica entre eles. Eles ouvem melhor no jogo lúdico, nestes momentos eles estão com mais atenção do que se for de uma outra maneira mais corriqueira, mais clássica que a gente costume fazer as atividades, eles aderem muito bem e gostam muito.

G – Qual é a pertinência da inclusão de atividades de foro lúdico?

E- (Fala para outra pessoa. Imperceptível)

G – Qual é a pertinência da inclusão de atividades de foro lúdico? Para si...

E –A pertinência? A pertinência é enorme, não é? Ahhh... é muito importante incluir atividades de cariz lúdico e pensar cada vez mais nisso e não cair naquela tendência, que hoje também está a acontecer bastante e que infelizmente está a acontecer bastante, cada vez se nota que o jardim de infância está a ser mais, entre aspas, escolarizado, em que eu receio que esta parte lúdica possa vir a não ter um lugar tao importante como tem vindo a ter até agora, porque há uma pressão por parte também do 1º ciclo, isso também, para mim, tem a ver com as orientações do Ministério da Educação que cada vez liga mais, entre aspas, dá mais valor à parte cognitiva, mas nestas idades, e mesmos nas idades seguintes, é importante a música, muito importante a música, muito importante a educação, a expressão físico-motora, as artes, tudo isso... e acho que as crianças que não passarem por aí vão ser mais infelizes e vão, vai ficar uma lacuna no seu desenvolvimento, porque quase que nem

vão ser crianças, já começa a haver demasiada “aprender, aprender, aprender” , mas nós podemos aprender a brincar, a ser felizes e aprendemos, se calhar, da melhor maneira e não nos vamos esquecer. Sendo de uma forma agradável, é bem diferente do que ser uma coisa imposta, académica, portanto, eu acho que é muito pertinente. É um bocadinho isso, eu estou a tentar remar um bocadinho contra a maré, porque também me vejo um bocado rodeada, às vezes até por colegas que só se preocupam com essa parte e faz-me um bocadinho de impressão e tento sair um bocadinho desse meio e pensar diariamente que realmente eles fazem tudo e aprendem muita coisa, mas a brincar com a parte lúdica. Acho que é muito pertinente, são muito pertinentes. E depois temos resultados fantásticos porque nós, às vezes, ouvimos a crianças com respostas com vocabulário rico, com tudo o mais, quando através de uma história, de uma brincadeira ficou lá tudo e ficaram lá noções; também muito o brincar, o apalpar, o mexer nas coisas, o serem eles próprios a fazerem as suas coisas, a experienciarem as coisas, eles aprendem muito e fica lá e... e é a parte mais importante.

Graça – Que atividades gostaria de ver realizadas por parte das crianças durante o tempo de recreio?

Educadora – durante o tempo de recreio, eu gostaria que eles estivessem a fazer mais diversidade de atividades. Nós também, ainda para já, temos o recreio um bocadinho “despido”, podíamos ter, já pedimos, uma estrutura de psicomotricidade que daria mais trepar, saltar, subir e descarregar um bocado energias, mas pronto dentro daquilo que temos, temos um espaço bom, grande e agora, que o tempo bom está assim a acontecer, eles brincam, correm, jogam ao futebol, gostam muito, brincam na areia, fazem jogos, sempre que é possível também, às vezes, da minha parte, disponibilidade, faço jogos de roda que também gostam muito, da machadinha, e outros: a borboleta que vai a voar, que se vai casar; gostam muito desses papeis e dessas brincadeiras de roda, portanto, jogos de roda, o lencinho, entre outros, muitos outros, o macaquinho chinês... coisas que através deles... por exemplo, o macaquinho do chinês que vai lá andar, pronto e de uma maneira eles também aprendem ali a controlar partes do corpo, as suas energias, a respeitar normas e regras, que é muito importante, “saber perder” também é muito importante, no recreio. Depois também saber estar com o outro, eles também isso já sabem, as regras são uma coisa que nós implementamos logo no início, eles sabem que não podem empurrar, não podem bater, não podem tirar as coisas ao amigo e eles aí, como estão a interagir muito uns com os outros e de uma forma livre e espontânea (e assim é que é bom) têm as suas empatias com os amigos, que nós também conseguimos ver

e observar com quem é que eles gostam mais de brincar, que gostam mais de brincar, com quem se envolvem mais, pronto... e crianças que estão assim, às vezes, mais tímidas e mais... que não têm tanta iniciativa com os outros no recreio e tudo, vão arranjando brincadeiras interessantes e depois eles querem sempre mais recreio e, pronto, quando é hora de chamar (porque depois também há uma planificação mais ou menos a cumprir, são 20 crianças, há 1 criança com necessidades educativas especiais também tem que se ter um acompanhamento, trabalhar um bocadinho individualmente com ela) e depois dizem eles “ahh, já vamos entrar”, pronto é a parte melhor do dia, para eles é muito bom...

Graça – Pois, eles têm mais liberdade para recriar eles próprios...

Educadora – Têm mais liberdade porque eles correm, saltam, fazem recriações, pronto, muitas vezes ali nos montinhos de areia estão também a brincar, a fazer bolos de aniversário, brincar aos pais e às mães, portanto eles estão a fazer muita coisa de fazer de conta, muita coisa lúdica, estão muito felizes também, além disso, estão a apanhar o sol que lhes faz muito bem, porque as crianças estão aqui é uma zona urbana, vivem muito em apartamentos, vão pouco à rua, principalmente no inverno e também temos que dar primazia a estes momentos de... de... de... e depois também temos aqui um outro ponto que é o Fontelo, que daqui para a frente também podemos ir visitar de vez em quando que tem um bom acesso e podemos ir a pé, one é fresquinho, podem andar a ver a natureza, pronto respirar ar puro e tudo isso. Os espaços exteriores são muito bons para a criança, para observar a natureza, para ver o crescimento das coisas, conhecer melhor, tudo isso.

Graça – Ahhm.. Quais os motivos que para o desenvolvimento de determinados projetos, tendo em atenção a pertinência do jogo lúdico?

Educadora – Não percebi a pergunta...

Graça – Quais os motivos que encontra para o desenvolvimento de determinados projetos, tendo em atenção a pertinência do jogo lúdico?

Educadora – Os motivos... ahhh... os motivos têm sempre a ver com a felicidade da criança, não é? Tornar a criança feliz e depois, aliado a isso, tornar a criança feliz e depois pensar nas várias áreas que as orientações curriculares nos indicam que temos de explorar com as crianças, os motivos são esses: é pegar num projecto qualquer e depois, dentro das várias áreas arranjar uma forma lúdica de as trabalhar, de fazer, que nós estivemos a fazer para o dia do pai, a prendinha para o dia do pai, estratégias de falar, portanto, na formação pessoal e social, nos valores, o que é o pai, as relações interpessoais, o valor do pai, portanto, mesmo falar de outras

culturas, vários tipos de pais, há crianças que já não têm pais, portanto, falar há pais que estão distantes, estão emigrados, há pais que estão mais próximos, há pais também de famílias que têm outras estruturas, divorciados, que estão com os filhos só mais ao fim de semana, há pais que são muito ocupados e só estão com os filhos um bocadinho à noite. Portanto, os projetos, os motivos dos projetos têm a ver com as áreas curriculares e têm a ver com aquilo que nós achamos importante viver, que são também as épocas festivas ao longo do ano, não é? Ahm... temos as estações do ano, portanto, assuntos que se tratam todos os anos que têm a ver porque a criança está a ter uma noção mais ampla do mundo, não é? Saber que o tempo muda, as coisas vão mudando com o tempo, com as plantas, tudo, como é que nascem, como é que crescem, de onde vem a nossa alimentação, os legumes e isso tudo. Depois têm de conhecer mais noções do mundo mais alargado, dos meios de transporte, que outros meios de transporte existem para além destes... outro... outro projecto que também desenvolvemos sempre é o corpo humano também os sentidos, várias coisas ligadas a isso.

Graça – Quais os motivos ou as razões que potenciam, neste caso, a sua observação do recreio durante a recriação das crianças? Aquilo que elas fazem no recreio.

Educadora – Quais os motivos...?

Graça - ...que levam à observação das crianças durante a recriação das mesmas? Porque é que observa aquilo que elas estão a fazer?

Educadora – Ahh.. pronto. Eu já observo porque estou sempre presente, porque estamos presentes eu, a assistente operacional. Da minha parte, eu observo para ter um melhor conhecimento das crianças, por aí também fico a conhecer, muitas vezes, muito melhor as crianças porque elas estão mais soltas, mais livres, talvez mais elas próprias, são mesmo mais espontâneas, não estão... sobretudo aquelas que são às vezes um bocadinho mais tímidas, ou mais inseguras e então eu observo-as porque quero conhecê-las melhor, porque quero também ver o que é que elas estão a fazer, quais são as relações que elas tecem entre elas e a partir daí eu observo muita coisa, observo a linguagem, o tipo de discurso, o tipo de construção frásica das crianças, observo os seus interesses, aquilo do que falam, de que falam, do que gostam mais de brincar, quais são os seus heróis, os rapazes, as meninas, que muitas vezes há um bocadinho de diferença, nota-se os rapazes mais a falar, nas brincadeiras mais bola, super-heróis, são um bocadinho mais, não é agitados, é... movimentam-se mais, têm mais energia, gostam das lutas, da força, pronto... também

tem a ver com os desenhos animados, o que vêem, os filmes, tudo isso, não é? Tudo isso que também eles vêem, os heróis... Depois ainda vejo muitas crianças, daquelas mais novas, que confundem a realidade com a... ahhh... com a imaginação, com o não é real, com o mundo que não é real... Tenho cá uma criança que ainda confunde um bocadinho (impercetível) ainda... que já não seria de supor tanto isso, mas ainda está... pronto, para os mais pequenos isso aí ainda acontece muito, estão ali, pronto, as duas coisas: o real e o imaginário estão muito juntos, depois começam a entender o que é o imaginário e o que é mesmo o real, o que é que acontece só nas histórias, nos livros, o que os autores escrevem, os escritores e tudo, o que é que acontece nos filmes, portanto, conforme o desenvolvimento das crianças, eles vão começando a perceber isso. E é importante também para mim, ver em que patamar é que eles se encontram, a esse nível e ver os gostos deles, ou simpatias é mais por aí... e alguma dificuldade, às vezes, ou de integração ou de não compreender a mensagem do outro, pronto... às vezes de não perceber qualquer coisa, mas o outro tenta explicar, pronto eu também posso intervir e explicar, também estar ali com uma pessoa que pode ajudar num momento, esporadicamente, mas se não está a perceber ou o que é que o outro lhe queria transmitir ou uma tarefa ou na brincadeira, explicar melhor a esse nível de mediadora e muito observadora, aí deixá-los um bocadinho.

Graça – Acha que ao promover este tipo de atividades está a contribuir para as relações interpessoais no espaço de recreio?

Educadora – Pois...ahm... aqui as relações interpessoais são muito fortes e elas vêm-se logo, é uma das coisas mais notórias, em que se nota realmente quem é que é amigo, quem é amigo de quem, quem brinca mais com quem, se algum menino, às vezes, está doente; tenho, por exemplo, visto aí um menino que tem um grande amigo e o amigo não estava cá e ele andava mais sozinho. Pronto e aí eu conheço melhor as crianças. “Então vai brincar...”, notei que aquela criança já não tinha lá, portanto, o amigo que lhe fazia falta e era com quem ele brincava mais... ahm... as relações interpessoais, portanto, são aí muito verdadeiras, muito transparentes, conseguimos realmente ver mesmo quando há pequenos conflitos, que existem (e ainda bem que existem também) os conflitos e discutem por uma bola e outra coisa qualquer, às vezes uma pequena mentira que também faz parte e aí também vemos qual é o tipo de personalidade da criança, como é que a criança se defende, como é que a criança argumenta perante adultos e perante os colegas, as relações... se respeita o outro, se não respeita, se convida alguém, às vezes a criança também é um bocadinho cruel: não convida alguém ou diz “tu não és minha amiga” até isto acontece

mesmo momentaneamente, “não és minha amiga” e depois, não é como os adultos, num instante as pazes fazem-se, mas as relações pessoais são aí muito importantes também, em que eles procuram por eles próprios com quem gostam mais de brincar, fazem grupos...

Graça – Pois, assim nesse espaço de recreio é onde se visualiza melhor...

Educadora – É!

Graça - ...aquilo que a educadora estava a dizer: as relações que têm com cada um...

Educadora – É! É mais notório aí, talvez seja o espaço onde isso vem mais ao de cima mais facilmente, embora também nas actividades, mas aí nós apercebo-nos quem é amigo de quem, quem tem empatia, quem às vezes é um bocadinho “invejoso” nesta idades, ou quem não respeita ou... aí nós conseguimos perceber bem quem se isola mais (ou menos), quem quer ser o centro das atenções, quem quer ser líder, também...

Graça – Pois.

Educadora – Percebemos aí também muitas coisas, portanto nas relações interpessoais que estão a construir, não é? E já ali há muita coisa que nos dá a conhecer muito pela criança: se se deixa levar muito pela ideia do outro, ou não; se impõe a sua ideia e quando damos conta estão a fazer aquilo que ele propôs, aquela brincadeira, portanto domina no grupo, se não domina tanto, se está mais apagado, menos apagado e depois as relações entre si, pronto.

Graça – Quanto tempo as crianças passam na escola? Quer no recreio, no tempo de recreio, quer na sala de aula.

Educadora – Na sala de aula, elas passam 5 horas, 5 horas na parte que estão comigo, na parte da educadora, vá.. parte curricular , pronto, eles estão 5 horas. Das 9 ao meio dia, da 13h30 às 15h30.

Graça – E durante esse período, têm algum espaço... ?

Educadora – A meio da manhã, logo a seguir ao lanche, o recreio (mais ou menos) um quarto de hora, vinte minutos, mais ou menos, se o tempo estiver bom até é um bocadinho mais. Pronto, no recreio. Depois à tarde, muitas vezes também vamos; antes primeiro há as actividades ou a meio, ou assim, também vamos ao recreio, sempre que é possível. Portanto são 5 horas. Para além disso, na instituição estão muito mais tempo, mas estou a falar da minha parte. Esta instituição acolhe as crianças (as que necessitam) desde as 8 da manhã até às 19 horas, portanto, eles estão muitas horas e há crianças cujos pais necessitam mesmo , que, ou têm de se

deslocar para longe onde trabalham e depois têm o tempo da viagem ou trabalham em fábricas noutros locais que abrem às 8h30, 8h15 e então eles têm muito tempo, têm aí o prolongamento de horário que é das 8 às 9 horas (o prolongamento de horário da manhã) que tem uma actividade muito livre, eles brincam muito aí e têm muitos jogos e é num outro espaço mais amplo, onde também podem estar mais à vontade, têm mais espaço para se movimentarem e depois à hora de almoço almoçam do meio dia ao meio dia e meia, mais ou menos, uma menos um quarto e da uma menos um quarto, mais ou menos, até à uma e meia também brincam, agora têm brincado muito também no exterior, aproveitar o tempo bom, brincam muito. Portanto, tirá-los um bocado cá de dentro e brincar, ficam muito felizes a brincar. Portanto damos também muito ênfase a essa parte de prolongamento de horário, porque bastam estas 5 horas de parte mais orientada, de propor tarefas, de propor actividades orientadas e estruturadas e ligadas às temáticas que vamos vivendo e depois ainda no final do dia das 15h30 até às 19h também têm disponibilidade de brincar na rua se houver tempo bom e de brincar noutros espaços, no prolongamento de horário de fazer outras coisas, com outros jogos, outros materiais, coisas diferentes que são... ou um espaço diferente da sala, é um espaço mais amplo, menos estruturado, mais com jogos, também tem televisão, às vezes vêem um filme ou outro, é onde eles brincam mais relaxadamente.

Graça – Como organiza o tempo tendo em atenção a organização das actividades do dia? Para que eles possam depois, eventualmente, ir ao recreio, terem tempo para recrearem eles próprios...

Educadora – (imperceptível)... É assim, de manhã eles chegam, também há um bocadinho de tempo que não é assim um tempo muito orientado, também não chegam todos à mesma hora, pronto algumas crianças chegam às 9h15 ou um bocadinho mais tarde e vão chegando; aí também é um tempo em que eles... pronto... não há nada de muito específico para fazer, eles vão muitas vezes brincar, buscar jogos, brincar, estão com os amigos, portanto procuram amigos para fazer um jogo, uma brincadeira... ahm... portanto, nesse espaço é mais livre até para isso, depois temos a reunião do grande grupo, aí já há tarefas para fazer: quantos estamos, que dia é, que dia da semana é, vemos como é que estão as coisas, algumas rotinas que é necessário fazer para a segurança deles e para sabermos como é que o tempo avança, que mês estamos, como é que está o tempo, o que é que aconteceu, para eles falarem também de alguma coisa que tragam de casa é oportuno e de manhã também é quando chegam, vêm logo ter com a educadora e com a assistente e com os amigos contar o

que fizeram, trazem também muitas vezes bonecos... ahm... brincadeiras que mostram aos amigos todos, partilham, portanto, é um momento muito livre, ele hoje veio uma lontrinha e eu estava a dizer “ah eu gosto de andar assim a nadar com as perninhas para o ar” e a criança disse-me “ e também gosta muito de mergulhar”, acrescentou logo mais, e eu estive a mostrar, fizeram festinhas à lontra, portanto trazer também as brincadeiras de casa para aqui e partilhar, depois temos uma caixa onde guardamos, que para depois... pronto... mostram e depois se houver mais tempo ainda brincam mais um bocadinho à tarde, mas para fazer também um bocadinho a distinção entre o que é que é do jardim e o que é que vem de casa e, pronto, e também para as coisas não se estragarem, um brinquedo que haja que é mais importante e assim, mas é bom eles trazerem para partilharem os seus brinquedos. E depois como é que organizo? Organizo... faço umas quebras, também tem de haver nesses movimentos lúdicos, às vezes estamos um bocado sentados, depois também é preciso fazer, fazemos pela sala uma corrida, uma brincadeira, também lúdicos, vamos fazer de patinhos, vamos ser o vento, vamos ser outra coisa qualquer e vamo-nos movimentar, e depois há o recreio estipulado a seguir ao lanche, que é um momento mais de descontração, para libertar energias, para brincarem, para criarem, e isso tudo. E no final do dia também, sempre que é possível. Aliás, vão terminando as tarefas deles e vão brincando, vão escolhendo para onde querem, geralmente perguntam se podem ir para aqui ou para ali, porque às vezes, pronto, em certos trabalhos há mesas que estão ocupadas ou isso, mas eles perguntam, podem ir para os jogos de chão, jogos de mesa, casinha das bonecas, cabeleireiro, perguntam e sempre que há possibilidade e tempo, eles vão.

Graça – que tipos de atividades, as crianças recriam no espaço de recreio? São propostas por elas, quer dizer, são propostas por si ou elas têm liberdade de escolha para recrear?

Educadora – Eles têm muita liberdade de escolha aí, no entanto, eu também proponho muitas vezes actividades porque também é bom, às vezes, não se lembrariam de uma gincana, de uma corrida para ver quem chega primeiro, um macaquinho de chinês, ou de outros jogos novos, corrida de sacos, depois andar ao pé coxinho, ou outras coisas, que são importantes. Fazemos também às vezes em vários momentos... ahm... jogos com setas, com orientação espacial, com setas com caminhos a evitar a cruz, para eles procurarem alguma coisa, agora vem a Páscoa, procurar os ovinhos ou outras coisas qualquer, procurar uma surpresa, alguém que veio e que deixou escondido para nós, portanto, muitas vezes, a maioria eu acho que

é livre, essas brincadeiras lúdicas que são livres e da iniciativa das crianças, mas muitas vezes também surge com... portanto, eu sugiro, com sugestões minhas também. Mas acho que acontece menos vezes .

Graça – Às vezes valoriza mais o que eles escolhem, mas outras vez acha pertinente dar...

Educadora – Sim... outras vezes sim, em determinadas épocas também e tudo, no outono apanhar folhinhas das árvores, tudo numa brincadeira, somos os ouriços-cacheiros, somos outra coisa qualquer, vamos apanhar, vamos ver o que aconteceu e como é que está o céu e as arvores, vamos observar e vamos ser outra coisa qualquer, ou vamos ser... ahm... sapos, saltar, correr, ver quantas casas temos aqui à volta, várias coisas em brincadeira também. Portanto, mas a maioria das vezes é proposto por eles.

Graça - Como organiza os espaços, quer interior, quer exterior, de forma a potenciar atividades de foro lúdico?

Educadora - Pois, no exterior, temos agora, para já, temos bolas, pás, duas tartarugas gigantes, onde temos lá, era para ter areia fininha, ainda não temos, mas eles brincam com esta que é um bocadinho mais grossa, têm baldes, pás, forminhas para eles brincarem, no recreio, mexerem na terra, na areia e isso tudo. Depois temos bolas, temos raquetes, temos vários tipos de bolas, hum... temos, mais o vaivém com jogos, cordas, arcos, muitas coisas que utilizam a psicomotricidade que também se utilizam lá fora, quando o tempo tiver melhor, também, muitas vezes brincamos com a água lá gora, fazemos experiências, mexer na água e isso tudo, ah..., lá fora é mais isso, cordas também, saltar à corda, ir ao meio, saltar à corda. Dentro da sala como é que organiza!? Organizo, pronto, de uma forma que não é muito diferente dos outros jardim-de-infância. Temos a área da casinha das bonecas que é uma área fundamental de que eles gostam muito, tanto os meninos como as meninas, e ali é que também se vê muito o jogo lúdico e a...portanto eles encarnam papeis, portanto é a mãe, o pai, os filhos, nascem ali bebês, portanto, eles vão muito para a cama, alguém que está doente ou que fazem de médico e vão buscar a malinha dos primeiros socorros, fazem muitos piqueniques, utilizam muito o chão, vão buscar uma toalha, poem logo a toalha no chão. Eles gostam muito de transportar as coisas para outro lugar, para outro sitio, piquenique, levam os bebês, os carrinhos, portanto poem-se no papel de pai e mãe. Depois quando é carnaval, os palhaços, ... depois existem outras coisas, as capas e depois elas gostam muito de as colocar, as capas, e depois ali já são o zorro, ou o super-homem ou o homem aranha e brincam assim...Depois

vão ali aos jogos de construção e vão fazer também as espadas..., essas coisas eu deixo também, brincar, mas como está a haver muita intensidade, tenho medo que eles se aleijem, temos de dizer para brincarem com mais cuidado, pronto, porque depois podem aleijar alguém. Portanto essa é a área forte, é a casinha das bonecas, a cozinha, depois têm também, as miniaturas, todas as miniaturas que hoje existem, frutas, legumes, eles estão a fazer um bolinho e vêm oferecer aos adultos, que já fizeram um bolinho de fruta ou de morangos...No cabeleireiro também eles fazem penteados, vão fazer cortes de cabelo... A garagem, brincam com os carros com as pistas, hum... e nas construções, muitas também gostam de por os óculos e isso tudo, também, na casinha das bonecas. Temos também, as roupas para eles vestem disfarces, vários tipos de disfarces, elas colocam o vestido de noiva de fazer casamentos. Eles os casamentos, põem a mesa e fazem isso tudo eles organizam-se quem é o que, quem é o noivo. Quando damos por isso, já têm as flores, há lá flores artificiais, há cá só um raminho e eles gostam de fazer isso e tiram as coisas daquele sitio para a área da manta que há mais lugar e estão mais ali, organizam-se pronto. Hum... Depois outras áreas...temos também a...pronto a biblioteca, sitio onde eles gostam de estar sossegadinhos hum... Depois os jogos, as construções e jogos e puzzles é isso, pronto, também é uma coisa que eles gostam muito de fazer, também é uma parte muito lúdica e...têm também a mercearia que às vezes vai para outro sitio, quando a sala muda, quando precisamos de espaço para outras coisas em que os outros estão a vender, que eles fazem muito a troca, conversam. Vão às compras com os bebés com os carrinhos. Depois gostam muito de mudar os lugares, as coisas todos para a casa, para a casinha das bonecas, depois como são muitas crianças às vezes também há alguma desorganização, mas faz parte, um está a fazer de uma maneira outro está a fazer de outra. Às vezes está tudo combinado, outras vezes estão ali livremente, mais as novas, também vão fazer e levam, portanto há muita liberdade nas coisas, de ir buscar e de dar ordem nas outras “vai-me buscar isto, vai-me comprar aquilo”, de fazerem bolos, fazem o parto, tratar dos bebés, levam os bebés aos médicos, essas coisas portanto, os...os...os cantinhos que eu...e depois eventualmente surgem outros nossos, depende das temáticas também. Acho que com as outras temáticas vão surgindo.

Graça- Os materiais de recreio são fulcrais para as atividades das crianças? Que são os mais importantes?

Educadora - Hum...para o recreio eu acho muito importante aquelas estruturas que têm de ser o mais simples, de psicomotricidade em que eles sobem, descem,

escorregam, com os materiais e com o piso adequado e seguro, mesmo que caiam e não se aleijam. Hum...hum acho que isso é muito importante, para esconder subiram, treparam, portanto é também exercitar muito, faz-lhes muito bem ao nível psicomotor e físico, é muito importante, pois assegura isso tudo e diverte-os muito não é?...ficam muito felizes isso tudo...acho...nós ainda não temos, vamos ver. Depois temos outras coisas, como eu já disse, arcos, bolas, raquetes, as tartarugas com as bolas com as forminhas, as bolas nunca podem faltar...hum...temos também um túnel também fazemos aí mais coisas quando estão em atividades orientadas, que as crianças escolhem o túnel para brincar e isso temos também não mãos e pés para eles colocarem as mão ou o pé, aquilo é plástico e portanto colocam os pés dá para brincar muito, para dar saltos hum... brincar aos passos, passo de gigante de bebê, também às vezes não precisamos de nada não é? Precisamos do nosso corpo. A partir daqui é preciso, pronto utilizar tudo, mas às vezes não é preciso nada, também fazemos muita coisa sem nada, de várias formas, mas às vezes também é preciso nada, mas, portanto, se houver mais materiais eu acho que é importante eles criarem aquela noção de espaço e como se localizam no espaço e compreender melhor o espaço e corpo dentro daquele espaço, perceberem melhor. Também é muito importante lá no espaço exterior também no interior mas acho que passa mais por aí.

Graça - Que tipo de materiais, no seu parecer, podem ser potenciadores para a recriação das crianças no tempo de recreio?

Educadora - Pois isso é o que já falei, as bolas, as raquetes, sacos, sacos de corrida, hum...o vaivém também é preciso dar e receber hum... o telefone mágico, que serve para telefonar, contar um segredo, é um telefone que depois tem um cordel hum... bolling com garrafas, que eles próprios, que nós próprios podemos fazer jogos aqui hum... cordas de vários formatos. Para o interior são aqueles espaços, a casinha de bonecas, garagem, mercearia, hospital, cabeleireiro. São também esses.

## **Entrevista (B)**

Graça – De que forma proporciona este tipo de atividades, as atividades lúdicas?

Educadora – Todos os dias, surge até mesmo do nada. Sem... além da planificação em que é mesmo contemplada a parte lúdica, além disso surge do nada, porque nós, no pré-escolar, tudo o que fazemos é a partir da parte lúdica. Tudo, tudo, tudo é através da parte lúdica.

Graça – Muito bem. Que estratégias ou metodologias coloca em prática para a existência das atividades?

Educadora – É a partir do lúdico mesmo! Transformamos tudo em jogo, portanto a planificação é feita sempre... Já surge de uma forma natural, pela quantidade de anos que já temos de serviço, é natural. Além da planificação feita, tudo, tudo, tudo é apresentado às crianças de uma forma lúdica, porque assim elas aderem a tudo. Quando se fala da palavra “jogo”...

Graça – Sim...

Educadora – Basta falar da palavra “jogo” e elas automaticamente aderem.

Graça – Acha pertinente o envolvimento dos pais com as crianças no desenvolvimento das atividades lúdicas, das mesmas?

Educadora – Sim, sim. Eu tenho um projeto em que os pais vêm participar ao longo do ano com muitas atividades. Normalmente (não quer dizer que sejam todas), mas normalmente também têm uma parte lúdica. Contempla sempre. São incentivados a isso.

Graça – Quais os parceiros que trabalham com a escola para o desenvolvimento das atividades lúdicas?

Educadora – Todas e mais algumas. É uma escola quem tem muita actividade. E muitos projetos em articulação uns com os outros, então estamos sempre em movimento, estamos sempre. Ainda hoje fomos à escola Emídio Navarro (também parte lúdica) ... até nas histórias e tudo, tudo... Após uma história, por exemplo, eles têm sempre a dramatização que inclui atividades lúdicas.

Graça – Para além dos projetos estabelecidos, que outros projetos de dimensão lúdica tem para oferecer às crianças?

Educadora – o lúdico está presente em tudo. Não há nada que se faça que não tenha. Tudo, tudo, tudo. Por exemplo, até na matemática.

Graça – Sim...

Educadora – Pois ao aplicar a matemática, também é com atividades lúdicas. E depois, normalmente, eu faço assim: normalmente, depois de eles interiorizarem os conceitos que queremos que eles interiorizem, depois é que passam ao papel. Porque depois de passarem ao suporte de papel, antes eles já têm que ter vivido, vivenciado isso; desde que eles vivenciem, eles percebem; é só mais uma questão de termos ali no papel...

Graça – o registo...

Educadora – O registo!

Graça – Qual é a pertinência da inclusão das atividades do foro lúdico?

Educadora – Primeiro, já repeti, porque é, vou repetir-me, porque é mágico. “Jogo” é a palavra mágica. E depois porque, por exemplo, eu incentivo d crianças no fim de dia e ao fim da manhã (tanto da tarde como da manhã), eles têm sempre um quarto de hora, antes de se irem embora, para eles próprios, sem eu intervir, eles têm que desenvolver atividades lúdicas. Eles já conseguem estar no grupo, eu estar um bocadinho distanciada (ara não intervir muito) e há sempre um que lidera um jogo ou dois ou três. É um quarto de hora!

Graça – Sim..

Educadora – E eles, dentro desse quarto de hora, eles lideram e fazem tudo sozinhos, com a minha supervisão, claro. Nem interfiro!

Graça – Que atividades gostaria de ver realizadas por parte das crianças durante o tempo de recreio?

Educadora – Eles o tempo de recreio, nós preferimos que eles tenham livre.

Graça – sim..

Educadora – Porque eles têm tudo atividades orientadas.

Graça – Pois...

Educadora – Então nós, este ano, tivemos um projecto que foi apetrechar (ainda vamos continuar!), apetrechámos com vários materiais esta parte do recreio, este espaço e damos preferência a que seja completamente livre. Fizemos aqueles... apetrechámos com os escorregas, com os túneis... é mesmo livre! Porque é uma altura em que eles estão a dispensar energias e não têm sempre os adultos em cima deles. Embora as auxiliares supervisionem constantemente, há uma sala que vai todos os dias para o... uma sala diferente... para o escorrega e eles vão circulando. Vão rodando, de maneira a que haja menos conflitos, porque o espaço não é muito, de facto, é verdade; e então, planificámos tudo desta forma e então esta parte é mesmo só livre. Conseguimos gerir assim as coisas com calma.

Graça – Quais os motivos que encontra para o desenvolvimento de determinados projetos, tendo em atenção a pertinência do jogo lúdico?

Educadora – Como?

Graça – Que motivos encontra para o desenvolvimento de determinados projetos, tendo em conta a pertinência do jogo lúdico?

Educadora – O jogo lúdico desenvolve muito a parte do desenvolvimento pessoal e social. Regras, não é? Basta dizer que só de ser jogo já tem regras, é o que eu normalmente faço e eles já imitam. É assim, quando eles querem implementar um jogo, são incentivados a trazer são...” eles ouvem primeiro as regras, tem que as respeitar, respeitam um ao outro, é a área de desenvolvimento pessoal e social está sempre presente e respeitam. E sabem as penalizações que há, senão cumprir determinadas regras, ou seja, estamos a prepará-los também como seres, não é? Como no seu todo. A saber esperar pela vez, a saber negociar, a saber cumprir, se não cumprir qual é a penalização que vai ter, o que fazer se ganhar.

Graça – Quais são os motivos/razões que potenciam a observação do recreio durante a recreação das crianças?

Educadora – Como? Quais são...?

Graça – Quais são os motivos ou as razões que potenciam a observação do recreio durante a recreação das crianças?

Educadora – não estou a perceber a questão...

Graça – o que a leva a ficar a observar, no tempo de recreio, aquilo que elas fazem sozinhas? Que motivos é que encontra para...

Educadora – Eu, particularmente, não costumo estar a vigiar o recreio, são as auxiliares, mas elas... o trabalho delas é gerir os conflitos possíveis, não é? E a minha preocupação (que eu tento transmitir para a minha auxiliar) é sempre no sentido de levá-los a negociar. Certo? Eles também têm de saber gerir as desavenças entre si e elas são meros... estão ali só para supervisionar o recreio: se eles tiverem conflitos, eles aprendem também a negociar e eles resolvem sozinhos, só se houver algum problema é que elas se metem no assunto.

Graça – Acha que ao promover esse tipo de atividades está a contribuir para a relação interpessoal no espaço do recreio?

Educadora – Sim, sim, sim, com certeza. Por exemplo, há, além de tudo o que eu já disse, quinze dias, três semana talvez, uma mãe veio, dentro do tal projeto dos pais, veio ensinar jogos da sua infância, que normalmente já não se usam, entre eles o jogo do elástico. E eles, atualmente, vêm para o recreio e vão logo buscar o elástico, é

lúdico também, porque eles têm aquelas lengalengas que saltam ao elástico, depois um perde, outro ganha e eles têm feito isso, têm chegado aqui e jogado isso e ensinado as crianças da outra sala. E, pronto, é mais ou menos isso.

Graça – Quanto tempo as crianças passam na escola? Ou seja, no recreio e na sala de actividades?

Educadora – Tudo em conjunto?

Graça – Sim.

Educadora – Ao todo? Olhe, assim não sei, mas sei dizer que, nem todos, mas que há umas que nem almoçam, vão comer a casa, não tenho muitos, talvez uns oito, e que nem sequer têm complemento, saem às quatro, só têm componente lectiva, não têm componente não lectiva. Mas tenho outros que estão cá desde as 8h30m até às 18h30, mas tenho outros que não, que estão menos, porque vão às 5, por exemplo, embora. Mas tenho outros que não almoçam nem têm qualquer componente, há uma variedade grande na minha turma.

Graça – E quanto tempo dispensa para o recreio? Já me disse que era um quarto de hora à tarde...

Educadora – Recreio? À tarde? Não, à tarde não há recreio. De manhã há recreio, embora seja de meia hora, eles só vão 20 minutos, porque entre o lanchar e não lanchar... uns 20 minutos, sim, à vontade...

Graça – Está bem. Como organiza o tempo, tendo em conta a organização das actividades do dia?

Educadora – Temos as rotinas... há uma rotina diária... como é que eu organizo? Ora bem... eu entro às 9 horas, que é a componente lectiva, e eles estão em actividades/jogos, é lúdico, mas de grupo. É lúdico, mas com jogos didácticos nas mesas, até às 10 horas, que é onde eles aprendem determinados conceitos, aprender a trabalhar com tabelas de dupla entrada, aprender a encaixar, aprendem a construir, pronto... puzzles e por aí fora... depois às 10 horas vão ao quarto de banho, vêm, fazem as rotinas diárias, ou seja, pôr a bata, fazer a soma das crianças, quantos meninos, quantas meninas, onde eles aprendem muitos conceitos, pôr as presenças, quantas presenças estão, noção de correspondência: se correspondem as presenças aos meninos que estão. Depois têm o lanche, depois o recreio. Às 11 horas tornam a entrar e têm actividades orientadas, nas mesas ou na parte lúdica, depende das actividades que planifiquei, pode ser um jogo de grupo, pode ser colectivo, pode ser actividades nas mesas, do tema que está a vivenciar, ou dos temas, às vezes são vários temas juntos. Depois é o almoço, antes é outra vez higiene, depois sim almoço,

ao meio dia. Depois às 14 horas eles entram, vão para manta e têm novamente uma conversa sobre o que se deu/aconteceu durante o dia e vão novamente para actividades orientadas, que pode ir desde história, pode ir desde um trabalho de expressão plástica, as várias expressões, pode ser matemática, pode ser... pronto. Depois é que têm as actividades livres a partir das 15 horas. Das 3 até às 4 menos qualquer coisa, têm actividades livres, que também é lúdico, ou seja, cada área de interesses onde eles estão tem um cartaz pendurado onde eles sabem que naquele só podem estar x meninos e eles próprios se organizam. Se aqueles sair, eles podem ir para lá, desde que não ultrapassem aquele número que lá está indicado. Portanto, tudo funciona como lúdico, não é? Nem precisam de vir pedir se podem ou não podem, eles próprios se organizam: “ora, se ali estão 3 e podem lá andar 6, eu posso ir mais...” e chamam amigos. Eu não preciso de intervir. E têm também o cantinho das expressões, que nessa altura também podem ir para lá. Têm a biblioteca, têm a garagem, têm... têm tudo. Têm a casinha das bonecas, têm a área da construção, têm a área do computador, dos jogos de matemática, expressão plástica e... é tudo.

Graça – que tipo de actividades recriam as crianças no espaço de recreio? São proposta pela educadora ou...

Educadora – Não, não, não. É livre, é tudo livre. Eles próprios arranjam a parte lúdica, os rapazes jogam à bola... Não, mas esta parte é privilegiada dentro da sala – referindo-se ao lúdico – porque é transversal a todas as actividades, o lúdico.

Graça – como organiza os espaços tanto no interior como no exterior, de forma a potenciar as tais actividades lúdicas?

Educadora- Não, no exterior continuo a dizer que é livre. No interior é com as rotinas diárias, realmente é, eles próprios se organizam.

Graça – Os materiais de recreio são fundamentais para as actividades das crianças?

Educadora – Sim, porque ajudam a... o que interessa é que o recreio foi concebido para eles gastarem energia, por exemplo, eles não podem correr na sala, mas no recreio podem, eles não podem berrar na sala, mas aqui – no recreio – podem falar mais alto. Lógico, não é? Para além de poderem brincar com os meninos das outras salas também, não é? A preocupação não é o recreio. A nossa preocupação no pré-escolar aqui não é no recreio, porque eles próprios sabem arranjar jogos, eles do nada sai um jogo. São criativas para isso. É na sala que é feito tudo.

Graça – Que tipo de materiais, no seu parecer, podem ser potenciadores para a recriação das crianças durante o recreio, ou então na sala de actividades?

Educadora – É tudo, é tudo. Então na casinha das bonecas é o que é, é simbólico, não é? É tudo, é em todos os jogos. Eles fazem de tudo de forma a parecer um jogo, a não ser que estejam a fazer uma ficha específica, mas até nisso há jogo, por exemplo, um labirinto, ou sei lá... é tudo mesmo nos trabalhos que se apresenta a eles, muitas vezes também tem o carácter lúdico, um puzzle, uma actividade de ter de fazer um puzzle numa ficha própria, em que eles cortem... é tudo vai dar nisso.

Graça – É tudo vertente lúdica.

Educadora – É, é, privilegiamos sempre isso. Porque basta dizer “Olha, vamos jogar”, todos os miúdos querem. Até se não pusermos uma orem, não há ninguém que não queira.

Graça – Exactamente.

Educadora – Pronto...

Graça – Obrigada.

## Entrevista C

Graça - De que forma proporciona este tipo de atividades (atividades lúdicas)?

Educadora – O jogo é uma atividade fundamental na vida da criança, pois através dela ela compreende o meio onde está inserida e desenvolve conhecimentos e competências necessárias ao seu crescimento. Tendo consciência dessas potencialidades incluo-o diariamente na minha prática pedagógica.

Os tempos/momentos destinados a este tipo de atividades estão formalmente indicados na rotina diária da minha sala e fazem parte do dia a dia da mesma (de manhã, após o acolhimento, antes da atividade dirigida e de tarde cerca de 1h). ~

Há, portanto, um tempo diário para o mesmo e há momentos mais *informais* para o mesmo (conforme a criança vai terminando a atividade/tarefa dirigida tem oportunidade de escolher a área onde quer desenvolver os seu projetos/jogos).

Deste modo procuro enfatizar o jogo como recurso para uma aprendizagem global das crianças e ele surge quer como atividade espontânea, quer como atividade orientada.

Graça – Que estratégias/metodologias coloca em prática para a existência destas atividades?

Educadora – Procuo organizar o ambiente educativo de forma agradável e acolhedor e as áreas de atividades de forma estimulante e promotoras de diversas aprendizagens (área de garagem e das construções, área da casinha, área do disfarce, área do médico, do cabeleireiro, área da mercearia, área dos jogos, área da expressão plástica, área da biblioteca, computador, espaço para fantoches e música – alguma vão surgindo conforme o tema/projeto em desenvolvimento).

Procuo jogar com uma intencionalidade educativa, sempre que possível, com as crianças inserindo-me nas suas brincadeiras de “faz de conta”.

Claro que os materiais e equipamentos para estas áreas nem sempre correspondem ao que eu idealizo, pois há o aspeto financeiro a condicionar o mesmo.

Para a semana iremos introduzir um quadro de dupla entrada no qual, diariamente, cada criança, registrará a sua preferência pela área/áreas onde quer jogar/brincar. No final, em grande grupo cada um falará do que fez/realizou, se gostou, se gostaria de ter feito algo que não conseguiu e que gostaria de ter feito, etc.

Através do jogo obtenho informações sobre o comportamento social, coletivo e individual das crianças, os seus interesses e necessidades e, ainda sobre as suas ideias. Ele também contribui muitíssimo para a estabilidade segurança afetiva da

criança. As crianças participam ativamente na tomada de decisões e têm responsabilidade na distribuição de tarefas necessárias à dinâmica do grupo, assim como outras responsabilidades, como por exemplo, a elaboração de regras, a participação na resolução de situações.

Graça – acha pertinente o envolvimento dos pais com as crianças para o desenvolvimento das atividades lúdicas das mesmas?

Educadora – Acho muito pertinente. As crianças ficam muito orgulhosas e felizes sempre que os seus pais têm possibilidade de se envolverem/participarem em atividade planeadas e ou de partilharem outras da sua iniciativa

Esta é uma forma de valorizar a escola, atividades de jogo, o ambiente escolar aos olhos dos seus filhos e de estreitar laços de cooperação entre parceiros educativos (pais educadores).

Graça - Quais os parceiros que trabalham com a escola para o desenvolvimento das atividades lúdicas?

Educadora - Pais, professores, A. O., Professores das atividades extra curriculares (AAAf), outros elementos da comunidade local, estagiários da ESSE, Escola Secundária Viriato, Escola Profissional de Torredeita, Universidade Católica – Medicina Dentária, Dra. Graça Aparício – Escola Superior de Saúde. Junta de freguesia, Camara Municipal, Agrupamento.

Graça – Para além dos projetos estabelecidos, que outros projetos de dimensão lúdica tem para oferecer às crianças?

Educadora – Sema da criança, com diversas atividades (teatro Cinderela, mega piquenique no Fontelo), teatro com o grupo “Estação das Estrelas”, dinamização da área dos efeitos /adereço e transformação (loja), horta pedagógica, jardim pedagógico etc.

Graça - Qual a pertinência da inclusão de atividades de foro lúdico?

Educadora - Através do jogo as crianças desenvolvem competências sociais, têm oportunidades para conversar, trabalhar e jogar umas com as outras, nas diferentes áreas de atividades. As atividades realizadas com o jogo são cruciais para o desenvolvimento da criança e ao analisar as suas características e as suas funções pode-se encontrar vias que estimulem o desenvolvimento cognitivo, sócio-afectivo, moral e motor das crianças.

“O jogo é uma forma de potencializar os conteúdos aprendidos por exemplo em grande grupo (números as sequências temporais) e favorece a socialização grupo”.

Graça – Que atividades gostaria de ver realizadas por parte das crianças durante o tempo de recreio?

Educadora – Durante o tempo de recreio as crianças brincam e jogam utilizando o próprio corpo, os pares e os adultos assim como os materiais disponíveis.

Gostam de realizar jogos de roda tradicionais.

Gostaria de ver o espaço exterior equipado com material/equipamento para o desenvolvimento de atividades *lúdico motora*.

Graça – Quais os motivos que encontra para o desenvolvimento de determinados projetos tendo em atenção a pertinência do jogo lúdico?

Educadora – O interesse das crianças - uma interação social significativa tem maior probabilidade de ocorrer no contexto das atividades que vá ao encontro dos interesses genuínos das crianças.

A criança desempenha um papel ativo na sua interação com o meio, em que o adulto deverá fornecer as condições favoráveis para que a criança se desenvolva e aprenda.

Graça - Quais os motivos/razões que potenciam a observação do recreio durante a recriação das crianças?

Educadora – Segurança física. Observação das crianças, jogar com elas, introduzir/sensibilizar regras, sensibilizar ao respeito pelo outro, à partilha, à igualdade, ao respeito pela natureza, motivar, introduzir/promover jogos que necessitam de grande espaço. Ser parceira de jogos. Conhecer melhor cada criança. Ser moderadora de conflitos.

Graça – acha que ao promover este tipo de atividades está a contribuir para as relações interpessoais no espaço de recreio? (Porquê?)

Educadora - Sou da opinião de que contribui em muito para promover as relações interpessoais, porque brincam, correm, jogam, divertem-se, partilham, aprendem, são parceiros, são companheiros, ganham, perdem, necessitam de outros para realizar jogos, libertam energias, aprendem e é onde todos querem estar. A atividade física, no exterior e em grupo (neste caso grupo heterógeno) potencia o companheirismo, a amizade, a cooperação, o apoio, etc.

Graça – Quanto tempo as crianças passam na escola (recreio e sala de atividades)?

Educadora – Se o tempo o permite as crianças no período da manhã passam cerca de 30m., no recreio, no final do almoço mais 30m., e na AAAF cerca de 1h., 1h30m. Este tempo pode ser alterado em função de outras variáveis pertinentes.

Na sala de atividades curriculares passam o tempo restante, mais ou menos 4h.30m.

Graça - Como organiza o tempo, tendo em atenção à organização das atividades do dia?

Educadora -

<b>Rotina Diária</b>	
Manhã	<p>ACOLHIMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"><li>-- Conversa informal</li><li>- Apresentação e registo individual das presenças</li><li>- Escolha dos <i>encarregados</i></li><li>- Canção do dia da semana</li><li>- Registo do dia da semana</li><li>- Registo do tempo</li><li>- Registo do mês, da estação do ano, das atividades previstas</li><li>- Novidades</li><li>- Planificação</li><li>- Consciência fonológica</li></ul> <p>RODINHA</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Avaliação das atividades diversificadas</li></ul> <p>HIGIENE</p> <p>LANCHE</p> <p>Trabalho dirigido pelo adulto</p> <p>HIGIENE</p> <p>ATIVIDADES</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Realização de uma das atividades, segundo o projeto que estiver a</li></ul>

	<p>ser desenvolvido pelo grupo e a planificação individual da Educadora.</p> <p>HIGIENE PREPARAÇÃO PARA A SAÍDA</p>
	<p>ALMOÇO</p>
Tarde	<p>Conversa informal com as crianças</p> <p>- Planificação</p> <p>-atividades auto- dirigidas</p> <p>RODINHA</p> <p>- Avaliação do dia</p> <p>- Autoavaliação</p> <p>- Registo individual do comportamento</p> <p>HIGIENE PREPARAÇÃO PARA A SAÍDA SAÍDA</p> <p>- Para as crianças que não necessitam de (AAAF) – meio familiar.</p> <p>HIGIENE LANCHE</p> <p>- Para as crianças que necessitam de (AAAF).</p>

Graça – Que tipo de atividades as crianças recriam no espaço de recreio? (São propostas ou as crianças têm a liberdade de escolha?)

Educadora - As crianças têm oportunidade/liberdade de escolha e também lhes são propostas outras, por vezes em pequenos grupos.

Brincadeiras com materiais de exterior, corridas, jogos com bolas, jogos de roda, tradicionais, conversar, simplesmente, sentadas em grupinhos ou com os adultos, etc.

Graça – Como organiza os espaços (interior e exterior) de forma a potenciar atividades do foro lúdico?

Educadora – Interior da sala de atividades organizado: espaço de brincadeira em áreas de interesses específicos.

As diferentes áreas contêm materiais facilmente acessíveis que as crianças podem escolher para depois usarem conforme o que planeiam, para levar a cabo as suas brincadeiras e jogos. Quando a criança termina a tarefa, arruma devidamente os materiais que utilizou.

Exterior: existem alguns materiais (não muitos) próprios de exteriores arrumados em caixas grandes no exterior. As crianças usam e no final arrumam.

Graça – Que materiais de recreio são fulcrais para as atividades das crianças?

Educadora – Penso que deveria haver bastante material de exterior/recreio, isso seria o ideal! No entanto são impeditivos das crianças de divertirem e brincarem, pois usam a imaginação e transformam objetos neutros!

Graça - Que tipo de materiais, no seu parecer, podem ser potenciadores para a recriação das crianças no tempo de recreio?

Educadora – Carros, triciclos, pás, caixas de água, recipientes de diversos tamanhos e formas para experimentarem, equipamento para *jogos motores*, etc.

## **Entrevista (E)**

Graça – De que forma proporciona este tipo de atividades, as atividades lúdicas?

Educadora – As atividades lúdicas? Além de contemplado nas rotinas diárias um momento para essas atividades lúdicas, geralmente mesmo quando conto histórias acaba por ser uma história interativa, quase sempre, às vezes eles fazem se árvores, fazem de flores e explicam as coisas pelo meio de jogo lúdico. Pronto, é constantemente.

Graça - Que estratégia ou metodologia coloca em prática para a existência das atividades lúdicas?

Educadora - Precisamente com isso, através de jogos simbólicos, para levar a temas mais importantes, por exemplo, para explicar se o urso, como é que é a pele do urso é através sempre de um jogo, a explicar com partes do nosso corpo, o sinal mais, sinal menos, sempre com a criança e eu, exemplifico ou deitando, ou fazendo. Está sempre presente em todas as atividades que vou desenvolvendo.

Graça - Acha pertinente o envolvimento dos pais com as crianças para o desenvolvimento das atividades lúdicas das mesmas?

Educadora - Sim, muito importante. Aliás em quase constantemente tenho sempre um projeto de sala em que este anos chama-se até “Brincar com os pais. O caminho a seguir” e o jogo lúdico está sempre presente, os pais estão sempre constantemente a ser solicitados ou para contar histórias, por exemplo, agora vem cá o pai fazer uma aula de ginástica, no outro dia veio cá uma fazer uma aula de dança, está sempre presente, os pais estão constantemente a vir.

Graça - Quais são os parceiros que tralham com a escola para o desenvolvimento das atividades lúdicas?

Educadora - Temos um professor de educação física, e um professor de expressão musical. E, esporadicamente, vêm esses parceiros...quando sabemos que alguns pais têm profissões são solicitados para desenvolver esse jogo lúdico no âmbito da profissão deles.

Graça - E fora disso, não tem por exemplo, com a camara...

Educadora - Este ano,...sim temos sempre. No ano passado, tínhamos aulas de expressão musical com outra professora de Agravesto, uma associação cultural e recreativa, às vezes temos com a camara, para assistir a histórias. Este ano e agora com a crise, não temos tido tanto, nem dinheiro para as saídas, não temos tido tantas oportunidades, mas aqui costumamos ter uma parceria forte com o Continente, se

bem que este ano não temos também ainda vez nenhuma, eles também limitaram as iniciativas porque, com certeza, não têm dinheiro e nós também dinheiro para poder ir e temos limitado, mas sempre que há dinheiro suficiente. Nós este ano temos contemplado no Plano Anual de Atividades ir visitar lares de idosos e fazer lá atividades lúdicas para o idosos. Portanto, uma parceria, que por sua vez eles também vêm cá depois ver as crianças. Temos estas pequenas parcerias.

Graça - Para além destes projetos estabelecidos, que outros projetos de dimensão lúdica tem para oferecer às crianças?

Educadora- Dependendo das temáticas que vamos vivenciando, aproveitamos para fazer certos projetos, por exemplo, agora andamos a fazer uma quinta que trabalhamos junto com a assistente da CAF, então eles, além de trazerem os livros para pesquisar como são os animais, fazemos os desenhos dos animais, depois fazemos o movimento dos animais, falar dos animais e depois montamos a quinta, sempre em parceria com os pais, alguns trazem os pais também, e com a componente de Apoio à Família, com a CAF, e nós fazemos sempre projetos diferentes ao longo do ano.

Graça - então também fazem interligação com o 1º Ciclo.

Educadora - Sim, também. O projeto da hibernação foi apresentado ao 1º Ciclo e agora temos outro, que vamos também apresentar ao 1ºCiclo, dos meios de comunicação, vai ser apresentado no 3º Período...também temos este parceiro muito importante aqui, porque como é o mesmo edifício.

Graça - Claro! Qual é a pertinência da inclusão das atividades do foro lúdico?

Educadora - É Fundamental, a criança desenvolve e aprende. Desenvolve a criatividade e a imaginação, aprende a falar, aprende a expressar-se, aprende a comunicar são fundamentais.

Graça - Sem eles não seria possível...

Educadora - Não, não seria mesmo possível.

Graça - Que atividades gostaria de ver realizados por parte das crianças durante o tempo de recreio?

Educadora - É que o espaço exterior é limitado e este ano que não temos espaço exterior coberto, esteve sempre a chorar quase não dá...Eles recriam essas atividades lúdicas, por exemplo, agora uma criança, uma ou umas, que trazem umas pinturas então fazem o cantinho do cabeleireiro e da estatística e elas pintam-se umas às outras e aquilo funciona mesmo. E nós aproveitamos e falamos dessa brincadeira, portanto eles criam as proprias brincadeiras, que levam depois a umas

aprendizagens ricas. São eles próprios, (que) tenho umas meninas assim todas jeitosas, todas certinhas que acabam por aproveitar e fazemos grande descobertas nessas brincadeiras.

Graça- Eles fazem, então, livremente essas brincadeiras...

Educadora - Muitas vezes livremente, muitas vezes incentivados por mim, porque eles, há duas ou três crianças que, por exemplo, elas trouxeram isto (!?) e então fazemos o “cantinho”. “Então vá, vamos para as almofadas”, eu vou ajudando, não limito nem digo “Não, não vão para aí porque sujam tudo”, “Não, então vá, pintam aqui, ficam aqui”, eles fazem o cantinho ali, depois há outras que estão no desenho, vão contar a história, às vezes até em sequência. Eu incentivo isso, acho que é fundamental dar valor àquilo que eles vão fazendo.

Graça - Quais os motivos que encontra para o desenvolvimento de determinados projetos, tendo em atenção a pertinência do jogo lúdico?

Educadora - É fundamental o jogo lúdico. Desse tal jogo lúdico são perguntas que se repetem as respostas. Através desse jogo lúdico às vezes nasce um grande projeto, nasce que depois foram dizer aos pais, os pais ficaram também interessados e depois começam a trazer, “então se quiser eu tenho lá uma coisa gira, a minha filha falou-me disto” e portanto é fundamental esta ligação e dá mesmo para fazer. E então com a “Xana” que está na Componente de Apoio à Família, ela às vezes diz: “Olha, eles falaram disto durante o dia, eu aproveitei e fiz”, então temos feito muitas coisas interessantes.

Graça - Quais os motivos ou as razões que potenciam a observação do recreio durante a recreação das crianças?

Educadora - Eu, no recreio exterior, quase só vamos porque estão muitas crianças e os de 1ºCiclo ocupam praticamente o espaço, nós quase só vamos para aqui (?) e como temos os escorregas e estas bolas, eles quase só brincam nisso. Aqui no recreio não há esse jogo lúdico onde se criam situações, esse jogo é mais na sala até propriamente.

Graça - Então recria mais dentro da sala...

Educadora - Sim, aqui é muito limitado. Já em grandes recreios, quando trabalhei na Póvoa, isso sim, fazíamos muitas vezes, às vezes fazíamos concursos de desenhos aprendiam a desenhar as figuras geométricas lá no chão, porque era tudo de terra batida, “vá, cada um pega num pau e vamos ver quem consegue desenhar um quadrado ou um triângulo” e fazíamos aqui, muito sinceramente...

Graça - Têm pouco espaço...

Educadora - É, é quase impossível, não tenho...é mais dentro da sala, sim.

Graça - Acha que ao promover este tipo de atividades está a contribuir para as relações interpessoais das crianças?

Educadora - Essencialmente isso, criam respeito um pelo outro, a partilha, o saber partilhar, a socializar. É fundamental, acho que é o ponto de partida para tudo isso.

Graça - Eles assim aprendem o que é ter normas, o que é ter valores...?

1- Valores, a respeitarem-se, a respeitar o trabalho dos outros, a brincadeira dos outros. Este ano consigo muito, acho que talvez por isso, porque foi muita chuva, muito frio, vieram pouco à rua, estiveram na sala porque eu meto-me também nas brincadeiras, porque só são 20 e acabamos por todos, às vezes, brincar e eles “Anda também ...” e eu vou para um lado e vou para o outro e tenho permitido isso.

Graça - É muito bom! Quanto tempo as crianças passam na escola?

Educadora - Eles estão tempo demais, tenho 20 crianças e só 2 é que têm. Duas crianças entram das 9 às 15.30. todas as outras estão das 8 – 8.30, 9h, umas 8h outras 8h.30, outras às 9h, às 18 – 18.30h e 19h algumas.

Muito tempo.

Graça - E, dentro desse tempo, elas têm período para, visto que não podem ir lá para fora, período para recriarem sozinhas?

Educadora- Têm, na parte do prolongamento de horário este ano só fica um em cada sala. O prolongamento de horário é feito na própria sala e, portanto, elas têm um bocadinho, porque vão indo embora e têm pouco tempo. Geralmente é só um jogo simbólico que elas fazem à tarde e têm, nesse aspeto.

Graça - Portanto, naquele intervalo da manhã eles fazem, têm possibilidade de recriar alguma coisa ou é só mesmo ir à casa de banho, lanchar e depois voltam outra vez para a sala de atividades?

Educadora - Este ano aproveitamos que vamos lanchar além ao refeitório e o polivalente, muitas vezes, nessa hora, até estava ocupado, mas consegui que os miúdos mais velhos respeitassem os meus e então essas danças que ai na moda, todas, as da primária põem-se a dançar e os meus também, as minhas meninas têm dançado com elas e têm estado aí 10 minutos, um quarto de hora, tenho conseguido que elas fiquem além no polivalente, a dançar, a criar coreografias e algumas ficam na mesa a fazer essas tais brincadeiras de pintura e não sei quê. Tenho conseguido, sim, esse bocadinho.

Graça - Como organiza o tempo, tendo em atenção a organização das atividades do dia?

Educadora - Portanto, temos... Nunca é rígido, dependendo da... Mexe, por exemplo, da manhã eles nunca entram todos ao mesmo tempo, portanto têm o 1º tempo que é esse tal tempo que uns, eu permito que eles tragam (há pessoas que não permitem que eles tragam brinquedos), nessa parte mais para atividades livres, eu permito que eles brinquem com os brinquedos deles a partilhar, porque alguns até tinham dificuldade em partilhar e ao trazerem os brinquedos deles “só podem brincar com eles, se brincarem com os vossos colegas” e eles brincam. Portanto é nessa hora que eles mostram os brinquedos deles, que eles criam essas brincadeiras novas. E então, nessa hora, temos de esperar pelo grande grupo para começarmos a trabalhar, a fazer as atividades orientadas, até estar o grande grupo e é a essa hora que eles realmente... O grupo está muito desenvolvido até ao nível da expressão plástica porque muitos vão para a expressão plástica, outros vão para os jogos de mesa, outros vão para... Há uma parte de lá que que é trabalhar a matemática, eles já sabem, como tenho um grupo jeitosinho de anos e para a literatura também elas vão para ler, portanto nessa hora permite que façam isso. Depois vamos juntos planificar, às vezes, algumas coisas em conjunto, outras vezes eu já trago orientado e fazemos e depois, isto desde as 10 menos 20 às 10h20, depois atividades orientadas, quando elas contam as histórias deles, falam do que querem, falamos/projetamos o trabalho para esse dia e depois vão lanchar às 11 menos 10, 11 menos um quarto até ao meio dia menos 20, menos um quarto estão a trabalhar muitas vezes em jogos orientados, outras vezes, em trabalhos de expressão plástica. À tarde, eles estão do 12h30 às 13h30 sentados a ver filmes, por norma, às vezes são eles que querem ir acabar o trabalho porque não terminaram, mas muitas vezes eu prefiro que eles brinquem, então vão brincar mais um bocadinho e depois então sentamo-nos, voltamos a relembrar e fazemos a avaliação e depois trabalham um bocadito e no final fazemos, quase sempre, a avaliação. “Vamos avaliar o nosso trabalho” e eles avaliam, às vezes, o trabalho com estrelas 5 estrelas, 3 estrelas ou 2 estrelas, ou “muito bem” ou “assim assim” ou “muito bem” e fazemos isso quase diariamente. Fazemos a avaliação, depois 10 minutos ou um quarto de hora para tirar as presenças, que eles tiram todos os dias, e fazer a avaliação do trabalho.

Graça - Como organiza os espaços, quer interior quer exterior, de forma a potenciar as atividades de foro lúdico?

Educadora - São aqueles tais cantinhos que estão sempre postos, colocados né? Mas eu permito, há pessoas que não “Ah, não leves isso. São livros não vás para a casinha das bonecas”.

Graça - Faz uma circulação entre as...

Educadora - Sim, entre os materiais e entre...porque, houve alturas que eu não deixara assim, eu lembro-me de dizer, os livros é na biblioteca, mas depois num dia cheguei lá “Porque é que estão aqui os livros?” e estava uma menina deitada e estava outra deita e ela respondeu-me “Oh... só estava a contar uma história à minha filha que ela ta a dormir e eu disse “Ai, desculpa então eu não sabia, então podes ler” e depois pede “Vá os meninos vão fazer pouco barulho, façam silêncio porque ela está a contar uma história” e depois quando encontro estavam já vários a contar a história. Portanto eles fazem, eu permito essa livre circulação, não é rígido por norma os jogos são mais naquelas mesas, mas eu permito que levem para outros sítios os materiais. Eles depois vão lá por na mesma, no sitio, eles assumam eu permito um bocadinho isso.

Graça - Pois, no exterior, como já referi...

Educadora - No exterior é um bocado limitado é...

Graça - Os materiais de recreio...

Educadora - São poucos mesmo.

Graça - Mas acha que são fundamentais para a recriação das atividades lúdicas, das crianças? Ou não é necessário ter materiais para...

Educadora - Não, era interessante ter, eu já estive noutras escolas onde tínhamos muitos baldes, muitas pás e eles adoravam. Aqui não temos, realmente só a piscina das bolas e aquele escorrega. Eu acho que isso faz-nos falta. Um espaço maior, aberto, com materiais, mais materiais e também fechado para o tempo de inverno, também com materiais, realmente faz muita falta o jogo lúdico.

Graça - Para terminar, que materiais, no seu parecer, podem ser potenciadores para a recriação das crianças no tempo de recreio?

Educadora - Todos, lá está, baldes, essas pás, essas bacias, esses arcos, um simples giz para escrever no chão, tudo era importante. E assim é muito limitativo, mas é fundamental por exemplo, acho que só com terra batida e um pau podemos fazer muitas coisas. Às vezes inventávamos histórias, contávamos histórias, fazíamos grandes histórias. Eu tenho saudades desse aspeto que tinha na outra escola, onde fazíamos assim “hoje vou contar uma história!”, às vezes era eu, às vezes eram eles.

Com paus, mas fazíamos coisas giríssimas e isso faz falta, realmente. Houve alturas, noutras escolas, que eu tinha giz e...